

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE JORNALISMO**

LYEGE EVANGELISTA SOUSA

**A MULHER JORNALISTA:
ANÁLISE DA POSTURA DE REPÓRTERES TELEJORNALISTAS ESPORTIVAS
MEDIANTE SITUAÇÃO DE MACHISMO E ASSÉDIO EM COBERTURAS DE
DESPORTO**

Uberlândia

2023

LYEGE EVANGELISTA SOUSA

**A MULHER JORNALISTA:
ANÁLISE DA POSTURA DE REPÓRTERES TELEJORNALISTAS ESPORTIVAS
MEDIANTE SITUAÇÃO DE MACHISMO E ASSÉDIO EM COBERTURAS DE
DESPORTO**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof(a). Dr(a). Vanessa Matos dos Santos

Uberlândia

2023

LYEGE EVANGELISTA SOUSA

**A MULHER JORNALISTA:
ANÁLISE DA POSTURA DE REPÓRTERES TELEJORNALISTAS ESPORTIVAS
MEDIANTE SITUAÇÃO DE MACHISMO E ASSÉDIO EM COBERTURAS DE
DESPORTO**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Vanessa Matos dos Santos – Universidade Federal de Uberlândia

Orientador(a)

Eliane Moreira de Souza – Universidade Federal de Uberlândia

Examinador(a)

João Damasio da Silva Neto – Universidade Federal de Uberlândia

Examinador(a)

Uberlândia, 16 de janeiro de 2023

Dedico essa monografia aos meus pais, Aparecida Mateus Evangelista Sousa e Donizetti Neves de Sousa que sempre me apoiaram e que me ajudaram a conquistar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Dizem que a vida passa em um piscar de olhos e, na verdade, isso é uma afirmação verídica. Foram inúmeras lutas, desafios e sorrisos e todas as vivências contribuíram para me tornar o ser que hoje sou. Meu primeiro agradecimento vai para Deus, pois sem ele eu não sou nada. Em seguida, agradeço a menininha que eu fui um dia. Espero ter suprido todas as expectativas da garotinha que sonhava em se tornar uma grande jornalista. A menina que desde pequena adorava entrevistar os familiares, apresentar programas de TV e fingir que estava apresentando e fazendo as reportagens do meu jornal imaginário. A menina que amava viajar, conversar, entrevistar, falar e ouvir cresceu e, cada fase dela contribuiu para a mulher e profissional de hoje.

A menina curiosa cresceu, cheia de garra e posicionamento e, no ensino médio descobriu a partir de sua mãe que o seu sonho era realmente ser uma jornalista. Meu agradecimento em especial para os meus pais Aparecida Mateus Evangelista Sousa e Donizetti Neves de Sousa que sempre me ajudaram na batalha diária para a conquista de um sonho que eu achava ser impossível.

Meu agradecimento à minha avó Carmem Rodrigues Evangelista pelo carinho e apoio e por ser a melhor avó do mundo. Também aos meus familiares, em especial aos de Paracatu que me acolheram com tanto amor e carinho em suas casas enquanto eu passava pela fase de estágio na TV Cultura de Paracatu (TVC) durante a pandemia de Covid-19.

Meus agradecimentos ao pessoal da TVC pela oportunidade de realizar meu sonho de ser uma telejornalista, apresentadora do Jornal da Cidade Segunda Edição e repórter. Agradeço pela possibilidade de experienciar a vida da jornalista de TV. Meus agradecimentos também ao pessoal da Diretoria de Comunicação Social da UFU (DIRCO) e do PET Conexões de Saberes Educomunicação, locais nos quais conheci tantas pessoas que também me marcaram e também me foram fontes de aprendizado.

Agradeço à minha orientadora Vanessa Matos dos Santos que foi mais que uma orientadora, foi amiga e conselheira, sabendo me ouvir e entender os momentos pelos quais passei.

Minha gratidão em especial também a Ednilza Macedo pela amizade e carinho e, também pela revisão desta monografia. Também ao professor João Damasio e à professora Aline Cristina, Eliane Moreira e Eliane Gomide pelos ensinamentos e a amizade.

Meu agradecimento aos meus amigos pelo carinho e amizade.

Minha gratidão especial a todas as pessoas que passaram pela minha vida e, que levaram parte de mim e deixaram comigo os ensinamentos e experiências. Meu carinho especial a todos vocês. Afinal, o que levamos da vida a não ser as experiências e o que deixamos e fazemos de bom para as pessoas.

“Pela maior parte da História, ‘anônimo’ foi uma mulher”

Virginia Woolf

SOUSA, Lyege Evangelista. **A Mulher Jornalista**: análise da postura de repórteres telejornalistas esportivas mediante situação de machismo e assédio em coberturas de desporto. 2023. 115 p. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

RESUMO

O jornalismo, atividade tradicionalmente quase que exclusivamente composta por homens, com o passar dos anos vem sofrendo mudanças graduais, sobretudo com a entrada da mulher no mercado formal de trabalho, principalmente no âmbito do jornalismo esportivo, o que se deu mediante muita luta e, permanecer no território já conquistado por elas, também exige uma luta diária contra o patriarcalismo ainda presente nesse meio, sexismo e assédio. A partir dessa inquietação, este estudo objetivou compreender, com base na análise cultural e audiovisual, as mudanças de postura assumidas por mulheres repórteres telejornalistas esportivas diante situações de assédio e machismo durante o exercício da profissão. Para tanto, do ponto de vista metodológico, esta monografia utilizou a análise de casos múltiplos, proposto por Yin (2015) como método de estudo, bem assim, a descrição dos casos em função da imagem e do som, proposto por Rose (2008) e norteou-se pelo estudo cultural proposto por Hall (2016). Foram selecionados quatro casos de jornalistas que passaram por situações de assédio enquanto realizavam coberturas esportivas entre os anos de 2018 e 2022, sendo elas as profissionais: Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jéssica Dias. Deste modo, buscou-se analisar o cenário cultural tanto da época dos acontecimentos, até os dias atuais, tentando entender o que mudou entre os casos entre o período de 2018 a 2022, período que é o recorte desta pesquisa. Conclui-se que houve mudança na postura dessas telejornalistas e essas mudanças estão contribuindo para que as mulheres galguem cada vez mais espaço no mercado esportivo. Também se concluiu que as mulheres, mesmo enxergando que foram vítimas de um assédio, a partir de um beijo na face não consentido, com o passar dos anos e com as mudanças sociais, começaram a se impor diante de situações de assédio, até assumirem a postura adotada pela repórter Jéssica Dias em 2022. Não se é possível afirmar que a postura de parar o que estava sendo feito e não continuar com o que havia sido proposto, tal qual fez Jéssica Dias após ser assediada, porém, acredita-se que por meio das análises em perspectiva dos vídeos, nota-se que por meio da postura adotadas por elas, por conta da recorrência desses casos as próprias mulheres telejornalistas já estão se dando conta da violência e do assédio de que são vítimas constantes e estão se colocando em um papel mais ativo, adotando outro tipo de postura, mais imponente. Este trabalho de pesquisa mostra que, mesmo devagar, com o passar dos anos está ocorrendo um movimento social em relação às telejornalistas esportivas, o qual, mesmo que não seja de forma tão imersiva, está mobilizando o meio profissional. Portanto, conclui-se que a postura adotada pelas profissionais do jornalismo esportivo também expõe encorajamento e, com isso, talvez cause possíveis mudanças sociais e culturais, que se amplamente discutidas, podem trazer mudanças para o cenário e contexto cultural atual e futuro.

Palavras-chave: jornalismo; assédio; telejornalismo esportivo; mulheres

ABSTRACT

Journalism, an activity traditionally composed almost exclusively of men, over the years has undergone gradual changes, especially with the entry of women into the formal job market, mainly in the field of sports journalism, which took place through a lot of struggle and, remaining in the territory already conquered by them also requires a daily struggle against the patriarchy still present in this environment, sexism and harassment. Based on this concern, this study aimed to understand, based on cultural and audiovisual analysis, the changes in posture assumed by female sports reporters in the face of harassment and machismo situations during the exercise of their profession. Therefore, from a methodological point of view, this monograph used the analysis of multiple cases, proposed by Yin (2015) as a study method, as well as the description of cases in terms of image and sound, proposed by Rose (2008) and was guided by the cultural study proposed by Hall (2016). Four cases of journalists who experienced harassment while covering sports between the years 2018 and 2022 were selected, the professionals being: Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago and Jéssica Dias. In this way, we sought to analyze the cultural scenario both from the time of the events to the present day, trying to understand what changed between the cases between the period 2018 to 2022, the period that is the focus of this research. It is concluded that there has been a change in the attitude of these telejournalists and these changes are contributing to women gaining more and more space in the sports market. It was also concluded that women, even realizing that they were victims of harassment, from a non-consensual kiss on the cheek, over the years and with social changes, began to impose themselves in the face of harassment situations, until they assumed the posture adopted by reporter Jéssica Dias in 2022. It is not possible to say that the posture of stopping what was being done and not continuing with what had been proposed, as Jéssica Dias did after being harassed, however, it is believed that due to through the perspective analyzes of the videos, it is noted that through the posture adopted by them, due to the recurrence of these cases, the women television journalists themselves are already realizing the violence and harassment of which they are constant victims and are putting themselves in a more active role, adopting another type of posture, more imposing. This research work shows that, even slowly, over the years there has been a social movement in relation to female sports journalists, which, even if not in such an immersive way, is mobilizing the professional environment. Therefore, it is concluded that the posture adopted by sports journalism professionals also exposes encouragement and, with that, perhaps causes possible social and cultural changes, which, if widely discussed, can bring changes to the current and future cultural context and scenario.

Key-words: journalism; harassment; sports television journalism; women

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Captura de tela do veículo POP! POP! POP!	74
Figura 2: Captura de tela do veículo UOL	75
Figura 3: Captura de tela do veículo Correio Braziliense.....	75
Figura 4: Captura de tela do veículo de Comunicação El País	76
Figura 5: Postagem da jornalista no Instagram.....	79
Figura 6: Comentário da postagem no Instagram de Bruna Dealtry.....	80
Figura 7: Captura de tela do veículo Rede do Brasil Atual	81
Figura 8: Vasco da Gama lança nota de repúdio.....	82
Figura 9: Torcedor pede desculpas à repórter	83
Figura 10: Repórter Julia Guimarães usa seu microfone para demarcar fala.....	87
Figura 11: Globo Esporte lamenta o episódio de assédio ocorrido com a repórter	88
Figura 12: Laura Zago posta sobre o ocorrido em seu Instagram.....	91
Figura 13: CBF Futebol faz um post sobre o acontecimento.....	92
Figura 14: Perfil posta sobre a importância da luta contra o assédio e machismo no esporte	95
Figura 15: Jornalista posta atualizações do caso em sua conta no Twitter.....	96
Figura 16: Nota de repúdio Flamengo.....	97
Figura 17: Nota de repúdio Vasco da Gama.....	98
Figura 18: Nota de repúdio Sportv	98
Figura 19: Nota de repúdio TNT Sports Br	99
Figura 20: Nota de repúdio Globo Esporte	100
Figura 21: Posicionamento de Jéssica Dias no Instagram	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Vídeos selecionados.....	71
Quadro 2: Vídeo I.....	76
Quadro 3: Vídeos II	85
Quadro 4: Vídeos III.....	90
Quadro 5: Vídeos IV.....	93

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER	16
2.1 UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO	19
3. MERCADO DE TRABALHO	23
4. TELEVISÃO E TELEJORNALISMO	26
4.1 TELEJORNALISMO: RENOVAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS	35
4.2 TELEJORNALISMO ESPORTIVO	37
5. A MULHER NO TELEJORNALISMO	42
5.1 OS DESAFIOS DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO	46
6. METODOLOGIA	62
6.1 PROTOCOLO DE ANÁLISE	70
6.2 ANÁLISE	73
6.2.1 <i>Análise do vídeo I</i>	73
6.2.2 <i>Análise do vídeo II</i>	84
6.2.3 <i>Análise do vídeo III</i>	89
6.2.4 <i>Análise do vídeo IV</i>	92
6.2.5 <i>Análise da postura da telejornalista assediada ao longo do tempo</i>	102
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o jornalismo foi considerado algo masculino, principalmente quando se trata da editoria de esportes e do mercado esportivo. Com o passar dos anos, a mídia foi se abrindo para a atuação feminina, mas isso não ocorreu sem atritos. As mulheres que atuam na editoria de esportes ainda se deparam com situações que envolvem preconceito sexual, e assédios especialmente durante as coberturas esportivas. As telejornalistas esportivas têm resistido bravamente a esse cenário, se impondo e conquistando território no mercado de trabalho. Paulatinamente, essas profissionais vêm lutando para permanecer no espaço que já foi conquistado por elas.

Casadei (2012), explica que durante muitos anos todas as profissões eram apontadas como apenas de “homens”, enquanto as mulheres eram destinadas aos trabalhos domésticos e assim, se sucedeu por muitas décadas. Com o jornalismo não foi diferente, principalmente no âmbito esportivo. De acordo com os autores Costa; Richartz e Leite (2019), a área do desporto sempre foi majoritariamente composta pelo sexo masculino, e aos poucos a mulher começou a ingressar profissionalmente neste “mundo”, obtendo cargos como repórteres, apresentadoras e produtoras.

Entretanto, é possível observar o patriarcalismo ainda existente nesse meio, no qual as profissionais ainda são julgadas quanto a suas habilidades e conhecimentos acerca do esporte, e assim, muitas vezes são coagidas, intimidadas, assediadas e veem seus conhecimentos e habilidades colocadas à prova. Deste modo, ainda recebem cantadas e ouvem piadas preconceituosas enquanto executam seu trabalho.

O caso das repórteres Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jéssica Dias são exemplos de profissionais que sofreram com quadros de assédio durante coberturas esportivas.

Ser mulher e colocar-se no mercado de trabalho esportivo formal não é tarefa fácil. Sendo estudada por um ponto de vista eurocêntrico e masculino em que o homem sempre é visto como quem está no poder e apontada como usurpadora do espaço masculino, tal qual explicam Rubio e Simões (2007), a busca pela conquista e manutenção de território é um desafio diário.

O esporte e o mercado esportivo ainda carregam consigo traços de anos de padrões culturais e sociais patriarcais. Culturalmente se criou a ideia de que é do homem o lugar no homem é no esporte, seja na arquibancada como torcedor, na frente das câmeras como

repórter, nos campos como jogador ou em uma mesa redonda como comentarista. Enquanto isso as mulheres continuavam restritas aos cuidados com os seus lares, filhos, maridos e afazeres domésticos, deste modo, tentando sempre se manterem doces e finas para agradarem seus cônjuges.

No início dos anos 2000 a postura das mulheres jornalistas vítimas de assédio era pautada pela surpresa e mutismo diante da violência. Situações repercutidas recentemente, no entanto, demonstram que essas mulheres não adotam mais a mesma postura. As mulheres jornalistas vítimas de assédio em coberturas esportivas estão se posicionando cada vez mais, e mostrando que a resistência é um modo de conseguir espaço no mercado do esporte.

Contudo, com o passar dos anos, as mulheres jornalistas, principalmente, as repórteres no mundo esportivo, estão encontrando mecanismos para lidar com o machismo e o assédio e desenvolvendo posturas para resistir e continuar com o seu direito de trabalhar no mercado esportivo.

Durante a cobertura da copa do mundo sediada na Rússia no ano de 2018, pôde-se notar um aumento nos casos de discriminação durante transmissões esportivas. Diversas repórteres que cobriam os jogos tiveram os seus espaços violados e o abuso se tornou bastante presente e evidente não só no Brasil, como no mundo.

Os casos das repórteres Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jéssica Dias são exemplos de profissionais que sofreram com quadros de assédio durante coberturas esportivas.

O primeiro contato da pesquisadora com a temática foi tido a partir destas transmissões, nas quais as jornalistas não se calaram e começaram a produzir posturas de resistência e encorajamento e mostrar que o esporte também é lugar de mulher.

Há muitos trabalhos no mundo acadêmico que abordam esta temática e mostram a importância de uma postura para que haja mudanças no comportamento social que está sendo discutido, também há muitas pesquisas no campo do patriarcalismo, preconceito e assédio que as mulheres jornalistas esportivas vêm sofrendo e como estão lutando para conquistar o seu espaço e permanecer nele. Porém, há um baixo índice de pesquisas do meio científico referentes especificamente à análise postural de mulheres jornalistas quando se trata de casos de assédio e a sua importância para o empoderamento de outras mulheres, e como essas mensagens são formas de resistência e permanência no mercado do esporte.

A repercussão dos casos nas redes sociais tem feito com que situações antes circunscritas apenas àquilo que a câmera captava e divulgadas somente mediante interesses nem sempre claros para a audiência¹ adentrem o universo de qualquer pessoa que, além de assistir, pode também se manifestar acerca do ocorrido.

Diversas manifestações de apoio têm gerado nas outras jornalistas e no público uma coragem maior para reagir e se empoderarem para se levantarem contra o machismo, podendo assim, se manter e permanecer no mercado do jornalismo esportivo e conquistar o seu espaço profissional.

O tema possui uma relevância muito grande para a sociedade, e por isso merece discussão. Tal posicionamento tem ampliado os debates e também fomentado o discurso de apoio às mulheres jornalistas vítimas de assédio no exercício de suas atividades.

Esses acontecimentos foram o bastante para que mulheres do mundo todo começassem a pensar sobre o caso e se sensibilizar por esta causa. Em termos de mensagem, o silêncio também se configura como uma, porém, quando essas relações de poder não são discutidas, não oferecem mudanças de cenários para a sociedade. Deste modo, as posturas adotadas pelas profissionais do jornalismo também passam encorajamento para que as mulheres lidem com tais situações, sendo isso o que será analisado no presente trabalho de pesquisa.

¹ Diversos conteúdos têm sido “vazados” pelas/ para as redes sociais. Exemplos desse tipo de vazamento são os casos envolvendo o jornalista Boris Casoy que, em rede nacional acabou tecendo um comentário preconceituoso ofendendo e humilhando os gais. Diante da repercussão do fato, o jornalista precisou se desculpar, além de pagar uma indenização ao gari que foi mostrado durante a matéria. Há também o caso do jornalista William Waack, que acabou tecendo um comentário racista e preconceituoso durante uma transmissão. O vídeo foi vazado pelo operador de VT da emissora e foi parar na internet. Diante disso, por conta do comentário racista e preconceituoso, o jornalista acabou sendo demitido da Rede Globo.

2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER

Ao longo do desenvolvimento da sociedade o papel histórico e cultural da mulher que por séculos manteve-se num plano secundário, vem nos tempos mais recentes passando por transformações e ainda está em processo constante de mudanças. Para entender o papel que a mulher desempenha socialmente nos dias atuais é necessário analisar e compreender esse processo de construção.

DaMatta (1997)² têm focado as questões relacionadas à construção, valores e base da sociedade como tópicos complexos, porém necessários para entender sua construção social. Em sua obra “A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil”, o autor interpreta a sociedade brasileira a partir de um ponto de vista sociológico e, em sua pesquisa, volta seu olhar para o carnaval brasileiro como um objeto de análise. O estudo do autor mostrou outras perspectivas em relação à festa e comemorações no sistema analisado por ele.

Como posto por DaMatta (1997) a festa era uma ocasião em que o povo brasileiro se posicionava temporariamente. Além de celebrar o riso, o evento dava abertura à desordem e à escolha de papéis sociais através das fantasias, criando assim, uma relação entre opostos (ordem e desordem), licitude e ilicitude.

Haja vista a abertura para o posicionamento provisório, o autor percebeu que durante o prolongamento desse quadro, havia uma suspensão temporária dos juízos de valor, deste modo, podendo-se relacionar esse evento com quadros que por vezes são comuns no cotidiano de mulheres. Durante os momentos festivos, havendo a suspensão temporária de valores morais, situações que anteriormente poderiam ser interpretadas como casos de machismo e assédio (moral ou sexual) passam a ser entendidas como brincadeiras advindas do momento de comemoração.

Analisando a infraestrutura social brasileira apresentada pelo autor e, pensando a sociedade da maneira como foi organizada e estruturada, bem como o que é considerado como legal ou ilegal e os papéis do masculino e feminino em sua configuração como um todo, é possível analisar e correlacionar o lugar de legalidade e de poder que se criou culturalmente entre homem e a mulher.

² Roberto Augusto DaMatta é bacharel em história, especializado em antropologia social, mestre e doutor pela universidade de Harvard e procura entender a sociedade brasileira e suas desigualdades por meio da análise do carnaval e de outras festividades, além de futebol, música e mulheres. Disponível em: <https://www.agenciarriff.com.br/autores/roberto-damatta/>. Acesso em: 29 maio.2022.

Em princípio, pensar a relação criada entre os opostos e o lugar social ocupado por cada um dos gêneros é um dos caminhos para entender o contexto organizacional que vai desde a sua estrutura até sua organização social e as relações de poder criada entre os gêneros.

Dentro dessas relações de poder criadas, DaMatta (1997) aponta a existência de duas categorias em que os espaços geográficos se designam como entidades morais e com itens que são capazes de despertar emoções e reações. O autor nomeia essas noções sociais como “casa” e “rua”. Segundo o pesquisador, a oposição entre a casa e a rua se transforma em uma relação dualista em que a primeira é correspondente à esfera social dominante, enquanto a segunda corresponde à esfera dominada, deste modo, é possível perceber relações de poder e hierarquia.

Para o autor, as concepções e conceitos da representação cultural do que é ser homem e mulher na sociedade estão sofrendo mudanças graduais, e isso está sendo representado nas telenovelas. Algumas mudanças perceptíveis vão desde o vestuário de ambos os sexos, até as funções destinadas ao masculino e ao feminino no mercado formal de trabalho. O que entendemos sobre o conceito de mulher na mídia também está se transformando progressivamente.

A mulher na cultura brasileira, segundo DaMatta (1997) é tida como um paradigma, pois, a figura feminina se comporta como mediatrix da cultura brasileira e, seguindo este raciocínio:

Ligam o interno (o ventre, a natureza, o quarto, as matérias-primas da vida que sustentam a vida: alimentos em estado bruto) com o externo; são a razão do desejo que movimenta tudo contra a lei e a ordem, pois é no pecado e na transgressão que concebemos a mudança e a transformação radical e aqui está uma imagem de mulher (DAMATTA, 1997, p. 74).

Continuando esta linha de raciocínio, embora midiaticamente o conceito e a representação de mulher esteja sendo alterada, Rosemberg (2001) aponta que em outras áreas do mercado formal de trabalho, o cuidar segue sendo o nicho principal para a destinação delas. Em sua obra “Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo, Estudos Feministas”; a partir de uma análise feita sobre os dados coletados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Rosemberg (2001) obteve um resultado que apontava o sistema de ensino brasileiro é o nicho do mercado formal de trabalho que mais comporta mulheres.

Mediante análise dos dados obtidos, Rosemberg (2001) apontou que as mulheres representam mais de 80% da força de trabalho na educação, uma área que ainda é responsável por cuidar, ensinar e alfabetizar. Com dados atualizados do ano de 2020, segundo o Censo Escolar do mesmo ano, a participação das mulheres na educação infantil ainda é maior que a dos homens, atingindo a marca de 96,4% nos anos iniciais e finais do ensino fundamental e correspondendo a cerca de 66,8% no ensino médio, deste modo, representando cerca de 57,8% do número total de docentes.

Rosemberg (2001), indica que ainda há desigualdade no sistema social, seja no âmbito do sistema das Nações Unidas ou ONGs. Os indicadores quantitativos para acompanhar as “desigualdades de gênero” no plano da educação comparam taxas brutas ou líquidas de escolaridade de homens e mulheres, em diferentes níveis escolares e em diversas idades. Ainda segundo a autora, constrói-se, assim, um indicador de ‘gender gap’, que é um índice utilizado na comparação do desequilíbrio entre os gêneros para diferentes países em âmbito global. A autora faz essa discussão por conta da desigualdade de gênero ainda existente, tanto no âmbito da educação, quanto das oportunidades no mercado de trabalho.

Diante da desproporção de oportunidades, a autora aponta que o trabalho doméstico já foi responsabilizado pelo insucesso das meninas em todo o mundo subdesenvolvido. Segundo ela, isso ocorre em decorrência do possível adultocentrismo³ que percorre as reflexões. De acordo com a pesquisadora, a responsabilidade feminina pelo trabalho doméstico dificulta ou impede a participação das mulheres adultas no mercado de trabalho, pois, essas generalizações tendem a naturalizar essa construção social e histórica, sendo assim, um alimento rico para produção de ideologias que tendem a reforçar a dominação de gênero.

As maiores dificuldades de escolaridade das meninas, em certos países, decorreriam de sua responsabilidade precoce pelo trabalho doméstico; nos países em que o êxito escolar das meninas é superior ao dos meninos, responsabiliza-se o trabalho extra-doméstico pelo fracasso masculino (ROSEMBERG, 2001, p. 530).

Considerando a desigualdade na educação, mercado de trabalho, construção social e cultural, entre outras normas de comportamento que são consideradas socialmente e

³ O Adultocentrismo é uma prática social que estabelece o poder aos adultos deixando os jovens e crianças com menos liberdade devido a alguma carência de formação. Disponível em: <https://leituriha.com.br/blog/adultocentrismo-sera-que-esquecemos-que-ja-fomos-criancas/>. Acesso em: 29 maio. 2022.

culturalmente lícitas para as mulheres executarem, o trabalho extra doméstico ainda é um desafio a ser enfrentado por elas. Para além da naturalização de ideologias sociais, ainda encontra-se o paradigma do “ser mulher”, com suas construções de gênero, ideologias e visões sociais, por isso, adiante, haverá uma discussão sobre o gênero e a sua relação com o mercado formal de trabalho.

2.1 UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO

Tendo em vista a construção social e histórica da mulher e o lugar em que ela ocupa tanto nos lares quanto no mercado formal de trabalho, para compreender sua posição na sociedade primeiro é necessário entender o gênero mulher e o seu sentido.

Butler (2011, apud HADDAD E HADDAD, 2017) explica que o gênero é uma estrutura não binária que é constituída por um coletivo. Além disso, a autora elucida que essa estrutura é moldada por uma relação de poder que não é socialmente percebida. Ademais, Butler (2011) explica que o gênero é constituído por uma série de atos repetitivos e discursos de sexualidade, contendo uma estilização corpórea.

Os autores explicam que essa estilização ocorre pois, na sociedade há uma pré-definição de papéis que são guiados a partir do sexo biológico do indivíduo. Partindo desses papéis preestabelecidos, são esperados, desde o nascimento do sujeito, comportamentos sociais e culturais de cada um dos gêneros, desta forma, engloba-se nestes comportamentos: maneiras de falar, vestir e agir.

Em virtude disso, Haddad e Haddad (2017) explicitam que há uma teatralização de gestos corporais, falas, movimentos e encenações a partir do que é social e previamente esperado dos indivíduos de cada um dos gêneros. Logo, diante dessas relações de poder, Butler (2011, apud HADDAD E HADDAD, 2017) denota que a mulher é modelada socialmente como um ser a serviço dos interesses reprodutivos.

Seguindo o pensamento de Butler (2011), Haddad e Haddad (2017) apontam que o gênero é construído social e anatomicamente no que se refere ao masculino e feminino, desta forma, essa estruturação é iniciada ainda antes do nascimento do ser. Rosa ou azul? É um menino ou uma menina? São perguntas comumente feitas às gestantes.

Desde o ventre, essas edificações quanto ao masculino e feminino já são impostas socialmente e culturalmente e, com elas, a hierarquia das relações de poder entre os gêneros.

Ademais, os autores esclarecem que o gênero não é uma identidade estável e nem um local de ação. É uma identidade tenuemente constituída no tempo, na qual cada ser nasce com um sexo biológico que lhe é designado ainda no momento do nascimento e, a partir desse sexo biológico, é construído para esse sujeito um papel social e cultural na sociedade.

Desse modo, conforme Butler (2011, apud HADDAD E HADDAD, 2017), a construção social dos gêneros masculino e feminino é realizada de uma maneira tão sutil a ponto da força entre a relação de poder exercida entre os gêneros não ser explicitamente percebida. Desta forma, a sutileza desta relação cria uma matriz heterossexual, em que o sujeito é determinado a partir de sua genitália.

Ainda tratando-se da matriz heterossexual criada a partir dessa relação de poder entre os gêneros, conforme Butler (2011), o gênero é performativo, imposto culturalmente e excludente com quem não se enquadra no comportamento social exigido pela heteronormatividade e, quando amplamente replicado, legitima essa ação de exclusão.

Para Butler (2011, apud HADDAD; HADDAD, 2017), cada pessoa nasce com um sexo biológico que lhe impõe papéis sociais e culturais, e o papel da mulher na sociedade é constituído culturalmente e sofre mudanças conforme o tempo, enquanto para Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais e é uma forma primária de dar significado às relações de poder na sociedade, como uma espécie de hierarquia social.

Scott (1995) aponta que a recente utilização do termo “gênero” no feminismo tem como função enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Para a autora, assim como Butler (2011), o gênero enfatizava as normas de conduta da feminilidade.

De acordo com o ⁴blog Pantys, a feminilidade pode ser entendida como uma série de comportamentos e qualidades que culturalmente e socialmente são esperados de uma mulher, sendo eles a meiguice e a delicadeza. Sendo assim, a feminilidade pode ser entendida como normas ou atitudes aceitas socialmente como femininas.

Ainda segundo o pensamento de Scott (1995), na utilização mais recente e simples do termo “gênero”, ele é utilizado como sinônimo da palavra “mulher”, e visa a erudição e a neutralidade deste termo. Deste modo, Scott (1995) aponta que essa sinonimização interfere na tomada de posição sobre a desigualdade ou poder, incluindo as mulheres no termo sem as nomear, assim, servindo também para designar relações sociais entre os sexos. O termo

⁴ O blog foi mencionado no trabalho de pesquisa pois é um local em que foi abordado o tema “feminilidade” e como ela está socialmente e culturalmente presente.

gênero, segundo a autora, é uma forma de indicar uma construção de ideias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres na sociedade.

Esse uso do termo "gênero" constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80. Mas esse é apenas um aspecto. O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. (SCOTT, 1995, p.75)

Para contribuir com a discussão entre sexo e gênero e sinonimização do termo “gênero” e a eruditização e neutralização da palavra mulher, conforme citado por Scott (1995), retomando a discussão entre construção social e sexualidade, Beauvoir (1970) aponta que ser mulher é uma construção social que vai além de atos, sexualidade, corpo e papel biológico, sociológico e antropológico, conforme a autora, nenhum ser nasce como uma mulher, mas se torna uma.

Beauvoir (1970) explica que o conceito mulher é um gênero variável e volitivo que vai além de um órgão genital. Ser mulher é algo cultural. Em concordância com a autora, para auxiliar a argumentação, Butler (2003), em sua obra “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade” aponta que embora a unidade indiscutida da noção de “mulher” seja frequentemente utilizada para construir uma solidariedade da identidade, há uma divisão entre sexo e gênero, sendo o gênero culturalmente assumido pelo corpo sexuado. Segundo Butler (2003, apud FIRMINO E PORCHAT, 2017), ainda que se haja um descolamento entre as questões de sexo e gênero, o “tornar-se mulher” é uma relação de livre arbítrio que permite ao sujeito, seja de qual for o sexo biológico, tornar-se uma mulher.

Entretanto, essa escolha é feita de acordo com o contexto cultural e um regime que coloca imperativo nos sexos. Deste modo, ainda segundo os autores, o livre arbítrio das escolhas está relacionado ao gênero, este que por sua vez, está em constante oposição e negociação com um conjunto de normas sociais que de acordo com o sexo biológico dizem como é permitido se comportar, vestir e desejar. Para Firmino e Porchat (2017, p.6):

“Escapamos do determinismo biológico, mas não da compulsão cultural que utiliza o sexo como referência”.

Ainda tratando-se do gênero e suas construções, assim como a pesquisa de Rosemberg (2011), Ribeiro e Costa (2011) explicam que a construção do gênero feminino a partir da biologia gera atributos imutáveis ao sujeito fêmeo e que a ideia prevalecente é a de que a mulher já nasce com as características de ser mãe, dona de casa e predestinada a cuidar.

Scott (1995) aponta que o uso do termo gênero rejeita as explicações biológicas como uma forma de subordinação baseada na ideia de que as mulheres têm a capacidade de dar à luz enquanto os homens são portadores de uma força muscular superior. Dessa maneira, o termo gênero se torna uma forma de indicação destas construções culturais e da criação de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Portanto, a partir dessas visões pré-estabelecidas pela sociedade, as mulheres são inseridas em locais de trabalho que remetem ao cuidar, ao lar, e, desta forma, o magistério é tido como um local lícito e aceito socialmente para elas. Diante da ideia de fragilidade que foi instaurada, a mulher foi designada a trabalhos que envolvem questões domésticas, do cuidar e servir a casa e ao esposo.

Essas designações geraram para elas algumas amarras sociais. Uma das amarras pode ser encontrada na questão do matrimônio e no âmbito da gravidez, uma vez que na visão social, principalmente na masculina, a mulher se torna incapaz de trabalhar fora do seu lar e cuidar dos filhos. Tratando-se de uma questão de construção social e cultural de que o lugar da mulher era em casa e a responsabilidade de cuidar do lar era dela, enquanto os homens levariam o “sustento” para a casa, acarretou a elas o papel cultural de reprodução e submissão.

Conseguir burlar o papel cultural e social imposto, além da conciliação do trabalho fora do lar e da maternidade se tornou uma batalha diária para que as mulheres conseguissem adentrar o mercado de trabalho.

3. MERCADO DE TRABALHO

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi feita por meio de muita luta, principalmente no âmbito do jornalismo. A luta das mulheres pelo ingresso no mercado formal de trabalho, historicamente, iniciou-se na década de 1940, com a lenta industrialização e com o movimento sufragista, iniciado entre o fim do século XIX e o início do século XX, conforme demonstra Santos (2017) em seus estudos.

Mulheres eram impedidas de votar para cargos políticos e exercerem os seus direitos, deste modo, se organizaram e foram às ruas com o intuito da conquista do direito ao voto, educação, cidadania e possível inserção no mercado de trabalho formal. O movimento teve diversas fases. Em 1932, o cenário começou a sofrer alterações no Brasil com a facilitação da obtenção do voto feminino. Santos (2017, p.5) aponta que o direito feminino ao voto só foi possível a partir de 1934, e ainda sim, as mulheres eram tratadas como “os brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos”.

Isso posto, Casadei (2012) explica que, durante muitos anos, todas as profissões eram consideradas como um mercado masculino. A autora aponta que enquanto os homens ingressaram no mercado formal, as mulheres eram destinadas ao trabalho doméstico. Este pensamento se sucedeu por muitas décadas e, com o jornalismo, não foi diferente, principalmente no âmbito esportivo.

De acordo com Costa; Richartz e Leite (2019), na área esportiva, seja na torcida ou no campo atuando diretamente como participantes de uma partida, quanto nas coberturas, o mercado do desporto sempre foi majoritariamente composto por homens. Aos poucos a mulher começou a ingressar profissionalmente neste “mundo” esportivo como repórter, apresentadora e produtora.

Diante disso, com alguns direitos já conquistados como a liberdade do voto e da possibilidade de se tornar elegível, de acordo com Perrot (2007), o mercado de trabalho formal ainda não era uma possibilidade para as mulheres.

Ainda segundo Perrot (2007), conseguir uma inserção no mercado de trabalho se convertia em uma tarefa árdua, uma vez que a ideia já replicada durante muitos anos de fragilidade e destinação ao lar, marido e aos filhos as impediam de buscar o seu lugar fora do matrimônio e do lar.

Para acrescentar a discussão sobre o mercado de trabalho jornalístico, segundo Renault (2016), hoje no Brasil, a maioria dos profissionais jornalistas são mulheres e formam a parcela mais escolarizada da população brasileira. A autora aponta que o jornalismo pode ser considerado como uma profissão feminina, pois é exercido em sua maioria por mulheres. Renault (2016) buscou entender um pouco mais sobre o mercado de trabalho jornalístico brasileiro a partir de uma pesquisa denominada de “Perfil do jornalista Brasileiro”. A partir da realização desta pesquisa, obteve um resultado que indicou um padrão entre as profissionais atuantes nesta área, sendo elas em sua maioria brancas, solteiras, com até 30 anos de idade, enquanto que as jornalistas com idade entre 31 e 40 anos somavam 21,9% e, cerca de 8% das profissionais tinham menos de 50 anos de idade.

Complementando a discussão sobre o padrão de profissionais jornalistas no campo do jornalismo esportivo encontrado na análise de Renault (2016), outra pesquisa sobre a mesma temática também foi realizada pelos pesquisadores Pacheco e Silva (2020). A investigação foi realizada a partir da participação de 38 jornalistas que trabalhavam no âmbito esportivo, deste modo, durante o levantamento foi possível perceber um padrão entre as participantes. Segundo os pesquisadores, o resultado do perfil traçado apontava que a maioria das entrevistadas possuía entre 30 e 39 anos e eram solteiras, brancas, heterossexuais e nascidas na cidade de Belo Horizonte. Todas possuíam alto grau de escolaridade e graduação na área de jornalismo. Outra parte do resultado obtido durante a análise é que as profissionais eram advindas de instituições de ensino particulares e trabalhavam em emissoras de TV.

Ademais, Renault (2016) explica que mesmo com a escolarização, a ascensão social para as mulheres é uma realidade contraditória, pois, segundo a autora, a violência presente no cotidiano delas, podendo ser tanto de caráter físico quanto simbólico⁵, é um fator que dificulta esse progresso.

Além da violência cotidiana, Negrini e Brandalise (2016) apontam a predominância de homens nos cargos de chefia como um outro problema para a ascensão das mulheres no mercado de trabalho. Negrini e Brandalise (2016) destacam uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (TMJ/UFSC), denominada de “O perfil do jornalista brasileiro”, aponta que cerca de 64% dos jornalistas no país são mulheres, entretanto, quando trata-se de cargos de

⁵ A violência simbólica é um conceito criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para descrever o processo de imposições de valores culturais, na medida em que os efeitos da violência tendem a ser psicológicos. Disponível em: [http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/mod-1/violencia simbolica.html](http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/mod-1/violencia%20simbolica.html). Acesso em: 06 jun. 2022.

chefia e liderança há uma predominância masculina exercendo esses cargos. As autoras mostram que mesmo evidente o avanço das mulheres na categoria, ainda há uma disparidade em relação aos homens nos cargos de liderança.

Conforme os autores, a ascensão das mulheres na carreira do esporte ainda é algo muito complicada e principalmente quando se aspira aos cargos mais altos como os de liderança e que limitam quais são os espaços legítimos a serem ocupados pelas mulheres, conforme mostra uma entrevista contida na pesquisa de Pacheco e Silva (2020):

Uma interlocutora aponta para a dificuldade de progressão na carreira revelada pela sua vivência profissional. Em sua argumentação reside a percepção de que há barreiras marcadas pelo gênero que tornam desigual a possibilidade de ascensão na carreira. Portanto, segundo as narrativas dessas jornalistas, não basta ser competente e qualificada para romper com o ‘teto de vidro’, mas é necessário, mesmo que isso não seja uma garantia de alcançar posições de mando, ‘ralar mais’ e ‘se esforçar em dobro’ para tentar atingir a mesma posição que seus colegas homens alcançam com maior tranquilidade. Elas se queixam de que eles ascendem mais rapidamente e recebem os melhores salários - *“os homens são os grandes nomes do jornalismo”*. (PACHECO; SILVA, 2020, online)

Diante disso, Renault (2016), aponta que no cenário social, o telejornalismo surge como um campo simbólico de representação⁶, permitindo à mulher ter um lugar de referência para se destacar profissionalmente e socialmente.

⁶ De acordo com Pierre Bourdieu, a representação simbólica é um conceito que é definido por ser um espaço no qual há uma estruturação de posições onde tanto os dominantes quanto os dominados lutam pela obtenção de um determinado posto. Disponível em: <https://revistascientificas.iftj.edu.br/revista/index.php/revistapct/article/download/14/14>. Acesso em: 10 jul. 2022.

4. TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

Paternostro (1999) aponta que com o desejo da quebra entre espaço e tempo construiu-se uma máquina que combinava simultaneamente a imagem e o som e, esta, conseguia difundir uma informação em larga escala, se comparada às sociedades tribais em que a comunicação era feita interpessoalmente e havia riscos de distorção de informação. Essa criação quebrava barreiras físicas entre países, cidades e estados. A televisão, criada no século XX, graças a muitas pesquisas de cientistas, incorporava elementos de áudio e vídeo a uma nova forma de repassar notícias.

De acordo com Paternostro (1999), a televisão é um aparelho que foi sendo aprimorado no decorrer da história, começando com uma luz que permitia a passagem de corrente elétrica até a codificação das ondas eletromagnéticas, estas, que por sua vez, possibilitam a transmissão da mensagem através de antenas.

Jambeiro (2002) aponta que a televisão chegou ao Brasil em meados de 1950 pelas mãos de Assis Chateaubriand. O equipamento que foi adquirido em Nova Iorque no ano de 1948, por ser um item importado, era dispendioso e, na época, era visto como artigo de luxo, sendo pouco acessível à população.

Como consequência dos custos gerados pelo aparelho, os primeiros canais de televisão eram consumidos por um público com maior poder aquisitivo, as chamadas elites econômicas e, esses canais seguiam uma programação voltada a personalidades clássicas como: Shakespeare, Hamlet, Macbeth e Dostoievski, além disso, outros conteúdos também clássicos transmitidos nas programações eram ballet e música clássica.

Entretanto, em meados de 1950, surgiram os primeiros programas de auditório que exploravam a música popular e a imagem dos intérpretes. Com o passar dos anos, a televisão começou a se moldar visando atingir também a população com menor renda na sociedade. Porém, ainda segundo Jambeiro (2002), por conta dos altos custos da aparelhagem, houve adversidades durante esse processo. Assim como no rádio, por ser algo novo e utilizado pela elite, o preço dos aparelhos e do receptor era um fator determinante para avaliar o tipo de público consumidor.

Jambeiro (2002) aponta que essas mudanças de programação para atender a classe menos abastada da população brasileira passou por processos de migração de profissionais antes oriundos das rádios para as emissoras de televisão. Assim, esses profissionais precisaram se adaptar e adequar os seus trabalhos da rádio para a televisão.

Ademais, ainda segundo o autor, no final dos anos 1950, as empresas estrangeiras produtoras de receptores de sinais de TV começaram a baratear os produtos. Como consequência disso, os aparelhos de recepção de sinal se tornaram mais acessíveis à população brasileira de baixa renda, iniciando desta forma o crescimento da venda destes produtos no Brasil, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Conforme o autor, "começa aí a marcha inexorável da televisão para se colocar como o mais eficiente veículo de vendas e de entretenimento jamais visto no Brasil" (JAMBEIRO, 2002, p. 52).

De acordo com o pesquisador, mesmo que as emissoras tenham sido instaladas no Brasil, não havia possibilidade de transmissão em redes entre elas, os programas eram mostrados ao vivo e produzidos localmente, e como consequência, começaram a ser transmitidos nacionalmente e colocados na grade de programação somente após o surgimento do videoteipe⁷ ou VT. Essa inserção ocorreu pela primeira vez em 21 de abril de 1960 na cidade de Brasília.

Além da introdução nacional de conteúdos gravados nas programações das emissoras locais e difusão nacional desses conteúdos, o videoteipe conforme explica o autor, foi um dos responsáveis pela nova era da TV brasileira, porém, ainda segundo o autor, ainda que trouxesse inovação, também carregou consigo pontos negativos. A nova fase da TV e o advento do VT foi responsável pela remoção da autonomia produtiva das emissoras, principalmente de produções locais; também removeu das emissoras o caráter local da programação, assim, dando início ao sistema de filiação entre elas.

Assim como mostra o autor, a TV foi manuseada durante os anos 1950 como uma extensão do rádio, adquirindo os mesmos padrões de produção e programação, porém, conforme ia conquistando a adesão por parte da população, surgiu uma necessidade de autonomia. Jambeiro (2002) aponta que nos anos 1960 a TV buscou um novo processo de produção, de forma que este se adequasse às suas próprias características. Como um veículo que possui processos midiáticos, envolvendo o processo de recepção e emissão de informações e conteúdos através dos artifícios do audiovisual, a TV além de transmitir ideias, também vendia produtos e serviços. Desta forma, para modo de sobrevivência, a televisão precisou se inovar e, com isso, desenvolver a sua própria linguagem e noções básicas de texto.

⁷ Os vídeotapes criados em 1956 nos Estados Unidos eram uma fita de material plástico, fina e com uma cobertura magnética usada para o registro de imagens e sons que passavam na TV. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/surge-uma-bomba-em-1959-na-tv-o-video-tape/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Paternostro (1999) aponta que a televisão é um veículo de comunicação que carrega consigo a característica de ser puramente sensorial e emocional, além disso, possui uma linguagem dinâmica que visa a interação com a audiência. Segundo a autora, a informação visual é transmitida ao receptor a partir dos recursos de áudio e imagem, levando ao telespectador uma determinada informação que amplia o seu conhecimento de mundo. Ademais, essa transmissão é realizada instantaneamente por meio de satélites que levam o sinal até a antena de recepção do telespectador.

A instantaneidade é outra característica da televisão apontada por Paternostro (1999). Por ser transmitida via satélite, a informação passada através da televisão se torna momentânea, não permitindo que o espectador volte e veja novamente o que foi passado na programação. Portanto, a TV se torna um canal para ser assistido e ouvido.

Quanto à linguagem, segundo a autora, quando se trata da TV é preferível uma boa imagem a mil palavras, pois, a imagem é quem comanda o texto que é escrito para ser falado. Desta forma, a linguagem da televisão carrega a emoção consigo.

Para além das emoções que a linguagem televisiva carrega junto dela, Paternostro (1999) explica que a TV também exerce um certo fascínio sobre os telespectadores, conseguindo transportá-los para um outro mundo, e contando a notícia de forma que ela cause certa familiaridade por parte dos emissores, sendo eles repórteres ou apresentadores com os espectadores. Por consequência, a familiaridade é apontada pela autora como um item que causa a atração dos espectadores por esse meio.

Partindo para o texto televisivo, de acordo com a autora, o texto de TV é montado para ser falado, portanto, é necessária uma maior preocupação com a característica da oralidade e da imediatez. Deste modo, o texto precisa ser entendível, realizado em laudas e bem pontuado para indicar pausas e entonação de voz ao apresentador.

Sendo diferente do texto dos demais canais de comunicação como jornais impressos, revistas, dentre outros, o texto da televisão não permite rimas, cacófatos e nem frases longas e intercaladas.

Dando seguimento às mensagens passadas via televisão, a estudiosa comenta que nos textos realizados para TV as mensagens são transmitidas de forma superficial. O custo das transmissões, compromissos comerciais e a briga pela audiência, são segundo a autora, itens que impediam o aprofundamento da mensagem, deixando-a mais densa e específica.

Além de ser uma nova forma de repassar a informação e difundi-la amplamente, com sua linguagem própria, segundo Paternostro (1999), a televisão não é apenas um instrumento de repasse de informações de modo a alertar e comover o espectador, ela é também um modelo de negócios que comporta investimentos financeiros desde a sua chegada ao território brasileiro.

Machado Filho (2011) aponta que quando a TV chegou ao Brasil, por conta da sua aceitação e popularidade, em 1983 surgiu o primeiro e maior conglomerado Brasileiro de Emissoras e Diários Associados criados pelo próprio Chateaubriand, o jornalista e empresário inaugurou a primeira emissora da América Latina, a TV Tupi-Difusora, esta começou a ser transmitida com imagem e som para cerca de 500 aparelhos receptores televisivos na cidade de São Paulo, e após três meses para 2000 aparelhos de TV. Muitas emissoras e diários brasileiros associados começaram a investir dinheiro na televisão para ter os seus produtos anunciados nos intervalos da programação.

De acordo com Machado Filho (2011), com a necessidade de se manter economicamente no mercado, a televisão buscou criar o seu modelo de negócios, este que já era oriundo do rádio é o modelo que mantém viva até os dias atuais. Segundo o autor, o modelo escolhido para essa manutenção foi o uso da propaganda entre os intervalos da programação e, esse dinheiro advindo das propagandas era utilizado para financiar a programação televisiva. O autor comenta que esse subsídio se dava por:

Tanto o rádio quanto a televisão eram gratuitos e pagos pela propaganda. Era o início do chamado modelo de mídia para o Grátis: um terceiro (o anunciante) subsidia o conteúdo, de modo que uma das partes (o ouvinte ou espectador) possa recebê-lo gratuitamente. (ANDERSON, 2009 apud MACHADO FILHO, 2011 p.40)

Ainda de acordo com o pesquisador, mesmo que esse modelo se perdesse nos dias atuais, os modelos de negócio são um pouco diferentes tratando-se das emissoras de TV a Cabo (TV por assinatura) e TV aberta. O autor aponta que diferentemente das emissoras de canais abertos, a televisão a Cabo conta com a renda adicional advinda do pagamento mensal dos assinantes.

Mesmo que ainda haja a comercialização de anúncios entre os espaços nas grades das programações, as emissoras utilizam os programas noticiosos e de entretenimento com fins de atrair a audiência, para que desta forma haja a exposição das mensagens publicitárias.

Entretanto, ao contrário dos canais por assinatura, os canais abertos não contam com a renda mensal dos assinantes, estes obtêm a sua renda apenas por meio da publicidade e das propagandas investidas nessas emissoras. Entretanto, os canais abertos necessitam dos pontos de audiência, estes que são consumidores destas publicidades.

Ainda segundo o autor, com o advento da internet, a audiência das televisões está diminuindo e, esse modelo de gratuidade começou a colapsar, portanto, quanto menor a audiência, menos anunciantes e conseqüentemente, menos renda e rentabilidade para as emissoras. O escritor comenta que: “Estes, por sua vez, seguirão a audiência onde ela for maior ou onde a relação custo/benefício for mais eficaz. Entretanto, alguns executivos das principais emissoras do país acreditam que a televisão ainda irá manter boa parte dessa audiência por um longo período”. (MACHADO FILHO, 2011, p. 40).

Ainda de acordo com o autor, com a queda nos números de audiência, a TV está buscando se adaptar ao novo cenário e, principalmente, ao cenário pós pandemia de Covid-19.

Os modelos de televisão, segundo Machado Filho (2011), estão sendo desafiados devido a nova era digital, na qual os telespectadores estão interconectados e têm as suas buscas personalizadas. Portanto, diante das novas tecnologias de interconexão de telespectadores, a TV aberta que se mantém com a venda da minutagem no seu tempo de emissão, e tem por trás um grande investimento visando o lucro, faz com que as televisões necessitem de uma reinvenção para atrair novamente a audiência de massa. Mas surge uma questão: diante das novas tecnologias, ainda vale a pena manter uma emissora de televisão aberta no Brasil?

Castells (2003 apud MACHADO FILHO, 2011) explica que a partir da popularização dos videocassetes e os videoteipes fazer a gravação dos programas que antes eram transmitidos apenas na TV se tornou possível, deste modo, os videocassetes romperam em partes com a instantaneidade da linguagem televisiva.

Agora, graças aos videoteipes, era possível voltar a programação e assistir quantas vezes fossem necessárias para que houvesse o entendimento da informação passada, ou apenas por diversão do espectador mesmo. O autor conta que a possibilidade das pessoas poderem utilizar os aparelhos de gravação para a produção da própria imagem utilizando a TV não apenas para uma recepção de uma programação, além da TV a Cabo está trazendo desafios para a manutenção dos canais abertos da televisão brasileira, uma vez, que segundo o autor: “Emissoras estritamente comerciais e que dependem da publicidade e venda de

programas visando grandes audiências podem entrar em dificuldades financeiras em um futuro muito breve caso não encontrem alternativas para atingir essa audiência fragmentada”. (MACHADO FILHO, 2011, P.45)

Assim, o pesquisador aponta que provavelmente nem todas as emissoras conseguirão se renovar a tempo de vencer os desafios e inovações do futuro e, portanto, se tornarão economicamente inviáveis. Além da audiência fragmentada e do advento da internet, entre outras formas de conexão na batalha para se tornar viável, será necessária uma rápida transformação.

Mas, por que a TV só consegue se manter por meio da publicidade e propaganda? De acordo com Mattos (2008), isso é histórico. O autor explica que os governos após o ano de 1964 promoveram um crescimento econômico que tinha como base o tripé da economia brasileira, sendo ele: empresas estatais, companhias nacionais e as corporações multinacionais, diante disso, através das pressões feitas pelo governo da época, este que era até os anos setenta o maior anunciante individual Brasileiro, tinha o poder de influenciar as mídias e meios de comunicação, e com elas, a televisão.

Com pressões através do controle legal e controle da economia, as emissoras de TV precisaram buscar a atração de investimentos privados para elas. Ainda segundo o autor, com o aumento da dívida externa no país e a dependência da tecnologia estrangeira, aumentou-se também a sujeição da TV em relação às publicidades, principalmente das multinacionais que investiram no país e, que se transformaram nos seus maiores anunciantes e fonte de renda.

Mattos (2008) explica que com o milagre econômico e o aumento do PIB, houve um grande crescimento das verbas publicitárias, já que o Brasil, em pesquisa da World Advertising Expenditures, era um dos doze países que mais investia em publicidade, algo acima de um bilhão de dólares em anúncios na televisão. Com o milagre econômico, mesmo com a censura aos meios de comunicação, houve uma concessão por parte do governo militar para algumas emissoras em território nacional, havendo um crescimento diretamente e indiretamente a partir das influências do aumento das taxas do PIB e renda per capita, além da melhor distribuição de renda processos de modernização e urbanização das cidades.

Segundo Mattos (2008) a televisão é um estilo de negócio com o seu modelo de desenvolvimento dependente, pois, depende da cultura, economia, política e tecnologia e além de levar a diversão, instrução e o entretenimento, fornece a produção que é um dos objetivos do sistema capitalista, proporcionando a valorização da produção através das publicidades inseridas nas programações.

De acordo com Mattos (2008) a publicidade é importante para a TV, pois, é uma das mais consideráveis dinâmicas de atividades que geram o lucro para às indústrias de comunicação, podendo influenciar os diversos e variados setores socioeconômicos e culturais de um país, porém, a publicidade também tem o seu lado negativo. Segundo Fejes (1979, apud MATTOS, 2008) a publicidade ainda pode ser considerada como um dos maiores setores de domínio americano sobre os meios de comunicação em países de terceiro mundo, também impactam no psíquico e nos setores socioeconômico da vida dos consumidores.

Ainda contribuindo com a discussão sobre a televisão e a sua ligação e necessidade do marketing e da propaganda, Mattos (2008) conta que alguns estudiosos como Kocheavar (1979) e Bain (1956) sustentam que a publicidade contribui para modificar os meios de comunicação, “os transformando em ligação comercial entre produtores e consumidores” (MATTOS, SÉRGIO, 2008, P.63). Ainda segundo o autor, a publicidade é acusada por distorcer a cultura nacional e influenciar negativamente os consumidores.

Entretanto, o fato é que a televisão precisa da publicidade para se manter, assim como já foi abordado anteriormente, principalmente os canais de TV aberta, pois, a televisão foi construída em cima de um modelo industrial e capitalista que ainda não foi reformulado.

Para além da publicidade e da propaganda, e do seu modelo de negócio, a televisão também tem por base informar e levar o entretenimento para os seus telespectadores. Com a missão de informar, em 1950, com o “Imagens do Dia”, transmitido via TV Tupi o primeiro telejornal Brasileiro. Com o passar dos anos, o telejornalismo, que tem sido instrumento de mudança social, foi se transformando e mudando a sua abordagem. Sendo um gênero mutável e adaptável capaz de influenciar a opinião pública, mudou-se gradualmente até se tornar o que é hoje no século XXI. “A finalidade principal do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações que necessitam para serem livres e se autogovernarem”. (OLEGÁRIO; FELIPE, 2020, P. 162). O jornalismo mostra o lado oculto da sociedade, diferenciando o interesse público do interesse do público.

Segundo Motta (2013), o telejornal é uma narrativa visual que é uma forma de dar sentido à vida e, por meio dela, é possível representar a própria história e os acontecimentos cotidianos, além das relações sociais que religam o presente e o passado dando luz às memórias coletivas. De acordo Gonzaga Motta (2005 apud MOTTA, 2013), as narrativas são processos que dão significação à vida humana nas diferentes culturas, provindo de identificações ocorrentes nas histórias narradas a partir da própria experiência, portanto, de

acordo com a autora, a narrativa é uma construção discursiva em um texto organizado para dar sentido às experiências de vida, desta forma, é o que acontece com os telejornais e a narrativa que é criada por eles.

Os telejornais vêm se adequando durante décadas às diversas mudanças com um intuito de permanecer sendo um meio de comunicação simplificado, útil e confiável para as pessoas. Muito se pensava que com o advento da Internet, os telejornais ficariam ultrapassados e as TV's, rádios e impresso se tornariam obsoletos, porém, a resistência desses veículos de comunicação para se adequar e se manter no mercado é o que impulsionou essas mudanças nas rotinas jornalísticas e no trabalho exercido pelos jornalistas do século XXI.

De acordo como Ramonet (1999 apud Mello, 2009) em tempos de globalização a televisão não possui mais somente o papel de levar o lazer e entretenimento para o espectador, ela assumiu o papel de primeira mídia da informação, mediante isso, o telejornalismo se mostrou muito necessário para levar a informação apurada com imagem e som até o telespectador.

Segundo Mello (2009) no início do telejornalismo a sua linguagem era muito similar à do rádio, com frases longas e cheias de detalhes sobre o assunto abordado, o locutor transmitia os acontecimentos tal qual ocorriam e os lotava com adjetivos e detalhes. Ainda de acordo com o autor surgiam duas vertentes de modelos de televisões diferentes, enquanto na Europa havia o jornalismo engajado e partidário, a América adotava um novo tipo de telejornalismo, o chamado “clean”, ou como a tradução literal do inglês, limpo. Este era dotado de mitos de imparcialidade.

O telejornal brasileiro, de acordo com a autora, seguia a mesma linha do americano, surgindo com um programa de integração nacional e, com a vinda da ditadura militar para o Brasil em 1964, Mello (2009) mostra que o estilo de telejornalismo se tornava cada vez mais similar ao modelo americano contando com uma bancada de dois apresentadores que conduziam o jornal e mostravam as reportagens realizadas pelos repórteres, com chamadas simultâneas, as nos dias de hoje, denominadas de escaladas.

Mello (2009) aponta que na trajetória do telejornalismo brasileiro, o primeiro telejornal a ser emitido foi o da emissora TV Tupi, surgido em janeiro de 1952, ele ia ao ar todos os dias às 21 horas da noite. Porém, de acordo com a autora, o maior telejornal tido como referência foi o “Repórter Esso”, considerado o marco do telejornalismo na TV Brasileira, sendo utilizado como base para outros telejornais de outras emissoras.

O autor cita que na história dos telejornais, como eram oriundos das rádios, tinham qualidade de imagem ruins, era composto por texto e poucas imagens e chegava com até 12 horas de atraso, gerando desinteresse no espectador por conta da demora. Barbosa Lima (1985 apud MELLO 2009) cita que todos os telejornais tinham como característica comum uma cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador, e mesmo que tivessem o fascínio e aprovação do público não eram destaque nas programações das emissoras. Com o tempo, os telejornais passaram a ter mais imagens, ilustrações, menos texto, o que, segundo Mello (2009) começou a seduzir mais o público e ganhar mais a aprovação deles, porém, começando a serem intensificados nas programações apenas em 1960.

Com o passar dos anos os telejornais começaram o processo de inovação, segundo Mello (2009) a TV cultura reformulou o telejornal “Os Titulares da Notícia” e deram espaço para os depoimentos populares e liberdade aos jornalistas para a produção das próprias matérias, dando credibilidade ao telejornal, as informações eram produzidas por pessoas que presenciavam os fatos.

Contando com ainda mais avanços e investimento em tecnologia, a rede Globo aliou texto à imagem e som, entre as reformulações, segundo a autora, o SBT começou um sistema Nueverdiano que tinha característica de programas de rádio, e a sua principal similaridade era na linguagem.

Assim, começava-se um novo estilo de telejornalismo no Brasil, com a presença de jornalistas no comando e um novo jeito de passar a notícia até chegar ao modelo de telejornalismo dos dias atuais no qual há geralmente um ou dois apresentadores, podendo se utilizar de bancadas ou não e dependendo do estilo e horário do telejornal, os âncoras dão prosseguimento ao jornal enquanto chamam os repórteres com suas matérias e reportagens. Porém, como um gênero mutável, ainda nos dias atuais, o jornalismo precisou se reinventar

Entendendo a história da televisão, como foi construída e como chegou ao Brasil, se sustentou historicamente e ainda se mantêm até os dias atuais, entender o modelo de comunicação se faz importante para compreender melhor o telejornalismo, suas linguagens, como conquistou o público e o seu processo e necessidade de renovação em meio aos novos desafios da contemporaneidade.

4.1 TELEJORNALISMO: RENOVAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS

Tanto o jornalismo tradicional quanto o esportivo precisaram passar por mudanças por conta dos novos desafios da comunicação, e um deles foi a pandemia de Covid-19. Com a emergência sanitária presente em todo o mundo, em março de 2020 o telejornalismo também precisou passar por mudanças e se adaptar ao cenário mundial encontrado na época.

Mesquita e Vizeu (2020) apontam que desde a chegada da televisão no Brasil em 1950 até os dias atuais, o telejornalismo vem passando por muitas mudanças graduais, tanto nas formas de se fazer o noticiário até a integração com outras plataformas. De acordo com Belém (2017, apud MESQUITA; VIZEU, 2020), o jornalismo tem passado por diversas fases sendo elas: elitista (1950), popular (1960), tecnológica (1970), divergente (1980), inovadora (1990), convergente (2000) e popular (2010).

No entanto, no período pandêmico, o telejornalismo precisou se modificar para conseguir atender a população no cenário da pandemia. Algumas dessas alterações, de acordo com Mesquita e Vizeu (2020) foram: o aumento na quantidade de horas do telejornal no ar, aumento na quantidade de entradas ao vivo de repórteres e aumento das entrevistas em estúdio. Com a vinda da pandemia para o Brasil, como as pessoas ficavam cada vez mais em casa, o noticiário televisivo também obteve um aumento na audiência principalmente no mês de abril, como aponta a pesquisa realizada pelo Kantar Ibope⁸ e, com isso, os noticiários começaram a liderar a audiência em todas as programações.

Mesquita e Vizeu (2020) explicitam que os telejornais, principalmente os de TV aberta, têm um lugar de referência e centralidade na sociedade brasileira, uma vez que eles estabelecem os chamados pelos autores, de “laços sociais”. Esses laços, segundo Mesquita e Vizeu (2020), são responsáveis pela interligação de milhares de pessoas que não se conhecem, mas formam uma nação midiática, se relacionando mediadas por um noticiário.

Para os autores, o telejornal ocupa na contemporaneidade o espaço das grandes instituições que geravam um sentimento de segurança na população, assim como igrejas e escolas, pois pode ser pensado como uma instituição intermediária. A imprensa e os telejornais são vistos pela sociedade como uma fonte segura de obtenção de informações e notícias, pois, em tempo de disseminação de notícias falsas como houve na pandemia, os

⁸ Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/03/Inside-Video_A-Redescoberta.pdf. Acesso em: 23 dez. 2022.

telejornais apuram e levam a notícia filtrada e simplificada para a população em um curto período de tempo, ganhando assim, o sentimento de segurança por parte dos cidadãos.

A pandemia alterou as rotinas dos jornais e trouxe impactos sociais e econômicos, mudou também os processos produtivos dentro do campo jornalístico, afetando a rotina de quem trabalha com o telejornalismo, principalmente os dos repórteres.

Segundo Siqueira (2020), a presença dos repórteres nas ruas era algo muito difícil, pois, por conta de algumas limitações técnicas e falta de domínio de técnica, esses profissionais que eram da área do rádio, tinham costume com os telejornais que eram centrados apenas nos apresentadores que repassavam o texto para o público e, com isso, precisaram se adaptar ao novo meio de trabalho.

De acordo com Siqueira (2020), antes da pandemia, a ideia que se tinha era a de que o local de atuação dos repórteres era nas ruas, e também se havia a concepção da impossibilidade de fazer jornalismo sem estar nelas, buscando e apurando as informações. Porém, o contexto pandêmico deu um novo significado a essa ideia. Trabalhar remotamente foi algo que mudou drasticamente a rotina destes profissionais. Conforme a autora, os trabalhos realizados em casa, remotamente, trouxeram desafios aos repórteres que já estavam acostumados com a rotina das ruas. Segundo ela, além da dificuldade de conciliação entre a rotina do lar e trabalho, o afastamento das ruas e do contato direto com as fontes foi perdido no processo remoto. Com as entrevistas antes feitas em modo presencial, agora deram lugar às telas e reportagens virtuais, com respostas encaminhadas e prévias.

Para Bridi (2020), o lugar do repórter é na rua, pois para ela, o jornalismo não se faz por telefone, mas observando os cenários e explorando as sensações. Porém, com os novos cenários trazidos pela pandemia, a falta de vacinas e a necessidade de ficar em casa, Bridi (2020) percebeu que o jornalismo pode ser feito remotamente e que há vantagens neste estilo também. A conexão com pessoas do outro lado do mundo e o poder fazer uma boa e necessária apuração de fatos mesmo que à distância e em frente às imagens turvas da pequena tela dos aparelhos digitais é apontado como uma vantagem do fazer jornalismo remotamente.

Para complementar a discussão sobre o telejornalismo em tempos de pandemia, Olegário e Felipe (2020) contam que o fazer jornalístico enfrentou o descolamento do alicerce das redações, pois, trabalhando em casa, alteraram-se as grades das programações das emissoras e principalmente os programas esportivos e, com a suspensão dos torneios e competições, diversas estratégias precisaram ser adquiridas para que não houvesse grande

perda de audiência. Uma dessas estratégias foi a maior aceitação de entrevistas realizadas via plataformas virtuais e o uso de dispositivos móveis próprios dos jornalistas para a execução das reportagens.

Para Cerqueira e Gomes (2020), o telejornalismo remoto foi uma maneira diferenciada para se pensar a produção de telejornais durante a pandemia de Covid-19. O repórter que antes era responsável apenas pela apuração e transmissão do fato, também se tornou produtor e editor, também passou a contar com as fontes e audiência para enviar conteúdo para eventuais matérias. A fonte que antes era consultada pessoalmente, agora necessitava utilizar do seu aparelho pessoal para a execução das entrevistas e o vídeo chamadas se tornaram algo comum.

Cerqueira e Gomes (2020) durante uma pesquisa com três editores e dois repórteres da TV Globo, Rede Record e Rede Bandeirantes Pernambuco apontaram que a repórter apresentadora chamada por eles de 1, acredita que o uso de vídeo-chamadas na entrevistas é irresistível, pois, em qualquer local do mundo pode-se encontrar o entrevistado e quando questionada sobre a qualidade, ela disse que essa exigência, anteriormente muito cobrada pelas emissoras, ficou em segundo plano, pois os telespectadores sabem que é uma entrevista feita via internet e que as imagens nem sempre serão perfeitas.

Entre lados bons e ruins das novas formas de se fazer telejornalismo, o que não se pode negar é a quebra de barreira física e geográfica que é responsável por levar uma informação para mais lugares com menos tempo e possibilitar interação com pessoas de diversos locais do mundo.

4.2 TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Durante muito tempo, o jornalismo esportivo foi visto como uma editoria que apenas noticiava resultados de jogos e competições, mas ele sempre foi muito mais do que isso. De acordo com Patatt (2021), o princípio do jornalismo esportivo coincide em uma corrente de transformação a partir do esporte, sendo também uma forma de educação através do desporto.

O jornalismo esportivo é um modelo de jornalismo que é especializado, no qual há a predominância do gênero informativo e do gênero entretenimento. Esse modelo é uma hibridização dos dois gêneros que resulta em um infotainment.⁹

A profissão que se adapta aos diversos cenários e épocas, surgiu de uma junção de dois termos, segundo o autor: “A palavra *journaliste* é junção de duas palavras francesas *jour*, cuja tradução corresponde a ‘dia’ e *analyste*, que significa analista, resultou na definição da profissão jornalista: analista do cotidiano” (SANTOS, 2014, p. 1).

Surgido no século XV, o jornalismo esteve ligado às novas tecnologias, e segundo Santos (2014), essa profissão desempenha um papel muito importante na sociedade, pois, conta com valores éticos como a imparcialidade, a objetividade e a verdade na narração dos fatos, se pautando nesses três pilares que são exigidos durante o exercício profissional. Muito ainda se debate nas sociedades contemporâneas sobre o jornalismo e os seus aspectos sociais, tais como importância na sociedade e na democracia.

Santos (2014) conta que a imagem dos jornalistas foi construída em cima de ideais nobres da democracia, justiça e da liberdade. Havendo diversas categorias de jornalismo, havendo uma necessidade de uma especialização para esse modelo de jornalismo, categorizou-se como jornalismo esportivo.

Ainda segundo a autora, o jornalismo é uma definição de profissão no qual o jornalista é elevado a um patamar de profissional especializado na apresentação de fatos e, para isso, ele utiliza de um instrumento narrativo, objetivo e de uso restrito ao profissional. Com o surgimento dessa profissão, surgiu a necessidade de uma especialização tanto para os profissionais atuantes na área, quanto para as editorias existentes, portanto, após a especialização, o jornalismo, mais especificamente o esportivo, começou a obter características próprias que o diferenciava dos demais estilos de jornalismo.

De acordo com Erbolato (1981 apud FINGER; OSELAME, 2014), uma das características do estilo de jornalismo especializado esportivo é a possibilidade da amplitude da cobertura com uma diversidade de todas as manifestações esportivas, independentemente da audiência e sem restrição de conteúdo.

⁹ O infotainment de acordo com Machado (2013) é um termo que surgiu na década de 1980 e ganhou força em 1990 passando a ser empregado por estudiosos da área de comunicação em que ao mesmo tempo em que se presta um serviço fornece uma informação e o divertimento ao telespectador, se tornando uma fusão entre o noticioso e o entretenimento, levando mensagens sérias de uma maneira agradável, ocorrendo principalmente no mundo do jornalismo esportivo.

Mediante isso, diante dos anseios de uma união entre o audiovisual, informação de qualidade e o esporte, o telejornalismo esportivo foi adaptado e levado gradualmente para as grades dos telejornais.

De acordo com Souza (2005 apud MARTINS; MONTEIRO, 2008), o telejornalismo esportivo no Brasil surgiu em meados de 1950, junto com o telejornalismo e a TV e, a sua primeira transmissão foi em uma reportagem na TV Tupi em que era abordado a partida entre os clubes Portuguesa de Desportos e o São Paulo, após essa transmissão também foi ao ar o jogo entre Palmeiras e São Paulo. Ainda de acordo com as autoras, os jogos eram transmitidos pelas vozes de Nelson Rodrigues, Mário Filho e Armando Nogueira, que por meio de crônicas repassavam as informações ao público.

Ainda segundo Martins e Monteiro (2008), no início dos anos 1970 o esporte passou a ser exibido nos noticiários gerais na televisão e, logo após o uso dos videoteipes as coberturas esportivas se tornaram mais ágeis e, vendo o esporte e suas reportagens como uma fonte de rentabilidade, as emissoras, e, mais especificamente a Rede Globo, começaram uma busca por exclusividade nas transmissões esportivas.

Martins e Monteiro (2008) apontam que a junção do telejornalismo com a categoria esportiva gerou materiais leves e fascinantes a editoria esportiva, que por sua vez gerou um grande deslumbramento por imagens e sons repletos de significados e linguagem leve para os padrões jornalísticos. Assim, nasceu um novo campo de atuação para os jornalistas que se interessavam pela editoria e pelo esporte, esses profissionais precisaram desenvolver técnicas para atuar nesse novo modelo de telejornalismo. Os autores apontam que:

O jornalista esportivo precisa ser alguém atento a tudo que acontece ao seu redor. Isso porque os bastidores de um evento esportivo são tão importantes quanto o próprio evento e o repórter passa a ter que ser alguém com atenção difusa e uma percepção apurada para notar quando fatos exteriores estão interferindo. (MARTINS; MONTEIRO, 2008, p.05)

Com a necessidade de uma maior especialização dos profissionais, o telejornalismo esportivo passou a contar com algumas peculiaridades. Martins e Monteiro (2008) mostram que a fuga do óbvio durante as transmissões esportivas eram um diferencial do repórter, pois a TV possui imagens, e os telespectadores estão em contato com as imagens, era visto como um verdadeiro diferencial encontrar informações que os telespectadores ainda não haviam visto, para que estes pudessem além de se informar, também possuírem um momento de descontração. “Cabe ao jornalista ou apresentador de um programa esportivo conduzi-lo de

forma leve e agradável aos telespectadores que o assistem”. (MARTINS; MONTEIRO, 2008, p.05), além disso, conhecimentos externos também são vistos como diferenciais quando se trata dos profissionais dessa área, assim como apontam os autores:

Acreditamos que se o jornalista esportivo tiver conhecimentos culturais como música, teatro, poesia e literatura, ele pode enriquecer ainda mais suas reportagens esportivas, já que o jornalismo esportivo fica mais interessante quando retratado como espetáculo e não simplesmente como um simples fato ocorrido. (MARTINS; MONTEIRO, 2008, p.05)

Além de conhecimentos externos, o profissional do jornalismo, ainda segundo Martins e Monteiro (2008), os repórteres precisam estar atentos e cientes de tudo o que envolve a competição a ser coberta. Martins e Monteiro (2008) explicam que “o jornalista esportivo precisa conhecer os últimos resultados dos atletas e equipes envolvidos no evento e qual deles tem a melhor condição de ganhar aquela disputa” (MARTINS; MONTEIRO, 2008, p. 6).

O telejornalismo esportivo, assim como a televisão, passou por algumas mudanças principalmente na forma de emitir informações esportivas. Martins e Monteiro (2008) mostram que até o início das décadas de 1950 e 1960 o jornalismo esportivo era regionalizado e, com a grande influência do jornalismo esportivo na mídia, o ramo esportivo ganhou investimentos publicitários e, o que por um lado era agradável e rentável, por outro, levou à dependência das mídias e, principalmente da televisão. Para obter a exclusividade que as emissoras tanto desejavam para a transmissão de partidas, os autores apontam que:

Para ocupar a grade de programação de uma emissora, o esporte precisa possuir um patrocinador forte, apelo popular e criar uma identidade com o telespectador que o assiste. Nos dias atuais as mesas redondas trazem o gênero opinativo ao mesmo tempo que levam esse entretenimento. (BUENO (2005 apud MARTINS; MONTEIRO, 2008, p.07).

Martins e Monteiro (2008) explicam que a televisão alia muito bem o telejornalismo esportivo à informação e ao entretenimento, unindo conteúdos leves com grande apreensão de conhecimento para a população, além disso, segundo eles, essa junção:

Consegue interessar igualmente todas as classes sociais e permite uma formatação mais livre e humanizada. As pessoas se identificam com as histórias sofridas dos atletas que venceram na vida com o esporte e têm esperança de que consigam o mesmo êxito. Isso porque acreditamos que o esporte por si só já seja um espetáculo que fascina muito as pessoas, mas a união com a publicidade e as imagens fantásticas que a televisão proporciona formam uma união perfeita para atrair o público. (MARTINS; MONTEIRO, 2008, p.07).

O modelo que alia o telejornalismo ao esporte passou por diversas mudanças e, atualmente, no Brasil, foi reinventado para novos formatos, sendo um deles a mesa redonda, na qual os entendedores de esportes se reúnem para conversar sobre as partidas, dando suas opiniões a respeito delas e do desempenho dos jogadores.

Após entender a importância do conceito de jornalismo esportivo e telejornalismo, compreender a atuação e participação das mulheres neste estilo de jornalismo é de extrema importância, uma vez que, essa, ingressou neste “mundo” de forma diferente se comparada a entrada do homem. No capítulo seguinte, poderemos entender melhor esse ingresso e alguns dos desafios vividos por elas ao exercer a profissão.

5. A MULHER NO TELEJORNALISMO

Na história do telejornalismo, ser mulher e estar inserida neste mercado foi sobremaneira desafiador. De acordo com Park (1987 apud TEMER; SANTOS, 2016), a dinâmica das grandes cidades contemporâneas consolidou o jornalismo como uma parte importante do sistema de circulação de informações nas aglomerações urbanas, tornando-o uma atividade industrial que exigia a presença de uma formação de profissionais especializados. Com a vinda da tecnologia para as grandes metrópoles e a nova mudança social trazida por ela, o crescimento das mulheres no mercado de trabalho atingiu o seu ponto mais alto, principalmente nas redações jornalísticas.

Os primeiros registros de uma mulher atuando nas redações jornalísticas, segundo Temer e Santos (2016), foi no século XIX, após a Guerra de Secessão, quando surgiu a primeira reportagem feita por uma mulher, Emily Verdery Bettey. Além disso, as referências sobre a mulher na imprensa só começaram a acontecer na segunda metade do século XVII, na qual as mulheres jornalistas trabalhavam em editoriais voltadas ao público feminino, e esses editoriais eram divididos em duas vertentes, moda ou feminismo.

Nesse momento da história as mulheres não participavam das coberturas esportivas, pois, assim como apontam Temer e Santos (2016), as editoriais que lhes cabiam atuar eram na moda ou comportamento, replicados como “coisas de mulher”, o ramo esportivo ainda era só um sonho distante à espera de algum dia ser conquistado.

Dessa forma, ainda segundo as autoras, na segunda metade do século XIX até o início do XX surgiram as *Stunt Girls* que eram repórteres que se disfarçavam para a elaboração de suas matérias e assim, esses disfarces garantiram a elas um lugar de destaque frente a uma redação formada majoritariamente pelo sexo masculino. Ainda de acordo com ela, as jornalistas ocupavam cerca de 2% apenas nas redações em 1880.

De acordo com Pacheco e Silva (2020), no início de 2016 cerca de 1.388 jornalistas estavam cadastrados na Associação Mineira de Cronistas Esportivos (AMCE), a única entidade legal criada para o credenciamento de jornalistas e radialistas esportivos, 1.343 deles eram homens e somente 45 eram mulheres, mostrando mais uma vez a marca da desigualdade de gênero no mercado jornalístico.

Segundo Rubio e Simões (2007), a mulher é estudada desde os primórdios através do ponto de vista eurocêntrico¹⁰ masculino e, assim, tem em sua perspectiva que o sexo masculino é quem está no poder e, deste modo, no esporte é vista como uma usurpadora do espaço destinado a eles.

No esporte essa prática se repete. A mulher foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino. Fosse como atividade de lazer, fosse como prática sistemática com finalidades bélicas o esporte unificou, desde então o conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites. (RUBIO; SIMÕES, 2007, p. 01)

O local de impostora e profanadora do espaço destinado ao usufruto masculino pode ser facilmente um reflexo de uma sociedade moldada em padrões patriarcais.

Estando inseridas nestes padrões, o ingresso das repórteres, produtoras e apresentadoras foi um processo trabalhoso no telejornalismo e o desafio começa quando são colocadas em frente às câmeras.

Para as mulheres que atuam no ramo esportivo estar em frente a uma câmera é algo extremamente desafiador, pois, se trata de uma mulher, com toda a construção social e cultural, que “invade” um espaço e um território antes masculino, conforme explicado por Casadei (2012) em sua obra “A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX” e Costa; Richartz e Leite (2019), na obra “Mulheres no jornalismo esportivo: luta por espaço e equidade de gênero”, que é logo é vista como intrusa, principalmente no âmbito jornalístico e, mais especificamente na categoria esportiva como explica Rubio e Simões (2007).

Kidd (1990 apud PACHECO E SILVA 2020) explica que os esportes são um campo fértil para a manutenção do poder masculino e seus privilégios.

Hargreaves (1994) e Garry Whannel (2006) reforçam que o jornalismo esportivo é controlado por homens quando evidenciam que os discursos, imagens e suas mensagens são direcionados, na sua maioria, para uma audiência masculina que é naturalmente pensada como público-alvo. Além disso, essas relações vão além do nível de produção de discursos e imagens, pois se inserem na dinâmica do próprio campo do jornalismo esportivo, direcionando as mulheres para certas atividades e revelando impedimentos e entraves no exercício da profissão. (PACHECO; SILVA, 2020, online)

¹⁰ O eurocentrismo é uma ideologia na qual a influência política, social, econômica e cultural é exercida a partir do ponto de vista Europeu. Informações disponíveis em: <https://www.dicio.com.br/eurocentrismo/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Diante das possibilidades desiguais, Pacheco e Silva (2020) indicam em sua análise que o “comportamento machista”¹¹ é apontado nas redações e emissoras como um padrão, se tornando um ambiente intimidador para as mulheres que se queixam de não serem ouvidas na proposição de suas pautas. As repórteres contam na pesquisa que quando as mesmas pautas são levantadas por colegas homens são ouvidas e acatadas e, assim, elas são ignoradas pelos próprios colegas que possuem uma postura desigual por parte dos chefes em relação às escolhas para cobrir alguns eventos.

Nesta análise feita pelos autores alguns jornalistas comentam que chegam a notar comportamentos agressivos vindo dos seus superiores, além de ironias e, segundo elas, o mesmo ocorre quando questionam os técnicos em entrevistas coletivas, ou quando se posicionam contrariamente ao desempenho dos jogadores, percebendo um olhar diferente por parte dos colegas, além de risos e expressões de mal-estar relativo à condição da presença da mulher no esporte. Além disso, ainda há na sociedade o mito de que as mulheres não entendem de esporte, e principalmente quando se trata da paixão nacional, o futebol.

Segundo os relatos apontam, nesse campo, há uma premissa que diz que “*homem acha que mulher não entende de futebol*” (Interlocutora TV6, 31 anos, solteira, heterossexual, branca, superior completo). Desse modo, é frequente a avaliação cotidiana do conhecimento da profissional sobre questões relativas às regras do jogo, às táticas e à familiaridade com os personagens e às partidas históricas no intuito de legitimar a presença dessas mulheres nesse espaço. As avaliações cobrem desde o questionamento da regra do impedimento até a escalação de determinado time e o resultado da partida da decisão do campeonato regional de décadas passadas. Essas avaliações são frequentemente realizadas em forma de brincadeiras depreciativas e deboches por colegas homens. (PACHECO; SILVA, 2020, online)

Diante da premissa existente no mundo masculino de que as mulheres não entendem de futebol, criam-se relações de violência simbólica com a mulher, uma violência que não é física, mas é mascarada, velada e que somente a vítima consegue sentir e entender que está passando por uma situação de violência. Segundo os autores, situações de cantadas e piadinhas são comuns nos cenários esportivos quando se envolve mulheres.

¹¹ O comportamento machista é na prática um pensamento no qual acredita-se que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade e, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem. Julgando a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/#:~:text=Na%20pr%C3%A1tica%20uma%20pessoa%20machista,aspectos%20f%C3%ADsicos%20intelectuais%20e%20sociais>. Acesso em: 29 maio. 2022.

Mesmo diante de tanta violência, que, aqui estão sendo consideradas eufemisticamente como constrangimentos, há uma reticência enorme em relatar flertes e assédios sexuais. A grande maioria argumenta que nunca sofreu com nenhum dos dois comportamentos. Dizem que ‘cantadinhas’ e brincadeiras são comuns entre colegas, jogadores e diretores. Abordagens acontecem o tempo todo, dizem. Elas são convidadas para jantar, ‘tomar um vinho’, recebem presentes - desde flores e chocolates até aparelhos domésticos, como ar-condicionado, por exemplo. Os assessores de imprensa dos clubes pedem o número de telefone em nome dos jogadores e elas recebem mensagens destes por meio de aplicativos como o WhatsApp. Quando circulam pelos centros de treinamentos ou estádios em busca de informações para uma reportagem, recebem propostas sexuais em troca de informações exclusivas; muitos de seus interlocutores oferecem carona e os mais audaciosos chamam para ir ao motel. Mas nada disso é percebido como assédio ou violência por algumas delas. (PACHECO; SILVA, 2020, online)

De acordo com uma pesquisa realizada pelo instituto Avon, “Futebol e violência contra a mulher” (CERQUEIRA, 2022), os autores apontam que além de uma paixão nacional, o futebol é um “culto ao patriarcado” e reafirma valores que tangenciam a dominação masculina, assim, reafirmando os pré-conceitos.

O futebol, segundo essa pesquisa realizada pelo instituto Avon, tem uma forte ligação com a violência contra a mulher. De acordo com as estimativas da pesquisa, no dia em que o time da cidade joga o número de lesões corporais dolosas aumentam em 23,7% e que, possivelmente os valores associados à subcultura dos jogos de futebol, refletem os valores patriarcais e as relações de poder da masculinidade, repercutindo assim, nas relações afetivas. Deste modo, o jogo de futebol funciona como um catalisador que torna mais viva a masculinidade e seus valores e como alguns homens se veem dentro desta estrutura de poder e de gênero.

Apesar dos constrangimentos e das atitudes machistas tanto no mercado de trabalho, quanto no telejornalismo esportivo, segundo Pacheco e Silva (2020), há uma naturalização dessas atitudes no cenário esportivo e as mulheres precisam se submeter a isso para garantirem e conservarem o seu emprego, diante disso, desenvolveram estratégias para tentar uma imposição de respeito que requer uma preocupação constante com vestimentas e adereços utilizados durante as coberturas, além de gestos corporais e deixar o corpo mais escondido e distante do desejo masculino e uma aquisição de “jogo de cintura”.¹²

¹² O termo jogo de cintura é usado para se referir à capacidade de lidar com situações adversas com sofisticação mesmo em ocasiões desagradáveis. Disponível em: < <https://www.psicologosberrini.com.br/blog/voce-tem-jogo-de-cintura-8-maneiras-de-ser-mais-maleavel-no-trabalho/#:~:text=Voc%C3%AA%20j%C3%A1%20pensou%20no%20qu%C3%A3o,as%20mais%20desagrad%C3%A1veis%2C%20segundo%20psic%C3%B3logos>>. Acesso em: 29 maio. 2022.

Esse ‘jogo de cintura’ passa por levar a paquera para o nível da brincadeira e da jocosidade ou, ainda, realizar um desempenho de desentendimento, fingir que não entendeu ou não viu o que estava acontecendo e continuar o trabalho. Ainda como maneira de se protegerem, as jornalistas procuram fazer amizade com as companheiras dos jogadores e, por meio delas, agendar entrevistas ou realizarem uma reportagem. Assim criam uma situação em que o flerte e o assédio serão interditados pela presença da esposa ou namorada. A aposta nessa aproximação é pela possibilidade de que, se ocorrer uma abordagem por parte do jogador, a jornalista pode mobilizar a família deste como trunfo para se livrar do constrangimento sem ter sua fonte ameaçada. (PACHECO; SILVA, 2020, online)

O jogo de cintura citado pelo autor pode ser visto em coberturas feitas por mulheres, nas quais as repórteres ainda são julgadas quanto suas habilidades e conhecimentos acerca do esporte, e assim, muitas vezes são coagidas, intimidadas, assediadas e veem seus trabalhos colocados à prova por meio de cantadas, piadas preconceituosas entre outros, que acarretam casos de assédio.

5.1 OS DESAFIOS DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

Desde a entrada das mulheres na editoria do telejornalismo esportivo, a sua rotina tem sido marcada por diversos desafios, que vão desde o machismo até olhares estigmatizados¹³ acerca de suas capacidades em noticiar fatos do desporto.

Ser mulher em uma sociedade moldada pelo patriarcado nunca foi tarefa fácil. De acordo com Gebhard; Negrini e Nunes (2019), antes da década de 1950, as redações dos telejornais eram dominadas por homens e a entrada da mulher nesse meio ocorreu de forma gradual. De forma geral, para Gebhard; Negrini e Nunes (2019) as mulheres começaram na TV como garotas-propagandas, locutoras e vídeo-moças. A mulher só conseguiu um pouco mais de lugar neste ramo de trabalho com o programa “Revista Feminina” que era transmitido na TV Tupi, e abordava programas destinados ao sexo feminino com pautas para comportamento, direitos e saúde da mulher.

Segundo Rodrigues e Sardinha (2015), a entrada da mulher no ramo jornalístico esportivo ainda é recente, o seu ingresso só foi possível a partir da década de 1970, conseguindo quebrar os paradigmas da época. Ainda segundo os autores, antes desta data

¹³ O termo Estigma é utilizado para definir uma co-ocorrência de rotulagem, estereótipos, exclusão, perda de status e discriminação em um contexto no qual o poder é exercido. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/arquivos/1544>. Acesso em: 06 jul. 2022.

apenas os homens eram responsáveis pelas transmissões e coberturas esportivas fazendo com que a profissão fosse masculinizada.

Enquanto para Righi (2006 apud SANTOS, 2012), em telejornais, as primeiras mulheres que iniciaram as suas trajetórias no telejornalismo esportivo, começaram como entrevistadas, logo depois passaram a executar reportagens e, após isso, com muito custo conseguiram ocupar lugares nos cargos de correspondente internacional, âncoras em programas esportivos e por último, comentarista esportiva de futebol.

Peres (2004 apud SANTOS 2012) conta que as mulheres começaram com a prática dos esportes e a adquirirem conhecimento para comentar informações sobre partidas esportivas participando em funções alheias ao jornalismo lendo script em programas esportivos e, apesar de estarem familiarizadas com o desporto, as primeiras mulheres praticantes do telejornalismo esportivo não praticavam esportes de competição, sendo inseridas gradualmente no ramo esportivo. Para Mendrot (2012 apud SANTOS, 2012), a jornalista Regiani Ritter é um dos maiores nomes do telejornalismo brasileiro, pois conquistou o seu nome na história do jornalismo esportivo:

Regiani Ritter é um dos nomes mais respeitados do jornalismo brasileiro. A paulista de Ibitinga que é atriz de formação, já trabalhou em cinema e em novelas de TV. Mas foi no rádio e posteriormente na TV que ela marcou seu nome na história do jornalismo esportivo. Ritter foi a primeira mulher repórter e comentarista de futebol no Brasil, ainda no início dos anos 1980. (MENDROT, 2012 apud SANTOS, 2012, p.13).

Ainda de acordo com a autora, Ritter foi a primeira mulher repórter a ser comentarista de futebol no Brasil, não desperdiçando a oportunidade de integrar um mercado de trabalho que anteriormente era composto majoritariamente e dominado por homens há mais de 30 anos. Santos (2012) aponta que após Regiani Ritter outras precursoras do esporte foram as jornalistas Marilene Dabus e Cidinha Campos.

Com essa inserção no mercado de trabalho telejornalístico esportivo as pressões e preconceitos e estereotipagem aumentaram.

Para a discussão, Coelho (2003 apud GEBHARD; NEGRINI E NUNES, 2019) aponta que na editoria de esportes as mulheres eram designadas apenas as pautas de esporte amador. Possivelmente, ainda segundo os autores, esse desígnio para as pautas amadoras veio para o mercado de trabalho esportivo como o resultado de um pensamento preconceituoso de que as mulheres não teriam capacidade suficiente para efetuarem a cobertura do esporte profissional.

Mesmo que se comparada há alguns anos atrás, quando as mulheres ainda estavam ingressando na editoria do esporte, o número de mulheres no telejornalismo esportivo seja muito maior, de acordo com Oliveira (2018), a soma das jornalistas nos canais esportivos e no esporte interativo é de aproximadamente 19% do total aproximado de profissionais. Os preconceitos ainda estão presentes na vida de mulheres que lutam diariamente para conquistarem os seus espaços, principalmente no telejornalismo esportivo.

Ainda segundo Andrade (2010 apud SANTOS, 2012), a mulher foi obrigada a conviver com uma contradição de que para ser amada e aceita precisaria manter os trejeitos de feminilidade e delicadeza e, as que se negavam a isso, precisavam enfrentar represálias. As mulheres passaram por muitos desafios na sua entrada no ramo telejornalístico esportivo, um deles é o machismo existente nesse meio. Um dos desafios impostos à mulher telejornalista foi o machismo na área esportiva.

Para Drumont (1980), o machismo pode ser definido como um sistema ideológico e de representações simbólicas que oferece conceitos entre o papel do homem e da mulher na sociedade, colocando o homem com o papel de dominador e a mulher como submissa e dominada. Além disso, o machismo gera uma convicção de inferioridade feminina, deste modo, se utiliza de argumentos baseados na hierarquia dos sexos para representações de dominação, criando relações entre os poderes entre homens e mulheres.

Drumont (1980) conta que a menina é geralmente induzida a realizar atividades que não lhe proporcionam dinheiro, enquanto o menino é conduzido a uma profissionalização, uma vez que será ele que “sustentará a casa” e será o provedor dela. Deste modo, ainda segundo a autora, essas orientações geram uma polarização, dividindo-os entre os polos dominantes e os dominados. Os dominantes, segundo a autora, colocam o dominado em situação de objetos.

A pesquisadora aponta que o machismo causa um efeito de representação cultural, além de uma relação de poder sedimentada ao longo do tempo. Drumont (1980) mostra que quando colocado em pauta os papéis sexuais, o machismo, possui um efeito de mistificação, apresentando uma relação de poder. De acordo com a autora, esses papéis podem ser:

Símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo "duas linguagens": uma masculina e uma feminina. Nesta produção e reprodução de papéis, códigos, representações sexuais, etc, há produção do espaço aberto, no sentido dado à expressão "corpo sem órgão" por Guattari e Deleuze da extorsão do prazer, do sentido, do poder, do

objeto, etc, onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher. (DRUMONT,1980, P.02).

O machismo na sociedade ainda traz consequências graves até os dias atuais. Em entrevista ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT)¹⁴, a juíza Fabriziane Stellet Zapata apontou que a causa da violência contra a mulher está no machismo e, segundo ela:

As pessoas naturalizam a violência contra mulher e não observam que, no dia a dia, em pequenos atos, mulheres são vítimas de violência, discriminação e discursos de ódio apenas pelo fato de serem mulheres. É comum que meninas tenham tarefas domésticas diferenciadas de meninos numa mesma família; é comum que mulheres, mesmo em cargos de poder, sejam assediadas da forma que homens não são; é considerado “normal” que um homem sinta ciúmes de sua mulher e impeça determinadas condutas (é até entendido como “cuidado” e “proteção”); é comum que vítimas de violência sejam questionadas nas suas atitudes quando, na verdade, são vítimas. A questão é tão complexa e tão profundamente enraizada na sociedade brasileira, que levaremos décadas e décadas de desconstrução de rígidos estereótipos de gênero para formar uma sociedade mais equânime para homens e mulheres, sendo esse um dos grandes desafios para o desenvolvimento sustentável do planeta. (Zapata, 2019, sp).

Entre uma das consequências do machismo na sociedade atual está a reificação da mulher e do corpo feminino, subjugamento do conhecimento de mulheres acerca de certos temas, como o esporte, e também é o principal facilitador para atitudes sexistas, e para atitudes de assédio moral e sexual, principalmente para com mulheres em seus locais de trabalho, sendo um deles no ramo esportivo. Além disso, vem sendo ainda um obstáculo a ser perpassado pelas mulheres que desejam ingressar no mercado de trabalho esportivo e principalmente no telejornalismo esportivo.

Pedrosa (2017) aponta que o desemprego também é um dos fatores desafiantes para as mulheres telejornalistas, uma vez que há um preconceito em relação à contratação de mulheres, ainda mais se tratando da editoria de esportes, que é marcada pela presença masculina. Ainda de acordo com a autora, as jornalistas que foram pesquisadas para o seu projeto, todas elas abordam acontecimentos de assédio sexual e moral e preconceitos em sua jornada dentro do telejornalismo esportivo.

¹⁴ Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2019/novembro/juiza-do-tjdft-fala-sobre-violencia-contra-a-mulher-a-rede-globo-1>(nota. Acesso em: 22 dez. 2022).

A autora mostra que em uma pesquisa sobre o assédio realizada com 535 mulheres jornalistas, apontou que 61,5% delas alegaram receber um salário menor do que os seus companheiros homens, embora ambos estivessem desempenhando a mesma função, enquanto 70,7% das jornalistas já deixaram de ser eleitas para a cobertura de alguma pauta pelo fato de serem mulheres. Nesta pesquisa, uma das dificuldades encontradas pelas telejornalistas esportivas foi a questão do comportamento machista. 78,5% das entrevistadas relataram terem sofrido com machismo durante uma entrevista.

Pedrosa (2017) sobressai que a própria jornalista pioneira do telejornalismo esportivo no Brasil, Regiani Ritter foi vítima de preconceito e machismo durante uma cobertura esportiva. Em entrevista para a UOL¹⁵ na editoria de esportes 3º tempo, a jornalista relata:

Cala a boca, minha vontade era falar “cala a boca”. Ele falou vários minutos e eu não abri a boquinha, quando abri a boca para falar, ele começou a gritar comigo e a me xingar. (...) O Milton Neves é muito inteligente. Perguntei para ele daquele Mesa Redonda e ele me respondeu: ‘Levei nove longos anos para me arrepender’.
(RITTER, 2013 apud PEDROSA, 2017, p. 19)

Além desse caso, a autora também cita uma situação semelhante que a mesma jornalista passou. Na mesma entrevista Regiani lembrou que ao entrar no vestiário para entrevistar os jogadores na zona mista, um conselheiro do time São Paulo tentou expulsá-la do vestiário, com um discurso de que “mulheres não eram permitidas no local”, ainda que a jornalista estivesse fazendo o seu trabalho. Mediante isso, Regiani utilizou o sarcasmo e a ironia como uma tática para lidar com isso. A resposta de Regiani para lidar com o ocorrido foi a seguinte: “Ah, obrigada. Um dia vou querer saber o seu nome para agradecer porque eu não estou com muita vontade de trabalhar hoje” (RITTER, 2013 apud PEDROSA, 2017, p. 19).

Renata Falzoni, a jornalista que possui trinta anos de profissão, entrevistada por Pedrosa (2017), pondera que: “Mesmo que o preconceito tenha diminuído, a beleza continua sendo o ponto de referência para as mulheres na profissão” (FALZONI, RENATA, 2013, p.20 apud PEDROSA, 2017, p. 20). Ainda segundo ela: “A profissão de jornalista é um tanto machista. De um modo geral, das mulheres exige-se mais beleza do que preparo profissional”. (FALZONI, RENATA, 2013, p.20 apud PEDROSA, 2017, p. 20).

Pedrosa (2017) mostra que dentro do Esporte Interativo a incidência de machismo é de 100% e que todas as participantes da entrevista apontam que já sofreram e já se sentiram

¹⁵Entrevista de Regiani Ritter para a UOL. Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>. Acesso em 04 jun. 2022.

atingidas por algum tipo de preconceito pelo simples fato de serem mulheres e estarem no ambiente esportivo. Conforme o autor, esse preconceito ocorre principalmente no ambiente de trabalho, com as “brincadeiras”, ou até nas redes sociais, com os comentários ofensivos. Porém, no ambiente de trabalho as ofensas e frases machistas são mais veladas e acontecem em forma de “brincadeiras”, pois, há uma sensação de vergonha em expressar os comentários ofensivos.

Outra jornalista que é citada pela autora é Mariana Fontes, uma ex-repórter da TV Fla e apresentadora do programa ‘Melhor do Mundo’, programa de Esporte Interativo. Mariana também relata que sofreu com machismo no ambiente de trabalho e reforçou que há uma diferença entre o tratamento sobre as opiniões esportivas vindo entre cada um dos sexos. A ex-repórter relata:

Diariamente a gente passa esse tipo de preconceito. A opinião da mulher sempre vai permitir piada. A opinião da mulher sempre pode virar piada. A opinião do homem não. Por mais ridícula que seja, um homem sempre vai respeitar a opinião do outro homem e não faz chacota com o que ele diz, como se o que ele dissesse fosse não verdade absoluta, mas tivesse mais peso porque veio de um homem. Se o erro veio de uma mulher, ela é burra. Se o erro veio de um homem, é porque ele se distraiu. A mulher sempre vai dar brecha para esse tipo de ‘ah, ela só está ali porque é bonita’ ou ‘tá vendo, só fala besteira’, e na verdade ela só falou a mesma coisa que outro homem, mas ele não tem essa margem pra piada. As pessoas tendem a respeitar mais uma opinião masculina. (FONTES, 2017 apud Pedrosa 2017, p.21)

Stycer (2009 apud DANTAS, 2016) aponta que para passar em uma seleção para o jornal Lance no ano de 1997 havia diversas avaliações para testar os candidatos, principalmente provas sobre conhecimentos gerais, que exigiam do candidato conhecimento sobre esporte e, principalmente, sobre o futebol. De acordo com o autor, uma das questões abordadas era a Copa do Mundo na Itália em 1982, questão essa que poderia confundir uma menina nascida em 1970, algo que aconteceria em menor grau com um menino nascido na mesma época, reforçando discursos de dominação masculina no esporte.

Dantas (2016) explica que para as mulheres candidatas à vaga, eram exigidos atributos que os homens usam naturalmente no dia a dia, já que estes são incentivados desde pequenos. Segundo a autora, o resultado da pesquisa foi de que cerca de 40 jovens foram aprovados e, dentre eles, havia apenas quatro mulheres na lista e, na contratação dos jornalistas experientes, apenas uma mulher foi contratada.

Segundo Felipo (2014), por mais que haja programas no qual elas fazem parte, comentando, apresentando, entre outros, o jornalismo esportivo é dominado por valores machistas. Ainda segundo os autores, a mesa-redonda¹⁶ formada por mulheres, não apresenta uma visão feminina sobre o esporte, não sendo possível diferenciar o conteúdo das mulheres comentaristas dos homens. Mesmo que de acordo com Felipo (2014 apud DANTAS, 2016, p.45) não haja a existência do jornalismo esportivo feminino¹⁷, uma vez que ele é praticado tanto por homens, quanto por mulheres, há um menor número da presença feminina se comparada à masculina.

Além do preconceito, o padrão social de beleza, a jovialidade e a maternidade também são características apontadas como desafios diários da profissão. Pedrosa (2017) explica que há uma forte valorização da beleza da mulher, sendo a jovialidade uma das principais características para que a mulher ocupe um posto em um telejornal.

Para contribuir com a discussão entre beleza e jovialidade no telejornalismo, Souza (2017) aponta que até nos livros de telejornalismo a valorização da imagem são condutas descritas como necessárias para as mulheres que trabalham nessa área. Desse modo, a autora explica que as próprias obras descrevem como devem ser os cortes de cabelos, maquiagem e até as vestimentas. Segundo Souza (2017) esses livros de telejornalismo chegam a indicar que: “Em uma entrevista coletiva que reúne jornalistas de vários veículos, os de televisão são facilmente identificados pela maquiagem e roupa, reforçando a cultura da 107 aparência e de um tipo padrão de beleza” (SOUZA, 2017, p. 110).

Ainda se tratando da beleza e jovialidade das telejornalistas esportivas. Pedrosa (2017) denota que as mulheres precisam estar sempre joviais e bonitas em frente às câmeras e que quando dão à luz ou saem de licença a maternidade reparam diferença de tratamento vindo dos seus superiores. A autora mostra que elas têm as suas escalas de trabalho alteradas sem o consentimento, o que não ocorre quando os homens se tornam pais.

Em pesquisa, a autora traz números mostrando que 46% das entrevistadas tem conhecimento de discriminação contra mulheres telejornalistas gestantes em ambiente de trabalho.

¹⁶ A mesa redonda é um encontro entre vários indivíduos unidos em torno de um interesse específico. Durante esta reunião de caráter oral, organizada e orientada por um moderador, é debatida uma temática ou uma matéria por meio de comunicações verbais. Neste agrupamento cada integrante pode expressar seus pensamentos livremente. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/ Mesa-redonda/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

¹⁷ Grifo da autora: O jornalismo feminino seria uma editoria no esporte composta por mulheres que poderiam expor a sua opinião sobre as transmissões esportivas sem serem secundarizadas e julgadas.

O preconceito é apenas o primeiro dos desafios que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho e se acentua quando se ingressa em um meio predominantemente masculino como o esporte. A seguir, entenderemos como o preconceito pode partir para um caminho ainda mais sério e criminoso: o assédio, tanto moral quanto o sexual. (PEDROSA, 2017, p. 24)

Assim como o preconceito da beleza, maternidade, entre outros, outro desafio encontrado pelas mulheres é a questão do assédio e, mais especificamente, o assédio sexual. Pedrosa (2017) ainda relata que os assédios vêm por parte de assessores de imprensa, atletas e até jogadores. Um estudo feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou que 86% das mulheres brasileiras já sofreram assédio em público. O mesmo estudo mostra que 100% das estudantes também em algum período da vida já foram assediadas. Desse estudo 50% das mulheres entrevistadas relatam terem sido seguidas, enquanto 44% tiveram seus corpos violados por meio do toque, 39% já foram xingadas em público e 8% foram estupradas em locais públicos.

(PEDROSA, 2017, p. 25) ainda mostra que todas as fontes entrevistadas, inclusive ela, a própria autora, já foram assediadas no local de trabalho e mais especificamente na categoria esportiva, de modo que “Os casos vão desde pequenos gestos inapropriados até situações verdadeiramente incômodas e que, caso não houvesse uma proteção maior por parte das profissionais, não se sabe qual seria o desfecho do ocorrido”

A autora aponta que o sonho das mulheres é a igualdade e respeito, assim como uma de suas entrevistadas também relata:

Eu quero igualdade. Eu quero que a gente seja igual, exatamente igual. Que não olhe pra mim e ‘ah, você é mulher, você é bonita, vou te colocar aqui na frente’. Eu não quero isso. Eu quero que olhem pra mim com os mesmos olhos que olham para um profissional do sexo masculino. (...) O meu sonho é que a gente tenha o mesmo espaço, a mesma voz e que a gente seja respeitada da mesma forma que os homens são. (BASBAUM, 2017 apud PEDROSA, 2017, p. 27).

Falas como as de Basbaum (2017) podem ser entendidas devido a naturalização do machismo na sociedade. Segundo Costa, Richartz e Leite (2019), há uma violência simbólica dentro do desporto que se dá pela naturalização da segregação e do assédio, sendo sem o consentimento das partes envolvidas. Os autores comentam que:

Em ambientes controlados por indivíduos do sexo masculino é habitual que as mulheres sofram com certos inconvenientes, pois a forma como o homem

foi criado e inserido na sociedade pede que ele comprove sua virilidade a todo instante. O assédio muitas vezes visto como natural aos olhos dos homens e até mesmo de algumas mulheres nada mais é do que a prova de uma masculinidade frágil e tóxica. (COSTA, RICHARTZ E LEITE, 2019, P.7)

De acordo com Sculos (2017 apud COSTA, RICHARTZ E LEITE, 2019) a masculinidade tóxica é utilizada para designar a um conjunto de normas criadas e associadas ao comportamento masculino que são prejudiciais às crianças, mulheres, e aos próprios homens para provar a virilidade masculina por meio da agressividade, homofobia e misoginia. Tais comportamentos são vistos como tóxicos. Ainda segundo os autores, a masculinidade frágil e tóxica é apontada como um dos fatores para o preconceito e assédio dentro e fora dos campos. Costa, Richartz e Leite (2019) apontam que a masculinidade tóxica e o assédio não estão ligados apenas aos torcedores, mas aos treinadores, jogadores, colegas de profissão entre outros que, por meio de comentários ofensivos e desrespeitosos transpassam os limites entre a brincadeira e assédio.

A agressão também é um desafio apontado pelos autores, uma vez que na pesquisa de Costa, Richartz e Leite (2019) a repórter Renata de Medeiros foi agredida em um estádio por um torcedor que estava no local, além disso, foi ofendida com palavras obscenas e grosseiras, necessitando reagir. A reação da repórter, ainda de acordo com os pesquisadores, foi começar a filmar e pediu que o torcedor repetisse o que havia dito e, o torcedor reagiu com um soco que feriu o braço da mulher. Outro caso citado por Costa, Richartz e Leite (2019) foi o da repórter Bruna Dealtry. Os autores apontam que:

Poucos dias depois, a repórter Bruna Dealtry, do Esporte Interativo, fazia uma passagem ao vivo perto do estádio São Januário, no Rio de Janeiro, quando um torcedor tentou beijá-la na boca, deixando a jornalista visivelmente constrangida. (BAGATINI, 2018 apud COSTA, RICHARTZ E LEITE, 2019, P. 08).

Além dos assédios e agressões, estar inserida nos padrões sociais de beleza e ser jovem é uma exigência também. Bufelli (2016) mostra em sua monografia que em jornais e programas esportivos, até mesmo o enquadramento das câmeras enquanto as repórteres aparecem em apresentações apontam para uma sexualização do corpo da mulher. Segundo ela, o corpo feminino é sexualizado devido a uma busca por audiência masculina, portanto,

para agradar essa audiência é buscado colocar nesses programas esportivas mulheres que se enquadrem neles, pois:

Quanto mais próximos do espectador, mais se constrói a imagem dos atores como deuses do Olimpo. Realidade e ficção misturam-se e a felicidade eterna se projeta sobre pessoas como Brigitte Bardot e Marilyn Monroe, projeções daquilo que o público sonha ser e ter. (BUFELLI, 2016, p. 27).

Para contribuir com a discussão sobre os desafios da jovialidade e beleza, Oliveira (2018) aponta que o padrão de beleza é algo muito relevante para as mulheres que trabalham com o esporte na televisão, pois a maioria das apresentadoras e repórteres têm a aparência baseada no que o padrão de beleza social espera e impõe: são brancas, magras, loiras, jovens e, em sua pesquisa, foi constatado que não há nenhuma mulher gorda ou mais velha nos canais esportivos como o Sport TV, ESPN, FOX Esporte Interativo, Globosat, o que geralmente não ocorre com os homens. A essas mulheres são cobradas uma maior preocupação e zelo com a aparência. Ainda de acordo com Oliveira (2018), seria ingenuidade não pensar que a beleza foi um item a mais para a contratação destas mulheres e, mesmo que seja uma prática condenável e abominável os canais contratam as mulheres visando um padrão de beleza que gere resultado positivo na audiência nos canais.

E é justamente a busca pela audiência que leva as emissoras a reproduzirem essa imposição estética entre os seus funcionários, ou melhor, funcionárias. A televisão, por ser um veículo que necessita da imagem, faz grande uso do que é chamado de “visualmente belo”. E isso inclui os seus profissionais que estão diante das câmeras. O que se observa, no entanto, é que as exigências não são as mesmas para homens e mulheres. Na televisão, não é difícil encontrar homens acima do peso, carecas, de cabelo branco, algo muito mais raro quando se trata de mulheres. (OLIVEIRA, A; OLIVEIRA, N, 2017, p. 13).

Os padrões estéticos ainda são questões que marcam a entrada das mulheres que trabalham com o telejornalismo esportivo, sendo cobradas a partir do que é visualmente belo regido pelo padrão de beleza e, essas, ainda necessitam desempenhar as funções telejornalísticas esportivas com mais excelência, além de se manterem esteticamente bonitas, e joviais. Infere-se, portanto, que esses padrões de beleza podem gerar nas mulheres uma profunda preocupação, pois, quando envelhecerem, ao contrário dos homens, correm o risco

de serem demitidas e trocadas, além de encontrarem mais dificuldades para voltar ao mercado de trabalho.

O jornalismo esportivo e a televisão permitem que um homem seja gordo, barrigudo, careca e velho, mas ela não permite uma mulher acima de 40 anos [...] infelizmente no Brasil nós não temos uma Doris Burke, que é uma repórter icônica da ESPN americana, hoje comentarista de NBA; também não temos uma Rachel Nichols, também uma repórter de NBA, que já são mulheres acima de 40 anos e que se posicionam com tudo, em relação a comentários de jogo, do esporte, da vida política, e tem aceitação. O Brasil não tem, são raras as mulheres acima de 40 anos na frente da televisão, no esporte então, muito menos. (MATOS, 2018 apud OLIVEIRA 2018, online).

Ainda de acordo com Oliveira (2018) há uma presença reduzida de mulheres em coberturas esportivas no Brasil e, mesmo que “os veículos só tenham a ganhar com a contratação de mulheres que contribuirão para o debate esportivo mais amplo” (OLIVEIRA, 2018, sp), a segregação e espetacularização dos corpos ainda ocorre, como mostra a autora:

Trata-se de espetacularização do processo seletivo, que vai gerar muito mais dificuldades para as candidatas, muito além do âmbito esportivo. Só reforça a segregação sofrida pelas mulheres no jornalismo esportivo, onde até mesmo sua inserção é diferenciada e dificultada. (OLIVEIRA, 2018, online.).

Outro desafio que as profissionais telejornalistas esportivas enfrentam é a extensão de horas de jornada e a maternidade. De acordo com Quaesner (2018), em uma pesquisa com 10 mulheres que trabalham com o telejornalismo esportivo que são mães, as jornalistas relatam a dificuldade e a necessidade de equilibrar a vida materna com o trabalho. Assim, nasce outro desafio, o de ser mãe, jornalista e cuidadora do lar.

Diante da jornada tripla que envolve os cuidados com o lar, a maternidade, e telejornalismo, as mulheres trabalham diariamente para conciliar e manter os três itens. Os desafios diários são tão significativos que foram pauta de um debate no Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul (TRE-RS) e contou com a presença das jornalistas Alice Bastos Neves (RBSTV) e Laura Gross (Rádio Guaíba). O programa promoveu um debate sobre o protagonismo feminino na sociedade e, os casos de violência e discriminação são os mais apontados por elas.

Outro desafio citado pelas jornalistas foi a descrença da sociedade na capacidade de as mulheres realizarem coberturas esportivas, além do assédio que marca o dia a dia dessas trabalhadoras. Uma das repórteres conta que a credibilidade entre as esportivas se dá entre elas mesmas, não obtendo apoio externo. Ainda como comenta Alice Bastos na entrevista para o TER-SE sobre o movimento #DeixaElaTrabalhar.

O movimento #DeixaElaTrabalhar é uma iniciativa criada entre as próprias mulheres jornalistas para lidar com as situações de machismo e assédio enquanto elas trabalhavam. A hashtag começou com a união de 52 mulheres jornalistas que atuavam no ramo esportivo, estas representavam todas as mulheres que também atuam nessa área e objetivam lutar contra o assédio moral e sexual que ocorrem nos estádios e em outros locais de trabalho como redação, entre outras. Sobre essa hashtag, Alice ainda comenta que: “Aos poucos, vamos credibilizando uma a outra e nos unindo para ocuparmos mais espaços” (NEVES, 2019, sp).

Na matéria, a jornalista ainda aponta que a maior igualdade de gênero, além das melhores oportunidades profissionais no campo esportivo ainda necessitam muito de uma evolução. Para essas mulheres telejornalistas esportivas a equidade de gênero ainda é um desafio e uma meta a ser alcançada.

Costa; Richartz e Leite (2019) apontam que apesar de ter conquistado um lugar no esporte e na sociedade brasileiras, as mulheres ainda possuem papéis secundários no ramo da mídia esportiva. Ainda de acordo com os autores, a profissão “dominada por homens” (COSTA; RICHARTZ E LEITE, 2019, p.1) não deveria ter espaço para as mulheres, uma vez que essas que estão em constante atuação no esporte recebem diariamente tratamento com desigualdade, principalmente por parte dos telespectadores e leitores. Os autores apontam: “Se os jornalistas homens já são criticados quando erram, as mulheres então são criticadas até quando não falham, com a mesma justificativa de que o gênero define conhecimento sobre algum tema”. (COSTA; RICHARTZ E LEITE, 2019, p.4).

Ainda segundo Costa; Richartz e Leite (2019), mesmo que já tenha sido possível conquistas femininas, em uma pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), cerca de 64% dos cargos de jornalista no Brasil são ocupados por mulheres, porém, quando se trata da profissional esportiva, não há pesquisas que possam apontar esse número e nem a proporção de gênero. Num espaço onde erros não são permitidos, às mulheres, segundo Costa; Richartz e Leite (2019) não podem tecer comentários sobre jogadores, atletas, times, competições ou quaisquer outras que envolvem o desporto, pois, são julgadas apenas por

serem mulheres, e escutam que não entendem nada sobre jogos pelo simples fato de serem mulheres.

Costa; Richartz e Leite (2019) apontam que outro desafio em ser mulher e trabalhar com o esporte é a secundarização de sua voz e papel. Os autores contam que nos últimos anos pode-se notar uma crescente atuação das mulheres no jornalismo esportivo na TV, mas a presença delas acaba tendo uma menor importância em debates e mesas redondas, por isso, a beleza é tão necessária, pois, esta profissional deixa de ser parte daquela discussão e passa a assumir um papel de atrair os espectadores, aumentando a audiência masculina, passando a ser exigido pelas emissoras no telejornalismo.

Além da secundarização, outro desafio que as mulheres telejornalistas esportivas precisam enfrentar é a violência emocional, uma vez que a sexualização é muito presente no esporte.

A violência de certas reações emocionais contra a entrada das mulheres em tal ou qual profissão é compreensível, se virmos que as próprias posições sociais sexuadas e sexualizantes em defender seus cargos contra a feminilização, é a sua idéia mais profunda de si mesmos como homens que os homens estão pretendendo proteger, sobretudo no caso de categorias sociais como os trabalhadores manuais, ou de profissões como as das forças armadas, que devem boa parte, senão a totalidade, de seu valor, até mesmo a seus próprios olhos, à sua imagem de virilidade. (BOURDIEU, 2012, p.115)

Comportamentos como os citados nas pesquisas são enfrentados por mulheres telejornalistas que lutam para permanecer no espaço já conquistado e pelo direito de exercerem o seu trabalho no campo escolhido. As repórteres que foram citadas nas pesquisas e entrevistas são alguns exemplos de mulheres que precisaram enfrentar situações de machismo em seus locais de trabalho.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Jornalismo e Estatística (IBGE), 52% da população brasileira é composta por mulheres. Apesar de corresponder a um número expressivo da população, mais da metade dos habitantes do país, porém, mesmo sendo maioria, cargos de poder e condições equânimes nos espaços de saber e poder são apenas premissas inefetivas. As autoras Coutinho e Pereira (2021) apontam que ainda que as mulheres sejam maioria, quantitativamente, socialmente e politicamente há uma tentativa de naturalizar a questão das condições de igualdade entre homens e mulheres.

As autoras explicam que as práticas cotidianas mostram uma fabulação em cima desta naturalização de condições igualitárias só se concretizam na questão dos deveres, entretanto, não nos direitos. Pereira e Coutinho (2022) apontam que as mulheres são minorias dentro dos telejornais e, a partir de pesquisas obtidas entre dois e seis de agosto de 2021, em três

principais emissoras, contendo 292 entrevistados, 208 eram homens e 84 eram mulheres. Os jornalistas homens que foram entrevistados ocupavam uma margem de 71,24% enquanto as jornalistas mulheres correspondiam a cerca de 28,76% desse total.

Coutinho e Pereira (2021) mostram que os telejornais dão mais visibilidade e ouvidos aos jornalistas homens, os colocando em posição de evidência e, deste modo, contribuem para pensamentos culturais que enxergam os homens como os principais detentores de conhecimento, além de seres dominantes.

(...) corroboram para manter estáveis e dominantes as formações discursivas que sustentam o machismo e o patriarcado. Destacar os homens três vezes mais do que mulheres equivale a dizer que eles dominam o saber, portanto, são os mais aptos a exercer o poder (compreendido, seguindo Foucault (2014), não como vertical, mas como horizontal, pulverizado.) Assim são estabelecidos “avenidas do silêncio) (Solnit, 2017), muros da invisibilidade e desertos noticiosos para mulheres, dificultando que elas ocupem lugares de fala e, portanto, de saber e poder. (PEREIRA; COUTINHO, 2022, p. 146)

A partir dos apontamentos das autoras, entendendo os telejornais como instrumentos de saber e poder que possuem visibilidade, e que apresentam para o público diversos modos de ler o mundo a sua volta, o telejornal se torna um lócus de poder que conjura poderes e conduz condutas. Pereira e Coutinho (2022) indicam que os erros cometidos podem ser a porta de entrada para uma violência simbólica para com as mulheres, uma vez que distorce a luta das mulheres por equidade e contribuem para a desinformação.

Isso posto, as autoras apresentam as consequências do erro cometido por telejornais em colocar poucas mulheres em telejornais. Uma das consequências demonstrada pelas autoras é que “o telejornalismo confere saber e poder aos homens sempre que dá voz a eles e, simultaneamente, retira das mulheres a possibilidade de se expressar” (PEREIRA; COUTINHO, 2022, p. 149). Deste modo, as autoras apontam que os telejornais reafirmam os abismos sociais e atributos masculinos, impossibilitando que mulheres atinjam a equidade.

O telejornal também é apontado como uma forma de violência, pois, de acordo com Pereira e Coutinho (2022) excluir mulheres de locais de poder as mantém afastadas do exercício do poder, logo, não há transformação sociocultural nem reconhecimento de suas produções.

As autoras explicam que os telejornais são um local de reconhecimento simbólico e identitário, portanto, atuam na construção da equidade entre os gêneros.

A partir das pesquisas das autoras já citadas, o resultado destas foi que telejornalismo é um campo fértil para homens, mas em contrapartida, é deserto para mulheres, estas, por sua vez, são segregadas, subjugadas e restringidas.

Ainda de acordo com Pereira e Coutinho (2022) a mulher telejornalista é controlada como sujeito discursivo, portanto, ela só pode falar quando está autorizada, deste modo, se torna um plano de fundo, com falas controladas.

O deserto de notícias de mulheres em papéis de destaque nos telejornais, estes que são instrumento de poder, ocasionam desafios diários para as mulheres, que precisam lutar diariamente, seja para conquistar um lugar, ou permanecer no lugar já conquistado.

Ainda se tratando de desafios no telejornalismo que as mulheres têm enfrentado, casos de assédio podem ser vistos enquanto as profissionais executam seu trabalho.

Júlia Guimarães (Sportv), Laura Zago (CBF TV), Bruna Dealtry (Esporte Interativo) e, mais recentemente, Jessica Dias (ESPN). Estes nomes são exemplos de repórteres telejornalistas esportivas, e profissionais que precisaram lidar com situações de assédio ainda presentes na profissão. As profissionais do esporte foram beijadas no rosto a contragosto por torcedores durante a execução de seus trabalhos em coberturas esportivas.

Júlia Guimarães¹⁸, repórter do Sportv, sofreu com uma atitude de assédio por parte de um torcedor que estava na região. Durante uma cobertura esportiva em que a profissional se preparava para fazer uma entrada ao vivo, a fim de cobrir e noticiar o jogo entre Japão e Senegal. O fato foi transmitido ao vivo pelo canal da Sportv no dia 24 de junho de 2018. Essa situação ocorreu enquanto Júlia se preparava para sua entrada ao vivo, neste momento, um dos torcedores que andava pelo local tentou beijar a repórter no rosto a contragosto, e a reação dela foi o que chamou a atenção dos espectadores que assistiam o canal no momento. A primeira reação de Júlia foi repreender o rapaz.

Outro caso emblemático para a época foi o da repórter Laura Zago¹⁹ da CBF TV. Laura passou por uma situação muito semelhante à de Júlia. Também durante a cobertura da copa do mundo em 2018, na Rússia, a repórter foi desrespeitada por um torcedor Sérvio que passava pelo local enquanto realizava uma entrevista com uma torcedora Brasileira antes do jogo entre Brasil e Sérvia. O fato foi mostrado e postado nas redes sociais da CBF TV no dia 30 de junho de 2018, junto a uma hashtag, a #deixaelatrabalhar. Durante o ato, a jornalista

¹⁸ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AIy5EIKU3J8&t=96s>. Acesso em: 14 jul. 2022.

¹⁹ Vídeo disponível em: <https://youtu.be/vvtlsZlxx2k>. Acesso em: 14 jul. 2022.

tenta se esquivar do torcedor. Os casos de Júlia Guimarães e Laura Zago foram muito veementes na época, e tiveram grande repercussão na mídia.

Já Bruna Dealtry, repórter do canal Esporte Interativo enquanto realizava uma cobertura da partida entre Vasco da Gama e Universidad de Chile, nos arredores de São Januário, foi assediada com um beijo no rosto por parte de um torcedor que estava nas imediações do local. Dealtry, desconfortável com a situação comentou que a atitude do torcedor não foi legal, mas que infelizmente essas coisas acontecem. A situação ocorreu em meados de março de 2018.

Recentemente, durante a cobertura da partida entre Flamengo e Vélez, a repórter Jessica Dias também sofreu com o mesmo tipo de assédio. Um torcedor que estava nas imediações do local puxou a repórter pelo braço e beijou o seu rosto sem o consentimento da profissional. Jéssica, puramente desconfortável com a situação continuou exercendo o seu trabalho em frente às câmeras. Esse caso ocorreu em setembro de 2022.

Portanto, por causa da relevância destes casos, estes foram selecionados para a realização do presente trabalho de pesquisa, e serão analisados no próximo capítulo.

6. METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, descritiva e explicativa. Além disso, configura-se como uma investigação aplicada.

Quanto ao método de análise adotado neste trabalho, foi utilizado o estudo de casos múltiplos, propostos por Yin (2015) e norteados pela análise cultural proposta por Hall (2016) e a descrição dos casos em função da imagem e do som, proposta por Rose (2008) para analisar os quatro casos das jornalistas: Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jéssica Dias. Após a aplicação da metodologia e do método adotado, concluiu-se que foi possível ilustrar muito das teorias levantadas durante a fase de levantamento bibliográfico.

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo primordial analisar a postura apresentada por mulheres telejornalistas esportivas mediante situações de machismo e assédio em coberturas de desporto a partir da análise da linguagem audiovisual. A escolha do tema foi realizada em função de um incômodo pessoal da pesquisadora frente a situações de assédio que estão ocorrendo com mulheres repórteres brasileiras que atuam no meio telejornalístico desportivo.

Ocorreram casos de importunação sexual não só no Brasil, como em outros países, e que puderam ser registrados por meio das câmeras enquanto as profissionais telejornalistas esportivas executavam o seu trabalho, seja este cobrindo duelos entre times ou durante a realização de entrevista com torcedores. Efetuando buscas nos sites de pesquisa, é possível encontrar diversas situações em que mulheres são desrespeitadas ao longo da execução do seu trabalho.

Durante o período de busca pelo assunto, ao inserir na barra de pesquisa do YouTube o seguinte trecho textual: “Repórteres esportivas assediadas durante coberturas esportivas” houveram diversos casos de repórteres, mais especificamente as que trabalham com o telejornalismo esportivo, que foram constrangidas durante o exercício profissional. O trajeto de pesquisa, critérios de inclusão foram adotados para a escolha do material a ser analisado, sendo eles: ser uma telejornalista e repórter esportiva, ser mulher, e ter o seu direito de trabalhar desrespeitado mediante situações de assédio moral ou sexual. Além disso, baseou-se o critério de escolha dos vídeos em um recorte entre os meses de março de 2018 a setembro de 2022.

Outro critério de inclusão utilizado foi o fato do vídeo ter mais de mil visualizações e ser um material bruto²⁰ e sem comentários de terceiros acerca do caso.

Quanto aos critérios de exclusão da mostra, excluiu-se os casos que se passaram anteriormente ao mês de março de 2018 e posteriormente ao mês de setembro de 2022. Também foi levado em consideração a questão de gênero e categorias de trabalho jornalístico, além do critério de quantidade de visualizações na plataforma. Deste modo, excluem-se todos os casos e vídeos que contenham menos de mil visualizações. A baixa repercussão midiática e vídeos com análises de terceiros também foram critérios utilizados para excluir materiais da mostra.

A partir dos critérios de inclusão e exclusão utilizados, quatro casos foram selecionados para análise, sendo eles os das jornalistas Bruna Dealtry (Esporte Interativo), Laura Zago (CBF TV), Júlia Guimarães (Sportv) e Jéssica Dias (ESPN).

A busca e a coleta dos casos a serem analisados foram realizadas no dia 14 de junho de 2022, e todos os casos foram selecionados a partir da plataforma de streaming YouTube. Os casos que foram selecionados para análise mostram trechos de gravações do momento do ocorrido. Todos os casos já citados foram transmitidos ao vivo em suas respectivas emissoras.

Dos quatro vídeos coletados no YouTube durante o processo de sondagem e levantamento, foi possível observar que todos os casos envolvendo as repórteres desportivas ocorreram durante períodos de comemoração da vitória de algum dos times que estavam participando das disputas e todos os casos coletados são referentes aos anos de 2018 e 2022.

Tomando como critério para o início da análise a ordem cronológica dos fatos, o primeiro caso a ser analisado será o da repórter Bruna Dealtry. O incidente aconteceu nas imediações do estádio São Januário, situado no Rio de Janeiro. O fato ocorreu durante a cobertura da disputa pela Copa Libertadores da América entre os times Vasco da Gama e Universidad de Chile. A repórter foi beijada na face por um dos torcedores do time Vasco da Gama.

Também, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, os outros dois casos selecionados foram os das repórteres Júlia Guimarães e Laura Zago. Ambos os casos ocorreram fora do Brasil, mais especificamente na Rússia durante o período da Copa do Mundo de 2018. Ambos os fatos ocorreram com apenas alguns dias de diferença. A repórter

²⁰ Material bruto é um material sem edições.

Julia Guimarães foi assediada no dia 24 de junho, já a repórter Laura Zago foi assediada no dia 30 de junho do mesmo ano.

Dando seguimento aos casos, o fato ocorrido com a telejornalista Julia Guimarães aconteceu em Ecaterimburgo, na Rússia, enquanto o da também repórter Laura Zago ocorreu na cidade de Moscou, também na Rússia.

Explicando os casos separadamente, a profissional Julia Guimarães teve sua face beijada por um rapaz que passava no local enquanto a repórter realizava a sua segunda entrada ao vivo. A repórter fazia a cobertura da disputa entre Japão e Senegal nas imediações do Estádio Central de Ecaterimburgo.

Já a profissional Laura Zago também teve a sua face beijada por um dos torcedores sérvios enquanto realizava uma entrevista ao vivo com uma torcedora brasileira que estava no local. A telejornalista fazia a cobertura da partida entre os times Brasil e Sérvia nas imediações do Estádio Spartak em Moscou.

Após quatro anos dos casos ocorridos com as profissionais já citadas anteriormente, outro caso de assédio com telejornalistas esportivas obteve relevância no Brasil. Em setembro de 2022, a também repórter de desporto Jessica Dias, nas imediações da cidade do Rio de Janeiro, teve sua face beijada por um torcedor flamenguista durante a cobertura da disputa entre os times Flamengo e Vélez Sársfield. Ambos os times disputavam uma vaga na Copa Libertadores da América.

Visando explicar a abordagem da pesquisa, de acordo com Bauer; Gaskell e Allum (2000), a diferença entre os dois meios de se realizar uma pesquisa é que o método quantitativo faz o uso dos dados numéricos coletados como um modelo para explicar fenômenos ou fatos, enquanto a pesquisa qualitativa não visa especificamente a análise dos dados numéricos, mas busca interpretar as realidades sociais com um maior aprofundamento dos fatos. Nesta categoria de pesquisa, motivações subjetivas de um grupo estudado são levadas em conta, assim como a busca pela compreensão e interpretação de comportamentos, sentimentos, percepções, dentre outros aspectos. A partir desta abordagem visa-se entender o caminho para as tomadas de decisões sobre o problema de pesquisa ser observado.

Partindo para a natureza desta pesquisa, essa corresponde ao grupo das qualitativas pois, entendendo que os números são importantes para a análise e critérios de inclusão das mostras dos casos, o principal objetivo do presente trabalho de pesquisa não está em

quantificar, mas aprofundar culturalmente nos casos selecionados, portanto, essa pesquisa possui o propósito de ser qualitativa.

A Fim de explicar a importância desses tipos de métodos para a teorização da natureza de um trabalho de pesquisa, Filstead (1979 apud BAUER; GASKELL E ALLUM, 2000) apontam:

Métodos quantitativos e qualitativos são mais que apenas diferenças entre estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados. Esses enfoques representam, fundamentalmente, diferentes referenciais epistemológicos para teorizar a natureza do conhecimento, a realidade social e os procedimentos para se compreender esses fenômenos (FILSTEAD, 1979 apud BAUER; GASKELL; ALLUM, 2000, p. 29)

Partindo para o propósito da pesquisa, pode-se caracterizá-la como um estudo descritivo e explicativo, uma vez que a partir da descrição dos fatos é possível analisar e talvez explicar a situação. Estes se enquadram como pesquisa descritiva, uma vez que, de acordo com Gil (2010), pesquisas descritivas podem ser definidas como pesquisas que objetivam identificar e descrever as características do que está sendo pesquisado, sendo estes: raça, sexo, gênero, idade e etc.

Ainda se tratando de objetivos, a presente monografia também está no grupo das explicativas, pois, ainda conforme Gil (2002) as pesquisas explicativas: “visam identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2002, p. 42).

Levando-se em consideração o objetivo de analisar os casos de assédio ocorridos com as repórteres Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias, visa-se uma explicação quanto ao motivo destes acontecimentos.

Analisando este trabalho de pesquisa procedimentalmente, pode-se apontar que o estudo está caracterizado como registro documental, uma vez que, segundo Francescutti (2019), os elementos narrativos presentes no audiovisual são linguísticos, sonoros e textuais, além de documentos históricos, sociais e que apresentam lugar de memória. Tais elementos também, ainda segundo Francescutti (2019) chegam até o espectador em forma de elementos narrativos que o permite assimilá-lo narrativamente. Deste modo, os materiais audiovisuais se tornam elementos sociais e históricos, com enfoques que possibilitam a análise do conteúdo a ser apresentado.

Dando seguimento ao estudo, tipologicamente, esse pode-se configurar como uma investigação aplicada, pois, de acordo com Laville, Dione (1999), a tipologia aplicada possui o objetivo de construir novos conhecimentos partindo de teorias já pré-existentes.

Dada a extensão da tipologia da pesquisa, observou-se que a perspectiva de método de análise selecionado está sendo orientado a partir da análise cultural, uma vez que a análise cultural se concentra no modo em que as vivências culturais são transacionadas. Deste modo, a análise cultural é utilizada na pesquisa como uma forma de estudar e entender culturalmente e socialmente os fatos ocorridos.

Partindo para os métodos utilizados na realização desta pesquisa, Yin (2015) explica que o estudo de caso é utilizado de modo a contribuir com fenômenos sociais, grupais, organizacionais e culturais. Assim, o método surge de um anseio de entender fenômenos sociais complexos e permite ao pesquisador focar em um caso e reter a perspectiva holística e do mundo real deste determinado caso. Além disso, o estudo de caso, segundo o autor, é uma investigação empírica que efetua a investigação de um fenômeno contemporâneo em sua profundidade e conta com diversas fontes de evidência, convergindo os dados de maneira triangular. Desta forma, norteadada pela análise cultural, a análise de casos múltiplos foi o método de pesquisa selecionado

Ainda se tratando de estudo de casos múltiplos, Yin (2015) informa que esse estudo tem sido considerado um método que apresenta diversas vantagens e desvantagens, uma vez que, de acordo com o autor, este é visto como mais “robusto” e vigoroso, além de propiciar um conjunto de questões responsáveis por uma predição de dois casos que podem ser semelhantes ou diferentes entre si. Ainda segundo Yin (2015) esse método propicia um projeto de replicação literal ou teórica que é aplicada aos experimentos ou aos estudos do caso.

Levando em consideração a utilização do estudo de casos múltiplos, mais especificamente, dos casos comparativos, e a orientação da análise cultural para nortear o estudo, iniciou-se uma triagem dos casos candidatos para o estudo de caso. Os casos pilotos, assim como as amostras a serem analisadas são chamadas por Yin (2015), foi realizada a etapa da triagem em dois estágios, sendo o primeiro a coleta dos dados quantitativos mais relevantes sobre o grupo a ser analisado, e o segundo estágio foi a definição de critérios para análise.

Yin (2015) aponta que os casos-pilotos podem assumir um papel de laboratório, possibilitando o detalhamento e análise do protocolo e possibilitando que o fato possa ser analisado de diversos ângulos possíveis e distintos. Os casos pilotos selecionados com base nos critérios de inclusão e exclusão, assim como já citado anteriormente, foram os casos das jornalistas Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

Ainda se tratando da coleta de evidências, Yin (2015) explica que em algumas situações uma teoria apropriada a ser utilizada é a descritiva, uma vez que tem por finalidade uma variedade ampla de tópicos para uma descrição completa do caso a ser estudado. Deste modo, levando-se em consideração esta metodologia, haverá uma descrição dos vídeos, para que possam ser analisados.

O método utilizado, assim como explica o autor Yin (2015) não pode ser confundido com uma pesquisa de campo ou etnografia, limitando-se a descrever e observar fatos ocorridos, ocorrendo somente a coleta de dados e a contextualização destes. Desta forma, como somente a análise e descrição dos materiais não serão suficientes para o estudo, haverá uma extrapolação para a análise cultural.

Rose (2008) aponta que há casos em que a análise do material extrapola a linguagem textual, em sua tamanha complexidade, as imagens produzem sentidos, portanto, devido a tamanha complexidade do fato, houve essa necessidade. Houve a necessidade dessa extrapolação pois, os vídeos mostram uma situação ocorrida, sendo importante enxergar para além do que está posto, deste modo, são resultantes de um determinado processo e traduzem o momento histórico vivido num determinado momento.

A análise cultural de acordo com Rocha (2011) é uma vertente de estudos que visa metodologicamente estudar e compreender de qual forma a luta cultural opera. Deste modo, analisa-se o contexto social e cultural a partir de uma determinada situação, baseando-se em um determinado momento da história, no qual ocorreu o fato a ser analisado.

Visando analisar culturalmente os vídeos desconstruídos, esta pesquisa apoia-se na perspectiva de análise cultural de Stuart Hall (2016).

Hall (2016) aponta que a cultura é um dos conceitos mais complexos presentes nas ciências humanas, sendo um termo com um significado de “o melhor que foi pensado e dito numa sociedade” ou, de maneira antropológica, um conjunto de valores compartilhados. Assim, até um simples gesto pode ser considerado como algo cultural. A título de exemplo, quando acenamos com uma das mãos para um conhecido, culturalmente, a partir dos valores

sociais que a sociedade construiu e foi repassada geracionalmente, entendemos o gesto como um cumprimento amigável. Assim, o autor explica que damos sentidos às coisas a partir da linguagem.

Segundo Hall (2016), a linguagem constrói diálogos e permite significados compartilhados, sejam eles: sonoros, escritos, imagéticos, dentre outros. Utilizando como base a metodologia de Rose (2008) de descrição e desconstrução do material audiovisual em função da imagem e do som, no quadro abaixo é possível analisar a situação e entender como ela ocorreu o fato.

Isso posto, os materiais audiovisuais coletados serão desconstruídos em função da imagem e do som formando um script, como posto por Rose (2008), se tornando assim, passíveis de análise.

Mediante isso, Loizos (2008) aponta que a imagem é um artifício deveras importante no processo de imortalização de momentos, pois, de acordo com o autor, tratando-se de pesquisa social, a imagem consegue fazer um estudo de dados e informações visuais sem necessitar do uso de palavras escritas, nem números, sendo autossuficiente por si só. Porém, ainda de acordo com o autor, imagens podem ser facilmente manipuladas, portanto, a análise escolhida foi pautada na combinação entre a imagem e o som.

Entretanto, apesar de uma possível manipulação das imagens, Rose (2008) explica que há especificidades em realizar uma análise de um material em linguagem audiovisual, sendo uma delas a existência de dimensões verbais e visuais. A autora explica que a análise deste tipo de material depende da observação conjunta tanto do conteúdo imagético quanto sonoro.

Seguindo a discussão sobre audiovisual e suas especificidades (ROSE, 2008, p.343) também demonstra que o audiovisual expõe sentidos complexos, apresentando uma composição de sentidos e sequências de cenas. Ainda de acordo com ela: “É, porquanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise do seu conteúdo e estrutura”.

Rose (2008) mostra que os meios audiovisuais trazem consigo sentidos e imagens, e por eles é possível que haja a construção de uma sequência de cenas e sentidos. A autora aponta que quando estamos analisando um material audiovisual, é necessário que haja tomadas de decisões. (ROSE, 2008, p. 344) explica que os materiais que serão descritos não podem ser transcritos identicamente ao modo ocorrido originalmente. A autora explica que: “Por exemplo, ao transcrever e codificar um conjunto de dados que seja ‘verdadeiro’ como

referência ao texto original. A questão, então, é ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação”.

Esta pesquisa apresenta uma análise dos vídeos, contendo uma observação da linguagem audiovisual destes vídeos, que serão transcritos e desconstruídos e transformados em um formato de script.

Rose (2008) explica que não há uma análise integral dos materiais coletados, porém, há alguns métodos para que ela ocorra da melhor forma possível, sendo um deles a transcrição e análise dos dados. Segundo ela:

Se essas técnicas forem tornadas explícitas, então o leitor possui uma oportunidade melhor de julgar a análise empreendida. Devido à natureza da translação, existirá sempre espaço para oposição e conflito. Um método explícito fornece um espaço aberto, intelectual e prático, onde as análises são debatidas. (ROSE, 2008, p. 345).

Apesar da afirmação da autora esta pesquisa vai contemplar uma transcrição integral e na totalidade do que está sendo exibido.

A metodologia de translação foi selecionada, pois, ainda segundo a autora, quando se translada e um material audiovisual, é fornecido um espaço aberto e intelectual, além de prático para que análises acerca do material sejam obtidas.

Retomando a questão dos métodos, após a definição do estudo de casos e da metodologia de análise cultural, foi elaborado um protocolo de análise com o objetivo de analisar e conduzir corretamente os dados obtidos após a verificação dos materiais.

Haverá um quadro no qual aponta os materiais a serem analisados. Para fins de metodologia e análise os vídeos foram nomeados como I, II, III e IV, seguindo uma lógica temporal do mais antigo para o mais recente, iniciando-se pelo vídeo da jornalista Bruna Dealtry precedido pelas jornalistas Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

Após a definição do método e os casos a serem analisados, para fins de protocolo de análise, inicialmente apresenta-se um quadro contendo a decomposição dos vídeos que se enquadram no recorte já especificado e descrito no texto. Após essa seleção há um quadro contendo a descrição dos casos, baseando-se na metodologia de Rose (2008).

O protocolo de análise selecionado consiste na comparação de quatro casos diferentes, ou seja, comparação e estudo dos casos das jornalistas e repórteres e telejornalistas esportivas Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

6.1 PROTOCOLO DE ANÁLISE

Apesar da afirmação da autora esta pesquisa vai contemplar uma transcrição integral e na totalidade do que está sendo exibido.

A metodologia de translação foi selecionada, pois, ainda segundo Rose (2008), quando se translada um material audiovisual, é possível que o pesquisador obtenha um espaço aberto e prático para que realize as análises acerca do material selecionado.

Retomando a questão dos métodos, após a definição do estudo de casos e da metodologia de análise cultural, foi elaborado um protocolo de análise com o objetivo de analisar e conduzir corretamente os dados obtidos após a verificação dos materiais.

Haverá um quadro no qual aponta os materiais a serem analisados. Para fins de metodologia e análise os vídeos foram nomeados como I,²¹ II²², III ²³e IV²⁴, seguindo uma lógica temporal do mais antigo para o mais recente, iniciando-se pelo vídeo da jornalista Bruna Dealtry precedido pelas jornalistas Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

Após a definição do método e os casos a serem analisados, para fins de protocolo de análise, inicialmente apresenta-se um quadro contendo a desconstrução dos vídeos que se enquadram no recorte já especificado e descrito no texto. Após essa seleção há um quadro contendo a descrição dos casos, baseando-se na metodologia de Rose (2008).

O protocolo de análise selecionado consiste na comparação de quatro casos diferentes, ou seja, comparação e estudo dos casos das jornalistas e repórteres e telejornalistas esportivas Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

Haja vista o método selecionado de análise cultural com base em estudos de casos múltiplos e na descrição dos casos, o primeiro passo para a análise do material foi a seleção dos vídeos que se enquadraram no recorte já especificado e descrito no item metodologia. Após essa seleção houve uma descrição dos casos, verificando a cronologia dos fatos e acontecimentos.

Rose (2008) aponta que há casos em que a análise do material extrapola a linguagem textual, em sua tamanha complexidade, as imagens produzem sentidos, portanto, devido a tamanha complexidade do fato, houve essa necessidade.

²¹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqfX-xXIYIw>. Acesso em: 14 jul. 2022.

²² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AIy5EIKU3J8&t=96s>. Acesso em: 14 jul. 2022.

²³ Vídeo disponível em: <https://youtu.be/vvtlsZlxx2k>. Acesso em: 14 jul. 2022.

²⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tWhQwKb-9-I>. Acesso em: 14 jul. 2022.

O protocolo de análise utilizado consiste na comparação de quatro casos diferentes, ou seja, comparação e estudo dos casos das jornalistas e repórteres e telejornalistas esportivas Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

Baseando-se na ordem cronológica dos acontecimentos, levando em consideração os itens como a data dos fatos, por ser o caso selecionado mais antigo, este protocolo de análise se inicia pelo caso da repórter Bruna Dealtry, denominado metodologicamente de vídeo I.

Como o nome original do vídeo na plataforma não é relevante para a análise e a metodologia selecionada, os nomes dos vídeos analisados foram alterados, sendo eles: vídeo I, (Bruna Dealtry), vídeo II (Julia Guimarães), vídeo III (Laura Zago) e Vídeo IV (Jéssica Dias) conforme apresentado no quadro abaixo.

Quadro 1- Vídeos selecionados

Vídeo	Ano de ocorrência do fato	Local de ocorrência do fato	Número de visualizações²⁵
I	2018	Estádio de São Januário (Rio de Janeiro - Brasil)	192.288
II	2018	Estádio Central (Ecatimburgo- Rússia)	28.000
III	2018	Estádio Spartak (Moscou - Rússia)	1.300

²⁵ Esse levantamento foi realizado em: 14 jul. 2022.

IV	2022	Estádio Maracanã (Rio de Janeiro- Brasil)	18.765
-----------	------	---	--------

Fonte: autora

Apesar de conter mais informações acerca do fato que é debatido nos vídeos, por critérios metodológicos, foram selecionados apenas alguns trechos nos quais é retratado o fato ocorrido, ou seja, o exato momento em que o assédio aconteceu durante a transmissão. Desta forma, nem todos os vídeos serão analisados desde o minuto 00:00.

Levando em consideração as etapas, primeiro foi feita uma seleção dos vídeos enquadrados no recorte já especificado e descrito no item metodologia. Em seguida, será feita uma contextualização sobre cada um dos quatro casos individualmente e, em seguida, haverá o quadro de descrição, proposto por Rose (2008) de forma a descrever o material audiovisual em função da imagem e do som. A última etapa será a realização de uma análise conjunta de todos os casos, ressaltando as peculiaridades e semelhanças entre eles.

Este protocolo segue a descrição detalhada dos casos em função da imagem e do som, tal qual utilizado por Rose (2008). Em seguida, haverá uma análise cultural baseada no contexto da época e, por fim, haverá uma comparação entre os quatro casos diferentes, ou seja, comparação e estudo dos casos das repórteres esportivas Bruna Dealtry, Julia Guimarães, Laura Zago e Jessica Dias.

A descrição dos vídeos além de conter mais informações acerca do que é discutido na imagem e no som, dá ao pesquisador uma visão mais ampla dos acontecimentos, possibilitando, assim, a realização da análise desses. Por critérios metodológicos, apenas alguns trechos dos vídeos foram selecionados, levando em consideração que os outros trechos excluídos não eram relevantes para a análise do material. Os trechos a serem retratados são os que contêm o momento da transmissão em que aconteceu o assédio.

Baseando-se na ordem cronológica dos acontecimentos, levando-se em consideração os itens como a data dos fatos, por ser o caso selecionado mais antigo, este protocolo de análise se inicia pelo caso da repórter Bruna Dealtry, denominado metodologicamente de vídeo I, deste modo, a análise seguirá em ordem cronológica, conforme citado acima.

Considerando as premissas de Rose (2008) de que há casos em que a análise do material extrapola a linguagem textual e audiovisual, este protocolo segue de modo a

extrapolar essas linguagens e os seus sentidos, considerando também o contexto no qual os fatos ocorreram.

6.2 ANÁLISE

Assim como aponta Hall (2016), a linguagem é uma importante ferramenta que constrói diálogos e permite significados compartilhados. O autor aponta que as imagens que vemos nos ajudam a compreender a realidade em que vivemos, deste modo, também são parte da chamada ‘construção social’. Assim, observar e analisar mensagens imagéticas e sonoras são ferramentas importantes para compreender um contexto social e cultural.

6.2.1 Análise do vídeo I

Em 13 de março de 2018 no estádio São Januário, na cidade Brasileira do Rio de Janeiro, a repórter Bruna Dealtry realizava a cobertura do duelo pela Copa Libertadores da América entre os times Vasco da Gama e Universidad de Chile. A jornalista realizava uma transmissão ao vivo do fim da partida e realizava uma entrevista com os torcedores para o canal de comunicação Esporte Alternativo. Enquanto realizava a cobertura, a repórter aparecia em cena rodeada por torcedores ao fundo que festejavam a vitória de seu time. Não se é possível contabilizar quantas pessoas estavam em cena junto à repórter, mas estima-se cerca de cinquenta pessoas. Porém, próximos a profissional, cerca de sete torcedores.

A repórter que já estava no ar permanecia em meio ao povo entrevistando um rapaz de camisa verde que estava à sua esquerda. Os outros torcedores permaneceram ao fundo gritando e fazendo uma espécie de comemoração enquanto a repórter realizava o seu trabalho.

Um homem de camisa verde está ao lado esquerdo da repórter enquanto mexe em seu celular. Já no lado direito de Bruna Dealtry está um garotinho que aparenta ter cerca de uns dez anos, aparece sorrindo e olhando fixamente para a profissional. Enquanto isso, um rapaz com uma tatuagem contendo a cruz de malta e o que parece ser um cavaleiro em seu braço direito e junto a cruz, balbucia algo inaudível e logo em seguida beija a repórter no lado direito da face. Os lábios do rapaz quase tocam a boca da apresentadora, que se esquiva, apresentando uma expressão que conhecemos como susto ou surpresa.

Após o ocorrido, tanto a repórter quanto o entrevistado de camisa verde aparentam estarem incomodados com a situação. A profissional comenta que o ato não havia sido legal, mas, era necessário seguir com as entrevistas e o vivo²⁶.

Após o ocorrido, o fato gerou bastante repercussão nas mídias, entre elas o Instagram e o Twitter. Outros veículos de comunicação como: Veja, UOL, Correio Braziliense, dentre outros também noticiaram o caso.

Figura 1: Captura de tela do veículo POP! POP! POP!



Fonte: Reprodução POP! POP! POP!

²⁶ Vivo é a forma como os jornalistas chamam a entrada do repórter em tempo real.

Figura 2: Captura de tela do veículo UOL



Fonte: Reprodução UOL

Figura 3: Captura de tela do veículo Correio Braziliense



Fonte: Reprodução Correio Braziliense

Figura 4: Captura de tela do veículo de comunicação El País



Fonte: Reprodução El País

A partir de uma breve contextualização do caso, abaixo está o quadro proposto por Rose (2008) com a descrição do vídeo em função do som e da imagem.

Quadro 2: Vídeo I

Tempo	Dimensão verbal	Dimensão visual
00:00 - 00:03	Gente, é muita animação. Muita cerveja voando.	Os torcedores estão ao fundo gritando e fazendo uma espécie de comemoração enquanto a repórter está realizando a sua entrada ao vivo. Um homem de camisa verde está ao lado esquerdo da repórter enquanto mexe em seu celular. Já no lado direito de Bruna Dealtry está um garotinho sorrindo e um rapaz com a tatuagem do time em seu braço e sem camisa. Enquanto a jornalista realizava sua passagem o rapaz sem camisa do lado direito a encara fixamente e balbucia algo inaudível. A repórter faz a marcação se sua fala com a mão esquerda, enquanto que com a esquerda segura o microfone. Em seguida a repórter olha para o lado direito.

00:03 - 00:05	Aii	<p>No momento em que a jornalista olha o para o lado direito o torcedor sem camisa a beija no rosto.</p> <p>Bruna Dealtry segura o microfone fixamente com a mão direita enquanto leva a mão esquerda ao lado esquerdo do rosto próximo ao queixo e a lateral da face. O rapaz que está ao lado esquerdo da repórter com uma camisa na cor verde que antes parecia estar sorrindo e com a face em estado de relaxamento, olha para o rapaz à direita da jornalista esboçando uma reação que aparenta ser de surpresa.</p> <p>O garotinho que também aparece ao lado direito da repórter fica a observando com o que parece ser um sorriso, enquanto a jornalista esboça uma reação de surpresa.</p> <p>Neste momento, o homem que beijou a repórter no rosto sai de cena com uma expressão que aparenta ser um sorriso junto ao garotinho com camisa de time que está atrás do rapaz e vai em direção aos outros torcedores que estavam festejando. Enquanto isso, a repórter volta o seu microfone para próximo de sua boca e olha para o rapaz com camisa verde a sua esquerda.</p>
00:06 -00:13	Olha aqui, isso não foi legal! Isso não precisava, mas aconteceu! E, vamos seguir o baile por aqui.	<p>A repórter demonstra o que culturalmente entendemos como incômodo e insatisfação com o ato do torcedor enquanto passa sua mão esquerda pelos cabelos. O rapaz com a camisa verde se mostra com uma expressão incomodada e desconfortável enquanto olha para a lateral direita da tela. Outro torcedor com uma camisa branca com listra preta entra em cena pelo lado direito da tela batendo a mão direita no peito e balbuciando algo inaudível. A repórter continua com sua entrada ao vivo voltando o seu olhar para a lateral esquerda da tela onde estava o rapaz com a camisa verde.</p> <p>Assim, o vídeo acaba abruptamente. O enquadramento do vídeo está em plano</p>

		médio
--	--	-------

Fonte: autora

Tomando como base a descrição do vídeo em função da imagem e do som, conforme a metodologia proposta por Rose (2008), nos primeiros momentos do vídeo é possível observar que a jornalista apresentava um comportamento que culturalmente conhecemos e entendemos por animação ao entrar ao vivo. O rosto da telejornalista aparentava estar o que entendemos culturalmente como tranquilo. Enquanto a repórter fazia a sua entrada ao vivo, o torcedor à sua direita a observava fixamente. O homem faz sua investida e quase toca com os lábios na boca da repórter, esta que, por sua vez, em uma espécie de reflexo, se esquivava. A partir da minutagem 00:03 à 03:05, após o torcedor beijar a face da repórter, é possível analisar a partir das feições apresentadas por ela, um certo desconforto trazido pelo ato. A repórter primeiramente se assusta e fica paralisada por alguns segundos, provavelmente tentando entender a situação, logo, ela se posiciona na minutagem 00:06 à 00:13 dizendo ao torcedor que sua conduta não foi legal, porém, era necessário seguir em frente.

Durante todo o momento, a jornalista não solta o seu microfone, esse, posicionado em sua mão direita.

Após o ocorrido, as feições da repórter apresentavam um certo desconforto, porém, essa estava mantendo sua postura firme e continuou com a sua entrevista ao vivo. O torcedor, assim como o menininho que sorria ao ver o ato saíram da cena pelo canto direito da tela.

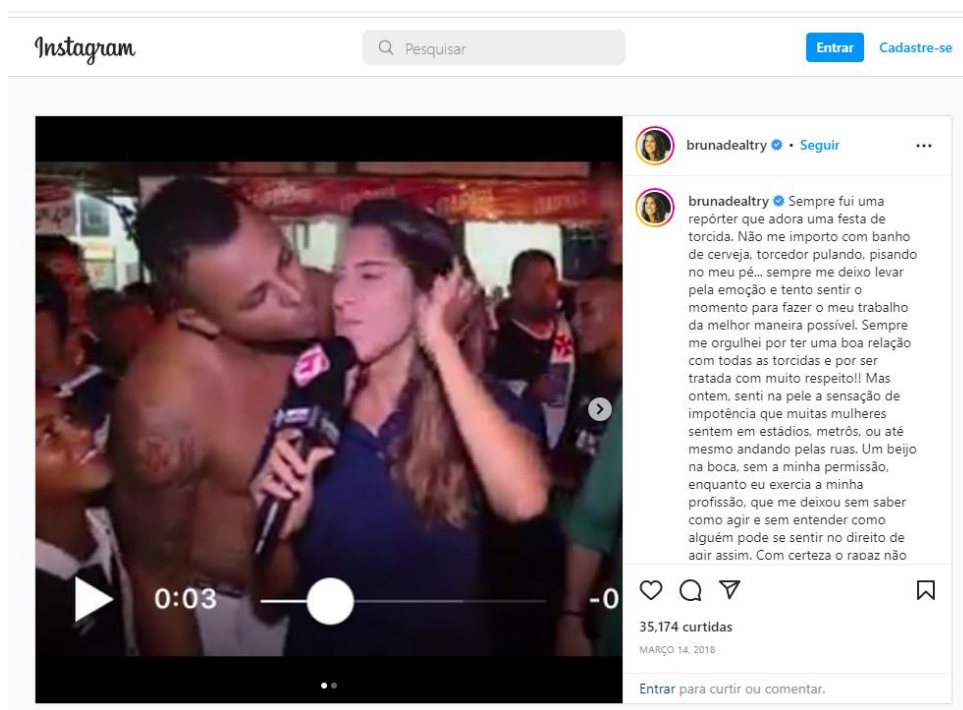
Depois do acontecimento, no dia 14 de março, a telejornalista realizou uma publicação em sua rede social (Instagram) na qual explicava o ocorrido e como se sentia em relação a isso. A jornalista se posicionou em um post no seu Instagram dizendo:

Sempre fui uma repórter que adora uma festa de torcida. Não me importo com banho de cerveja, torcedor pulando, pisando no meu pé... sempre me deixo levar pela emoção e tento sentir o momento para fazer o meu trabalho da melhor maneira possível. Sempre me orgulhei por ter uma boa relação com todas as torcidas e por ser tratada com muito respeito!! Mas ontem, senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô, ou até mesmo andando pelas ruas. Um beijo na boca, sem a minha permissão, enquanto eu exercia a minha profissão, que me deixou sem saber como agir e sem entender como alguém pode se sentir no direito de agir assim. Com certeza o rapaz não sabe o quanto eu ralei para estar ali. O quanto eu estudei e me esforcei para ter o prazer de poder contar histórias incríveis e estar em frente às câmeras mostrando tudo ao vivo. Faculdade, cursos, muitos finais de semana perdidos, muitos jogos de futebol

analisados, estudo tático, técnico, pesquisas etc. Mas pelo simples fato de ser uma mulher no meio de uma torcida, nada disso teve valor para ele. Se achou no direito de fazer o que fez. Hoje, me sinto ainda mais triste pelo que aconteceu comigo e pelo que acontece diariamente com muitas mulheres, mas sigo em frente como fiz ao vivo. Com a certeza que de cabeça erguida vamos conquistar o respeito que merecemos e que o cidadão que quis aparecer é quem deve se envergonhar do que fez. Sou repórter de futebol, sou mulher e mereço ser respeitada (DEALTRY, Bruna, 2018).

Em uma entrevista para o UOL Esporte,²⁷ a profissional apontou que tal acontecimento a fez se sentir impotente. "Depois que terminei aquela passagem, eu me senti frágil, impotente. Já tinha lido relatos de amigas que passaram por este tipo de abuso nos estádios, mas nunca tinha acontecido comigo. Sentir na pele é muito diferente, você se sente muito frágil. Realmente não fazia a menor ideia de como agir em uma situação como essa". Explicou ela. A postagem realizada no Instagram da profissional pode ser encontrada abaixo.

Figura 5: Postagem da jornalista no Instagram



Fonte: Reprodução Instagram/ Bruna Dealtry

27

Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2018/03/14/assedida-por-torcedor-reporter-desabafa-me-senti-fragil-impotente/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Figura 7: Captura de tela do veículo Rede Brasil Atual

#DEIXAELATRALHAR

Mulheres jornalistas lançam campanha contra assédio na mídia esportiva

Movimento surgiu após casos de assédio contra repórter do Esporte Interativo, Bruna Dealtry, e Renata de Medeiros, da Rádio Gaúcha

Por Redação RBA

Publicado 26/03/2018 - 11h48



Fonte: Reprodução Rede Brasil Atual

O vídeo contendo o momento em que a repórter foi beijada na face começou a circular pelo YouTube, assim como a hashtag começou a circular nas redes sociais como Instagram e Twitter. O vídeo que até dia 06/12/2022, o momento da coleta, possui cerca de 192.288 mil visualizações na plataforma e cerca de 154 mil curtidas ganhou certa notoriedade social.

No mesmo dia em que ocorreu o fato com a repórter, o time do Vasco da Gama publicou uma nota de repúdio em sua conta do Twitter, na qual dizia que o clube tomaria providências.

Figura 8: Vasco da Gama lança nota de repúdio



Fonte: Reprodução Twitter/ Vasco da Gama

Após beijar a profissional na face, no dia 14/03/2022, o torcedor do time Vasco da Gama se posicionou no dia 04/03/2018 por meio de um vídeo postado em suas redes sociais, no qual se desculpava com a repórter dizendo: “ Eu queria me retratar com a Bruna do Esporte Alternativo, tem um vídeo viralizando com o meu nome, primeiramente eu tenho que pedir desculpas para ela, eu não sou isso aí que você está imaginando, Bruna. O beijo aí foi no rosto, eu te mandei vários emails, eu tô totalmente envergonhado, eu não queria ter feito aquilo, mas eu bebi, fiz, tô todo errado, eu repudio isso aí também (...) se você olhar o vídeo com mais calma, isso eu fiz de zoeira, foi uma brincadeira, porque eu queria aparecer na televisão”.²⁸

²⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/videos/videos.htm?id=torcedor-do-vasco-pede-desculpas-apos-assedio-a-reporter-04024C9B3660C4A16326>. Acesso em: 08dez. 2022.

Figura 9: Torcedor pede desculpas à repórter



Fonte: Reprodução/ UOL

Ainda não é possível analisar ou afirmar que a pressão social que o torcedor conta viver na época foi um dos motivos pelo qual ele foi motivado a realizar o vídeo de retratação e pedido de desculpas, porém, após o caso de assédio repercutir nas redes sociais, o torcedor desabafou que “ Isso acabou atrapalhando demais a minha vida e a da minha esposa”.

Analisando o contexto da época, o ano era 2018, em um contexto de comemoração pela vitória do time, um dos torcedores cruzou a linha com a repórter. Bruna Dealtry não foi a primeira repórter esportiva a ser assediada por torcedores, e nem foi a última. Repórteres de desporto como Sabina Simonato (SPTV) e Luciane Kohlmann (RBS TV) também foram assediadas com beijo na face em 2014. Todos esses casos ocorreram durante coberturas esportivas, mas não obtiveram muita relevância midiática nesta época.

Ainda não há informações se a repórter denunciou o agressor ou tomou medidas legais relacionadas a ele.

Outra análise que pode ser realizada no vídeo é a questão do enquadramento, durante todo o ocorrido o enquadramento que estava em um plano médio, acima da linha da cintura da repórter seguiu o mesmo. A priori à análise do material, esperava-se que o enquadramento da

câmera se alterasse para um primeiro plano ou close, mas o plano e enquadramento seguiu-se igual.

A jornalista Bruna Dealtry não foi a primeira mulher a sofrer com o assédio durante as coberturas esportivas, entretanto, teve sua importância para a realização de uma campanha criada em prol de conscientizar e pedir mais respeito com as mulheres que trabalhavam com o ramo do desporto.

6.2.2 Análise do vídeo II

Ainda se tratando de linguagem corporal, outro caso emblemático para a época foi a da repórter desportiva Julia Guimarães. O ano era 2018 e a situação era de Copa do Mundo. No dia 24 de junho de 2018 a jornalista, que estava realizando uma cobertura entre uma partida decisiva entre Japão e Senegal, fazia a sua entrada ao vivo pelo SporTV.

Durante a sua primeira entrada ao vivo, a repórter fez um balanço dos jogos e explicou um pouco sobre cada time, relatando os seus pontos fortes e fracos. Porém, ao se preparar para realizar a sua segunda entrada ao vivo a situação foi diferente. Havia outras pessoas ao fundo, em destaque uma mulher vestindo uma blusa social branca e uma calça preta, essa estava tirando foto de algo que parece ser uma fila. Não é possível contabilizar quantas pessoas estão ao fundo, porém, estima-se que há mais de 300 pessoas. A mulher citada que aparece ao fundo não está próxima a jornalista.

A repórter que já estava centralizada em frente à câmera apresentou um comportamento que entendemos culturalmente como surpreendida por um rapaz de camisa azul marinho que passava pelo local. A priori, o rapaz não aparecia em cena, surgindo ao lado direito da repórter e a surpreendendo com um beijo na face. Após o acontecimento, a repórter Julia Guimarães se posicionou.

Ainda utilizando o método de desconstrução do audiovisual em função da imagem e do som posto por Rose (2008), o quadro abaixo apresenta detalhadamente a situação ocorrida.

Quadro 3: Vídeo II

Tempo	Dimensão verbal	Dimensão visual
00:32 - 000:48	E ai, Fernanda? Tudo bem com você? Boa tarde para você e para todos que estão assistindo ao Esporte espetacular. Antes de responder a sua pergunta, é até difícil entrar ao vivo depois da entrada do Alex Escobar, que animação. Não tá igual aqui não, mas estão muito animados os Senegaleses e os Japoneses.	A repórter estava sozinha em cena enquanto fazia a sua primeira entrada ao vivo. Há torcedores ao fundo, porém estão longe da repórter. Pessoas caminham ao fundo da gravação. A filmagem que está em plano médio mostra a repórter segurando o microfone com a mão direita enquanto marca a fala com a mão esquerda.
00:49- 01:24	Esse jogo vai colocar frente a frente a força física e a velocidade dos Africanos, principalmente com o Mané, que é a estrela de Senegal e a estrela do Liverpool que marcou dez gols na última liga dos campeões e do outro lado tem a disciplina, a coletividade e também o bom toque de bola dos Japoneses que vão ter Kagawa no meio campo que é um dos destaques do Borussia Dortmund. Difícil é responder a pergunta de quem será o favorito para esse jogo, o certo é que esse jogo será muito ofensivo, as equipes tentando a vitória a todos os momentos. Até porque quem vencer estará praticamente garantido nas oitavas de final, Fernanda. Volto com você.	Há uma cobertura da fala da repórter com imagens da preparação para o jogo entre os times Japoneses e Senegaleses. A cobertura com as imagens ocorre enquanto a repórter fala Sobre a escolha dos favoritos para o jogo até o momento em que fala sobre quem estará garantido para as oitavas de final.
01:23- 01:25	Beleza, vamos lá.	Em seguida há um corte no qual aparece a jornalista se preparando para a sua segunda entrada ao vivo. A repórter enquanto segurava o microfone

		com a mão direita a câmera continua com o enquadramento em plano médio, a jornalista volta o seu olhar para o lado direito da tela. Neste momento, no lado direito da tela surge um rapaz com um terno azul surge e tenta beijar a repórter no rosto. Julia Guimarães se esquivando para o lado esquerdo da tela e em seguida olha para o homem que rapidamente sai de cena pela lateral direita da imagem. É possível observar a logomarca da rede Globo na lateral da imagem em todo o vídeo.
01: 27 - 01:38	Não faça isso, ok? Jamais faça isso,ok?	Na cena neste momento só aparece a repórter que está com um semblante alterado utilizando o microfone para dialogar e acenar enquanto repreendia com o rapaz.
01:38 -01:39	Me desculpe! (Diz o torcedor).	O rapaz não aparece mais em cena, sendo possível observar somente a repórter e uma mulher com uma camisa branca e calça preta mexendo em seu celular ao fundo. A repórter que antes estava do lado esquerdo do enquadramento agora voltou para o meio da cena.
01:39 - 01:44	Não faça isso! Eu não te autorizo a fazer isso. Nunca, ok? Isso não é educado e isso não é certo. Nunca faça isso!	O semblante da jornalista fica sério e se mostra alterado. A cena termina com a repórter arrumando a camisa e voltando o seu olhar para a câmera.

Fonte: autora

A repórter que estava se preparando para entrar ao vivo novamente foi surpreendida na minutagem 01:23 por um homem que surge no canto direito da imagem e em seguida efetua o ato que conhecemos culturalmente como assédio. A repórter se esquivava para a esquerda e adota uma postura que foi surpreendente para a época, pois a jornalista se impôs e repreendeu o rapaz.

O posicionamento e a linguagem corporal da jornalista se tornaram mais rígidos e, enquanto a repórter se esquivava do rapaz, ela disparou a seguinte frase em inglês: “ Não faça isso! Nunca mais faça isso, ok! Eu não te autorizo a fazer isso! Nunca! Ok? Isso não é

educado e não é certo! Nunca faça isso! ”. Enquanto a repórter explanava e gesticulava com o microfone em sua mão direita, obteve uma postura rígida, séria e firme, demarcando sua fala com as mãos e, apresentou um semblante alterado. Enquanto a jornalista conversava com o rapaz, não se sabe o motivo, mas o usuário que realizou o upload do vídeo removeu o áudio do diálogo. Porém, em outros vídeos é possível ouvir e entender o diálogo entre eles.

Figura 10: Repórter Julia Guimarães usa seu microfone para demarcar fala



Fonte: Reprodução/ YouTube

A jornalista que antes possuía um semblante aparentemente tranquilo e concentrado ao final do vídeo aparece alterado enquanto ela conserta a sua camiseta, puxando-a para baixo e retornando o seu olhar para a câmera.

A mesma contou em entrevista para o veículo de comunicação digital “Glamour” que estava em momento de concentração total, pois estava realizando o seu sonho de estrear no programa “Esporte Espetacular”, veiculado pela Globo. Outro ponto a ser analisado é o plano da filmagem deste vídeo também permanece o mesmo durante a ação do homem, um plano médio enquadrado acima da cintura dela.

Porém, essa não alteração de enquadramento é explicada pela jornalista em uma entrevista. A repórter conta que estava sozinha e sem cinegrafista, pois era ela mesma quem filmava as entradas ao vivo, a jornalista aponta, nesta mesma entrevista, que se sentiu fraca e impotente ao ser assediada pelo homem, ela ainda relatou que foi a primeira vez em que enfrentou tal situação.

No mesmo dia em que ocorreu a situação de assédio, o veículo de comunicação Globo Esporte efetuou uma postagem em seu Instagram lamentando o ocorrido com a repórter.

Figura 11: Globo Esporte lamenta o episódio de assédio ocorrido com a repórter



Fonte: Reprodução/ Twitter Globo Esporte

Já em entrevista para o programa “Mais Você”, a telejornalista apontou que foi a primeira cobertura de Copa do mundo dela e comentou o episódio. A repórter conta que ocorreram dois casos de assédio na Rússia e que mesmo que já tenha presenciado o ocorrido com outras colegas, nunca havia passado por tal situação no Brasil.

Foram duas vezes na verdade, eu nunca tive esse problema no Brasil, claro, eu já vi colegas de imprensa sofrerem com assédio e machismo no nosso meio esportivo, e tanto que teve aquele projeto que a gente participou o ‘DeixaElaTrabalhar’, que a divulgação mundial dele foi muito importante. Então infelizmente aconteceu comigo aqui pela primeira vez na Rússia, por sorte nunca aconteceu comigo no Brasil. A primeira vez eu estava me preparando para entrar ao vivo no “Bom dia Brasil” e o de ontem foi durante o jogo entre Japão e Senegal, eu tava preparada para gravar o material e depois ia ter um vivo no “Esporte Espetacular” e o Russo tentou me dar um beijo. Eu confesso que fiquei um pouco surpresa com a minha reação, conversando com alguns amigos de profissão eu pensava que se um dia isso acontecesse comigo, como eu iria reagir? E, a minha reação até me surpreendeu um pouco. Eu fiquei até feliz com a reação que eu tive porque eu espero que esse tipo de reação sirva de exemplo e de reflexão para a

profissão, até para as jornalistas esportivas e de outras profissões e de outras áreas. Não só do jornalismo, porque diversas pessoas sofrem com o assédio em diversas áreas, então eu espero que sirva como um exemplo que a gente tem que reagir e não pode deixar passar em branco isso daí, agora é bola pra frente e o que já foi dado de recado foi na reação aí. (GUIMARÃES, Julia, 2018).

Julia acabou não denunciando, mas reagiu e comentou diante de reações machistas, a sua postura a deixou contente, pois, diante dela, outras mulheres poderão se sentir inspiradas a reagir.

6.2.3 Análise do vídeo III

Em tempos de Copa do Mundo, um jogo muito importante acontecia entre Brasil e Sérvia. O ano era 2018 e, antes do confronto entre os times dos dois países, no dia 30 de junho de 2018 a repórter esportiva Laura Zago estava realizando uma entrevista com duas torcedoras do Brasil que estavam na Rússia. Enquanto a telejornalista perguntava à uma das torcedoras, mais especificamente a que se encontrava à direita do vídeo sobre como havia sido a experiência de viajar para assistir à disputa em outro país, dois homens Russos se aproximaram da repórter e, enquanto um deles com uma bandeira nas costas passa em frente à câmera, o outro surge atrás de Laura Zago e tenta beijá-la na face. O homem que chegou pelo lado esquerdo da cena abordou a profissional gritando, porém, entendendo culturalmente a tonalidade da voz, é possível entender os gritos dos homens como de “comemoração”.

Há muitas pessoas ao fundo, não é possível calcular com precisão quantas pessoas estão compondo o fundo da cena, porém, todos estão longe da repórter e dos entrevistados.

Tanto a repórter quanto a entrevistada, que anteriormente ao ato possuíam uma feição aparentemente descontraída, agora apresentam um semblante de incômodo. A entrevistada passa a mão direita pelos cabelos e volta o seu olhar para a telejornalista, essa por sua vez, fixa o olhar no rapaz que aparece atrás da profissional. Neste momento, o vídeo analisado é encerrado e não se é possível saber o que ocorreu após isso. O quadro abaixo que está desconstruído em função da imagem e do som aponta detalhadamente o acontecimento.

Quadro 4: Vídeo III

Tempo	Dimensão verbal	Dimensão visual
00:00- 00:02	E como está sendo viajar?	A repórter está em cena juntamente com uma mulher. A repórter estava entrevistando uma torcedora Brasileira que está vestida com uma camiseta amarela e situada à direita da imagem. O enquadramento da imagem está em um plano médio.
00:03 - 00-05	O torcedor beija Laura no rosto e ela se esquiva	O torcedor chega pela lateral esquerda do vídeo, atrás da jornalista, passa o braço ao redor do pescoço dela, puxando-a, e em seguida a desfere um beijo no rosto. Em seguida o homem sai de cena pela lateral direita. A repórter se esquiva para a frente da cena colocando a mão na cabeça enquanto a entrevistada se mostra incomodada com a situação.

Fonte: autora

Em análise é possível perceber que na minutagem 00:03 a 00:05 tanto a repórter quanto as torcedoras que estão em cena apresentam um semblante que entendemos culturalmente como incomodadas e logo depois o vídeo se encerra.

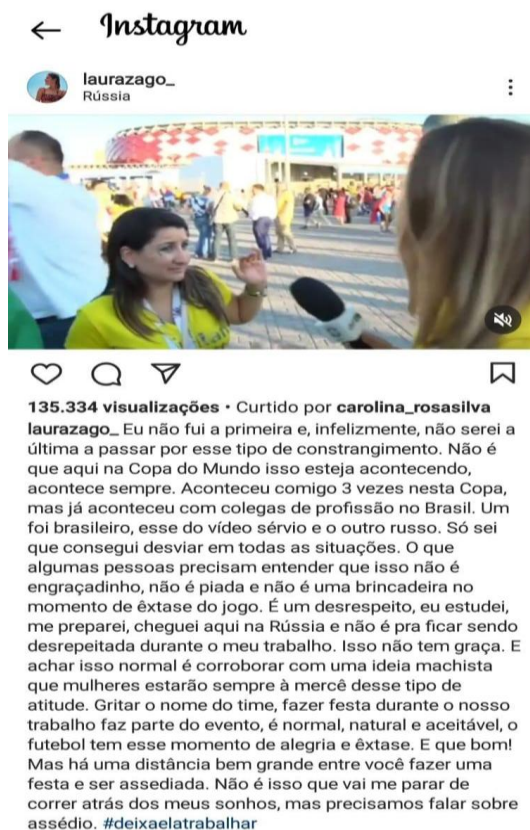
Após o ocorrido, a repórter realizou uma postagem do vídeo acerca do ocorrido em seu perfil do Instagram e se posicionou dizendo

Eu não fui a primeira e, infelizmente, não serei a última a passar por esse tipo de constrangimento. Não é que aqui na Copa do Mundo isso esteja acontecendo, acontece sempre. Aconteceu comigo 3 vezes nesta Copa, mas já aconteceu com colegas de profissão no Brasil. Um foi brasileiro, esse do vídeo sérvio e o outro russo. Só sei que consegui desviar em todas as situações. O que algumas pessoas precisam entender que isso não é engraçadinho, não é piada e não é uma brincadeira no momento de êxtase do jogo. É um desrespeito, eu estudei, me preparei, cheguei aqui na Rússia e não é pra ficar sendo desrespeitada durante o meu trabalho. Isso não tem graça. E achar isso normal é corroborar com uma ideia machista que mulheres estarão sempre à mercê desse tipo de atitude. Gritar o nome do time, fazer festa durante o nosso trabalho faz parte do evento, é normal, natural e aceitável, o futebol tem esse momento de alegria e êxtase. E que bom! Mas há uma distância bem grande entre você fazer uma festa e ser

assediada. Não é isso que vai me parar de correr atrás dos meus sonhos, mas precisamos falar sobre assédio. (Zago, Laura, 2018).

Até o dia 09/12/2022, dia em que foi realizada a captura de tela e apuração, a publicação está com cerca de 135.334 visualizações.

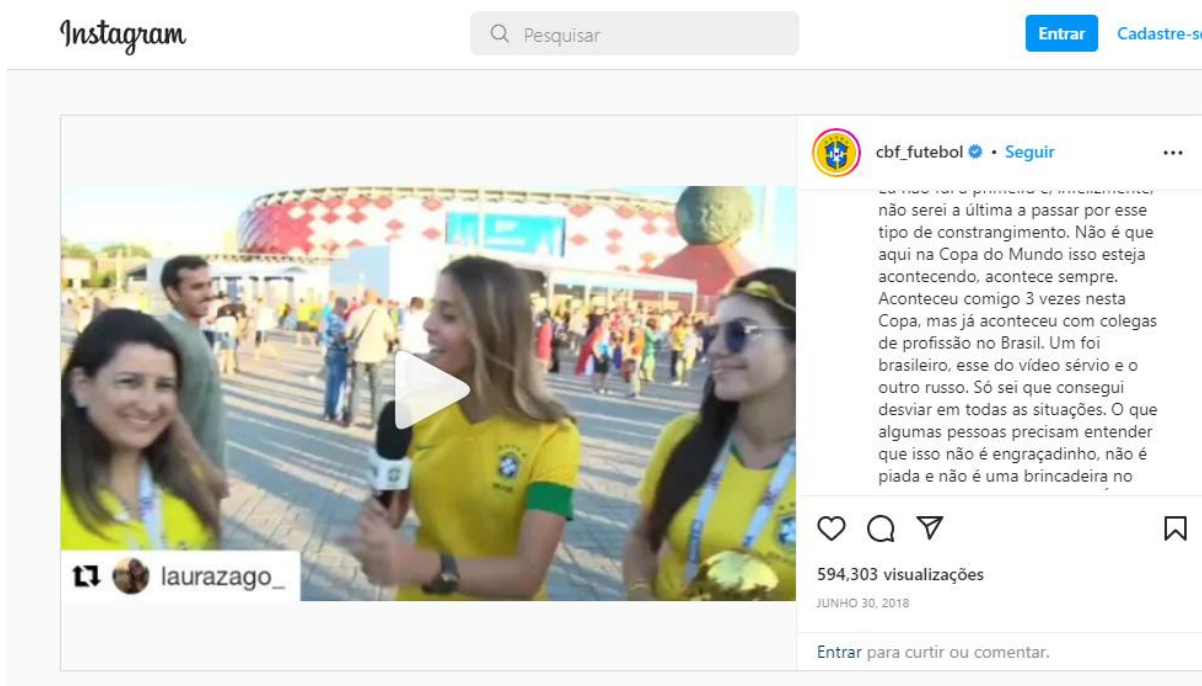
Figura 12: Laura Zago posta sobre o ocorrido em seu Instagram



Fonte: Reprodução Instagram/ Laura Zago

Posteriormente a publicação da repórter em sua conta pessoal no Instagram, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) também realizou um post na conta do Instagram da empresa contendo o mesmo vídeo e legenda que foi postada pela jornalista. Essa publicação até o dia da 09/12/2022, dia da coleta e apuração, está com cerca de 594.303 visualizações na plataforma.

Figura 13: CBF Futebol faz um post sobre o acontecimento



Fonte: Instagram da CBF Futebol.

Em entrevista para o Globo Esporte, a telejornalista apontou que foi a terceira vez em que foi vítima de assédio durante a Copa do Mundo e, afirmou que infelizmente sabe que não será a última.

Analisando o plano da imagem, mesmo após o episódio de assédio, o vídeo segue em plano médio até o momento em que a repórter leva o corpo em direção à câmera. Neste momento, a jornalista sai de cena e fica somente a torcedora que está ao lado direito em um primeiro plano.

6.2.4 Análise do vídeo IV

Quatro anos após os casos de assédio ocorrido com as profissionais Bruna Dealtry, Laura Zago e Julia Guimarães, no dia 08 de setembro de 2022, durante uma cobertura da partida entre os times Flamengo e Vélez Sarsfield em que ambos disputavam a semifinal da Copa Libertadores. A repórter esportiva realizava uma transmissão ao vivo para a ESPN na entrada do estádio brasileiro Maracanã. A profissional estava cercada por torcedores Flamenguistas que festejavam ao fundo. Não é possível contabilizar com exatidão quantos

torcedores estão em cena, mas estima-se que cerca de vinte pessoas estavam no enquadramento junto à jornalista. Dentre eles, havia um torcedor que segurava uma camisa branca e vermelha contendo a escrita do nome “Kauan” nas costas da camiseta. Este torcedor se situava ao lado esquerdo da cena. Enquanto isso, no lado direito da cena o torcedor que beijou a face da repórter estava situado no lado direito da cena.

O torcedor que aparentava estar eufórico saltava e comemorava junto aos outros torcedores enquanto a jornalista repassava as informações e realizava a sua entrada ao vivo. O homem que já estava observando a repórter tem o seu braço direito puxado por alguém que está fora do enquadramento da câmera. O homem olha para o lado direito e volta o seu olhar para a repórter, logo em seguida faz uma investida e beija a profissional no lado direito da face.

Em seguida, o torcedor sai de cena e o número de homens atrás da repórter também diminui, restando apenas cerca de dois homens, o que está segurando a camisa, que agora se encontra na lateral direita da profissional e um outro rapaz na lateral esquerda da repórter da câmera.

A telejornalista apresenta um semblante que entendemos culturalmente como incomodada e os torcedores atrás continuam saltando e festejando a vitória do time. Porém, cinco segundos após sobrarem os dois homens em cena eles também saem do campo de visão da câmera, restando somente a repórter, que agora dialoga com os apresentadores. O quadro abaixo desconstruído em função da imagem e do som, tal qual apontado por Rose (2008) para a análise, mostra o ocorrido de forma detalhada.

Quadro 5: Vídeo IV

Tempo	Dimensão verbal	Dimensão visual
00:00 - 00:05	A terceira final consecutiva da Libertadores da América em quatro anos.	Torcedores pulam e efetuam uma comemoração ao fundo enquanto a repórter realiza uma entrada ao vivo para falar sobre a vitória do Flamengo. A cena se passa em um primeiro plano. Um dos torcedores ao lado direito mostra uma camisa branca e vermelha, enquanto o torcedor à esquerda tem o seu braço puxado para fora do enquadramento da câmera. O torcedor à direita volta para a cena, olha para o rosto da repórter e a

		desfere um beijo no rosto, logo em seguida, sai do enquadramento da câmera. A repórter se mostra incomodada. Jessica termina a frase e fica parada por alguns instantes, em seguida olha para a câmera em silêncio.
--	--	---

Fonte: autora

Na minutagem 00:03 a repórter apresenta um comportamento mais retido. Seu corpo e sua mão direita que segura o microfone estão rígidos e percebe-se que os dedos da jornalista pressionam o microfone. A profissional para o que estava dizendo por alguns segundos e olha fixo para câmera, logo em seguida comprime os lábios, abaixa o microfone em silêncio e segue olhando em silêncio para as laterais. Durante todo o restante do vídeo analisado a repórter segue quieta.

Analisando a posição do enquadramento da câmera, a repórter que estava enquadrada em um primeiro plano, mesmo após o acontecimento segue com o mesmo enquadramento.

Após o ocorrido, o perfil esportivo EsportudoW realizou uma postagem em sua conta do Twitter comentando a importância de se lutar contra esses atos.

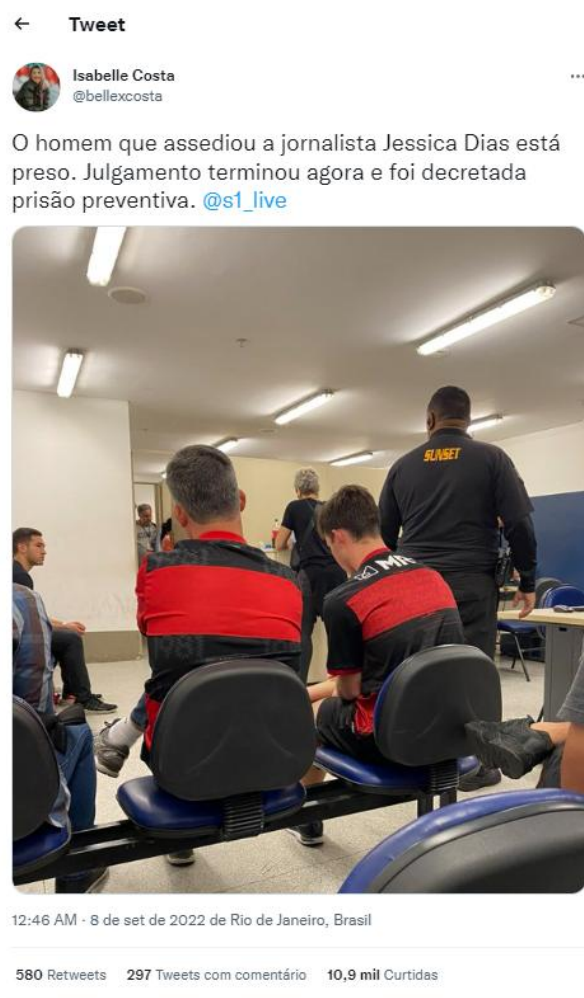
Figura 14: Perfil posta sobre a importância da luta contra o assédio e machismo no esporte



Fonte: Reprodução Twitter/ EsportudoW

Após a situação, o vídeo do acontecimento circulou nas redes sociais e ganhou relevância no Twitter e no Instagram. Em matérias realizadas sobre o acontecido aponta-se que o cinegrafista e o auxiliar da emissora foi quem segurou o rapaz até a chegada da polícia. Em uma matéria realizada pelo veículo de comunicação digital, Terra, há uma informação de que o rapaz já estava molestado a repórter por trás das câmeras, passando as mãos sobre o corpo da profissional sem o consentimento dela. E a informação foi confirmada pela jornalista Isabelle Costa que realizou um Tweet sobre o assunto.

Figura 15: Jornalista posta atualizações do caso em sua conta no Twitter



Fonte: Reprodução Instagram/ Isabelle Costa

Após todo o acontecimento tanto a ESPN quanto a página do Flamengo, Vasco da Gama, Sportv, TNT Sports BR e Globo Esporte realizaram notas de repúdio em suas páginas oficiais no Twitter.

Figura 16: Nota de repúdio Flamengo



The image shows a screenshot of a Twitter thread. At the top, there is a back arrow and the word "Sequência". The main tweet is from the official account of Flamengo (@Flamengo), verified and marked as official. The text of the tweet reads: "O Clube de Regatas do Flamengo repudia o assédio cometido por um torcedor rubro-negro com a jornalista da ESPN Jéssica Dias durante reportagem antes da partida desta noite. É lamentável que atos repugnantes como este, que não representam a Nação Rubro-Negra, ainda aconteçam." The tweet is dated 7:52 PM on September 7, 2022. Below the text, it shows engagement statistics: 6,407 Retweets, 428 Tweets with comments, and 53,100 Likes. At the bottom of the tweet are icons for reply, retweet, like, and share. Below this is a reply from the same account (@Flamengo) dated September 7, which says "Em resposta a @Flamengo #CRF". This reply has 16 replies, 178 retweets, and 4,676 likes, with the same engagement icons at the bottom.

← Sequência

 **Flamengo** ✓
@Flamengo
Oficial

O Clube de Regatas do Flamengo repudia o assédio cometido por um torcedor rubro-negro com a jornalista da ESPN Jéssica Dias durante reportagem antes da partida desta noite. É lamentável que atos repugnantes como este, que não representam a Nação Rubro-Negra, ainda aconteçam.

7:52 PM · 7 de set de 2022

6.407 Retweets 428 Tweets com comentário 53,1 mil Curtidas

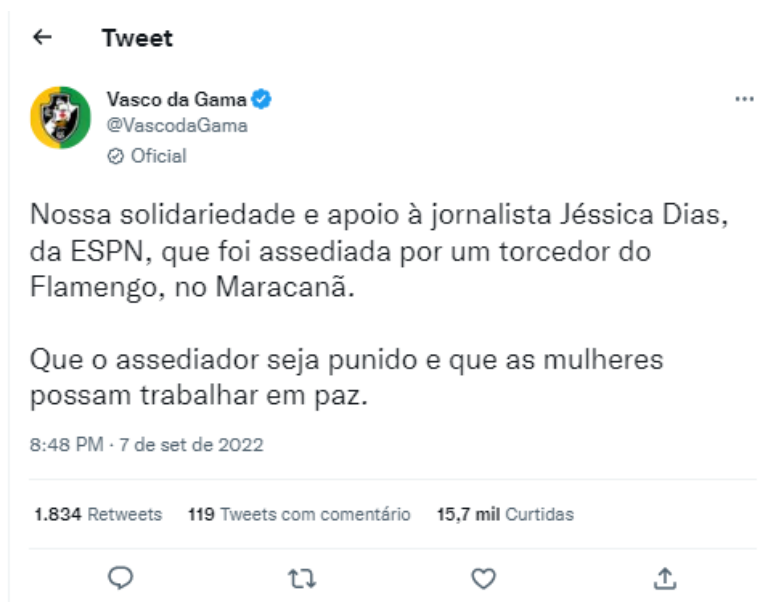
   

 **Flamengo** ✓ @Flamengo · 7 de set
Oficial
Em resposta a @Flamengo
#CRF

 16  178  4.676 

Fonte: Reprodução Twitter/ Flamengo

Figura 17: Nota de repúdio Vasco da Gama



Fonte: Reprodução Twitter/ Vasco da Gama

Figura 18: Nota de repúdio Sportv



Fonte: Reprodução Twitter/ Sportv

Figura 19: Nota de repúdio TNT Sports BR

← Sequência

 TNT Sports BR 
@TNTSportsBR
Oficial

A TNT Sports repudia com veemência o assédio cometido por um torcedor à repórter Jessica Dias, da ESPN. É inaceitável que uma mulher tenha seu corpo violado. +



8:33 PM · 7 de set de 2022

1.469 Retweets 485 Tweets com comentário 30,3 mil Curtidas

 TNT Sports BR 
@TNTSportsBR · 7 de set

Oficial

Em resposta a @TNTSportsBR

É necessário que o assediador responda pelo ato cometido e que ninguém se sinta no direito de tocar, beijar, agarrar e etc. corpos sem o consentimento. Toda nossa solidariedade à Jessica e a todas as mulheres que ainda sofrem assédios diariamente



 34  221  6.011 

Fonte: Reprodução Twitter/ TNT Sports BR

Figura 20: Nota de Repúdio Globo Esporte

Fonte: Reprodução Twitter/ Globo Esporte

Após a repercussão, notas de repúdio e os retweets o caso também ganhou matérias televisivas. Ao que se sabe é que o torcedor teve sua prisão decretada.

Posteriormente ao acontecimento a repórter que foi assediada se posicionou em um post realizado na sua página pessoal do Instagram.

Figura 21: Posicionamento de Jéssica Dias no Instagram

jessicadiasst
Estadio Maracanã [Ver perfil](#)

AGORA
SC **TORCEDORES FESTEJAM NOS ARREDORES DO MARACANÁ**
Flamengo tem 4 a 0 de vantagem e está com um pé na final

Ver mais no Instagram

93,096 curtidas
jessicadiasst

Foi só um beijinho no rosto.

Não. Não foi. Antes tiveram muitos xingamentos e importunação pq o ao vivo demorava. Pedi calma e para que não ficasse xingando, não precisava. Vieram os "pedidos de desculpa" com alisamentos nos ombros e um beijo no local. Eu estava prestes a ser chamada para o link e mantive a posição, existe uma logística que exige concentração. Outra tentativa de beijo no ombro. Me esquivei e meu câmera chamou a atenção dele. O último ato foi o beijo no rosto. Que poderia ter sido na boca e não mudaria nada. Eu sofri importunação sexual enquanto trabalhava e isso é crime. Eu não queria beijo, não queria carinho, não queria passar 3h em uma delegacia. Eu só queria trabalhar. O ser humano que fez isso estava com um filho menor de idade que se desculpou pelo pai. O menino não tem culpa, não punam a família dele. Eu agradeço todo apoio e carinho dos meus chefes, colegas, torcedores, telespectadores e ouvintes da @espnbrasil e da @lbvbrasil. Agradeço em especial ao @bandeira2000 e @andrelzdsouza, minha equipe na pauta. Dois HOMENS de caráter, que foram atrás do cara e ficaram comigo durante todo tempo. Sábado eu me caso e no altar vou beijar o homem que eu permiti que o fizesse. Ficarei uns dias longe daqui e dos canais. Obrigada a todos ❤️

Fonte: Reprodução Instagram/ Jéssica Dias

Em publicação a jornalista agradeceu a sua equipe de reportagem, que segundo ela, interveio e foi atrás do torcedor que a assediou. A repórter também anunciou que por conta de seu casamento se afastará da televisão e das redes sociais.

6.2.5 Análise da postura da telejornalista assediada ao longo do tempo

Tal qual apontava DaMatta (1997) em “A Casa & a Rua”, momentos festivos e de comemoração eram uma ocasião em que o povo brasileiro se posicionava temporariamente mediante situações que em momentos comuns seriam interpretadas de outra maneira. Entendendo o assédio como uma dessas situações, é possível notar que três dos quatro casos acima analisados ocorreram em momentos festivos, mais precisamente, momentos de comemoração à vitória dos times em campeonatos.

O autor explicava que além de celebrar o riso, os eventos festivos davam abertura à desordem e a relação entre a licitude e ilicitude. Haja visto esse posicionamento temporário e a suspensão temporária do juízo de valor, os torcedores dos três casos acima citados realizaram um ato que, fora das situações de festa e comemoração, possivelmente poderiam gerar uma repreensão social, ou mesmo, uma repreensão pessoal dos envolvidos.

O conceito se explica uma vez que após a repercussão dos casos das jornalistas Bruna Dealtry, Laura Zago e Jéssica Dias, o ato do beijo na face, recebeu punições diferentes.

Retomando o ocorrido com a repórter Bruna Dealtry, após o torcedor beijar sua face sem o consentimento da profissional, momentaneamente, ainda durante o período comemorativo, analisando o vídeo, observa-se que o torcedor Vascaíno saiu impune e, não sofreu nenhuma repreensão por parte dos colegas torcedores do mesmo time.

O rapaz que sai sorrindo e acompanhado pela criança que também esboça uma reação de sorriso sai de cena e, os outros torcedores seguem a comemoração como se nada houvesse acontecido. Pós retomada de juízo de valor e haja visto a repercussão do caso nas redes sociais, o torcedor foi a público e pediu desculpas à jornalista, também comentando que aquilo havia sido uma “brincadeira”, realizada a partir do calor do momento e com a intenção de “passar” na televisão, desta forma, obtendo um destaque dos demais torcedores. O homem ainda comenta que toda a repercussão negativa estava afetando sua vida e a de sua esposa.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, retomamos agora o caso de Laura Zago, que também aconteceu em um momento de festividade, uma vez que o Brasil estava jogando a Copa do Mundo na Rússia e, tanto os torcedores Russos quanto os Brasileiros aparentavam estar animados com a situação.

A repórter que também teve a sua face beijada por um torcedor sérvio que passava pelo local, estava entrevistando as duas torcedoras brasileiras em um clima festivo e, os

homens que invadiram a cena também gritavam e cantavam, apontando um comportamento que entendemos culturalmente como festivo.

Analisando o vídeo, os torcedores que assediaram a profissional também saíram sem sofrer nenhuma repreensão social ou dos próprios colegas e entrevistados. Deste modo, o caso só foi repercutir e ganhar relevância social após a retomada de consciência moral e pós postagens nas redes sociais.

Retomando o caso da repórter Jéssica Dias, o mesmo ocorreu. A profissional teve a sua face beijada por um dos torcedores Flamenguistas durante o cenário de festividade e comemoração da vitória do time no Campeonato Libertadores da América. Desta vez a situação foi diferente. Mesmo com o juízo de valor suspenso por causa da festividade, o destino do torcedor foi oposto aos dos outros casos. A equipe de reportagem que acompanhava a repórter durante a cobertura dos jogos apreendeu o rapaz e o levou à delegacia. Assim, ele foi punido com pena de prisão, não necessariamente precisando aguardar a repercussão gerada pela internet.

Recuperando o caso da repórter Julia Guimarães, esse não ocorreu necessariamente em período festivo, mesmo levando em consideração que a jornalista estava presente em um cenário de pré-confronto entre dois times durante a Copa do Mundo 2018. A profissional que estava se preparando para uma segunda entrada ao vivo, estava gravando sozinha e pós-momento de assédio, reagiu repreendendo o rapaz. Sendo assim, a primeira repórter dentre os casos analisados a reagir diretamente, enfrentando o assediador.

Pós-repreensão da jornalista, o rapaz se desculpou e, nesse caso, também teve sua retomada de juízo de valor e resolução antes da repercussão nas redes sociais. Mesmo que a repórter não tenha denunciado o agressor, sua postura pode ter sido responsável por encorajar outras profissionais a se imporem mediante situações como essa enfrentada por ela. Sua postura foi rígida e impositiva, pontuando a sua fala com o microfone e apontando para o rapaz o seu descontentamento com tal ato realizado por ele.

Analisando em perspectiva os quatro casos, algumas mudanças puderam ser observadas. No primeiro caso, durante a análise do vídeo I, é possível notar que a postura da jornalista Bruna Dealtry no vídeo da mostra, aponta que mesmo sofrendo assédio, a telejornalista se assusta, porém, continua transmitindo a mensagem com uma feição aparentemente serena e, dá continuidade à entrevista com o outro torcedor.

Já no vídeo II, a postura da telejornalista Julia Guimarães é mais enérgica. A repórter aponta com o seu microfone e demarca sua fala enquanto repreende o rapaz que a assediou, se mostrando com postura um pouco mais impositiva que a jornalista presente no primeiro vídeo, o seu rosto mantinha uma feição alterada e, mas mesmo que tenha sido mais impositiva se comparada ao caso de Bruna Dealtry, também continuou seguindo com sua entrada ao vivo.

O terceiro caso analisado, vídeo III, a postura da repórter se diferencia um pouco das demais já citadas. A repórter apenas se assusta e se afasta em direção ao cinegrafista. Uma postura um pouco mais neutra e menos impositiva que as demais. No vídeo analisado não é possível ver a feição da profissional, pois essa estava quase de costas para a câmera. Após o ato de assédio, a telejornalista também seguiu com a programação proposta.

No último caso, na análise do vídeo IV, a jornalista Jéssica Dias foi a que mais se diferenciou das demais. A profissional se manteve em silêncio, paralisada, desde o momento que sofreu o assédio, até o momento em que a imagem volta ao estúdio e aos apresentadores. A repórter parou a programação que estava executando e, logo se manteve em silêncio, como se protestasse silenciosamente pelo ocorrido e, deste modo, não completou a programação e nem as perguntas presentes em sua pauta.

Os vídeos selecionados mostraram que, em perspectiva, com o passar dos anos observou-se que ao longo dos anos a mulher começou a enxergar a violência sofrida nas ruas e, a partir de sua postura, começou a reivindicar os seus direitos e, se impor mediante tais situações.

Os três primeiros casos analisados, denominados de vídeos I, II e III, todos ocorridos em no ano de 2018, entre os meses de março e junho, apontaram que as mulheres começaram a se impor mais a partir de suas posturas, porém, todas continuaram a executar o seu trabalho.

Já no último caso, denominado de vídeo IV, ocorrido no ano de 2022, também houve essa imposição por meio da mudança postural da profissional. Jéssica Dias deixou o seu microfone reto, próximo ao tronco e, seu rosto demonstrava uma feição de descontentamento. A jornalista, também provavelmente percebendo a violência, ficou em silêncio, dando um basta na situação e não terminando a entrevista com os outros torcedores que estavam no local.

No ano de 2022, as profissionais dos vídeos analisados se encontram em locais diferentes.

A repórter Bruna Dealtry está integrando a equipe de reportagem esportiva Record TV no Rio de Janeiro, já a jornalista Laura Zago está atuando como assessora de imprensa das Seleções Brasileiras Femininas na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Enquanto a profissional Julia Guimarães, a jornalista novamente voltou a cobrir a Copa do Mundo 2022, desta vez sediada no Catar e dessa vez recebeu uma rosa de uma torcedora equatoriana enquanto realizava a cobertura da partida entre Equador e Senegal.

Já a repórter Jéssica Dias se casou e postou em suas redes sociais que iria se afastar das redes sociais por um tempo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu analisar a postura das mulheres telejornalistas esportivas mediante situações de assédio e machismo sofridas durante o exercício de seu trabalho em coberturas esportivas.

Durante a cobertura da Copa do Mundo sediada na Rússia no ano de 2018, pôde-se notar um aumento nos casos de machismo durante as transmissões esportivas. Diversas repórteres que cobriam os jogos tiveram os seus espaços violados, e a pretensa hegemonia masculina se tornou bastante evidente não só no Brasil, como no mundo. Diante disso, o primeiro contato da pesquisadora com a temática foi tido a partir destas transmissões, nas quais as jornalistas não se calaram e começaram a produzir posturas de resistência e encorajamento, e a mostrar que o esporte também é lugar de mulher.

Tendo em vista que as mulheres precisaram mudar a sua postura em frente às câmeras e buscaram meios de resistir ao machismo e ao assédio presente nas coberturas esportivas, um local majoritariamente composto por homens, analisar essa postura adotada por elas para resistir, incentivam com que outras mulheres façam o mesmo e, que atos como o assédio sejam discutidos na sociedade, deste modo, encadeando sua relevância social e histórica.

A relevância científica deste trabalho é contribuir com os estudos sobre como a postura adotada por mulheres repórteres telejornalistas esportivas podem ser um meio de resistência contra o assédio no meio do desporto e, como essa adoção de posturas pode estar contribuindo para a mulher galgar lugares no mercado esportivo.

A priori, nesta pesquisa, objetivava-se apenas analisar a postura que as mulheres telejornalistas esportivas apresentaram mediante situações de assédio e machismo durante as coberturas de desporto. Na primeira etapa da pesquisa, durante o levantamento bibliográfico notou-se também que à medida que as mulheres se impõem, vão conseguindo alcançar mais espaços no mercado de trabalho.

O objetivo deste trabalho foi analisar, com base na análise cultural norteadada por Hall (2016) e audiovisual norteadada por Rose (2008), as mudanças de postura assumidas por mulheres repórteres telejornalistas esportivas diante de situações de assédio durante o exercício da profissão. Além disso, outros objetivos específicos que foram cumpridos eram: Observar de que a forma a postura jornalística impacta na produção das mensagens midiáticas televisivas, analisar a importância destas mensagens para o empoderamento de outras

mulheres além de como essas mensagens são formas de resistência e permanência no mercado do esporte e problematizar as posturas das mulheres jornalistas que sofreram com o assédio e o machismo durante coberturas esportivas, quais mensagens elas têm passado à outras mulheres e repórteres esportivas e como têm ganhado esse território e lutado para permanecer nele.

Socialmente alocadas para funções que exigiam o cuidar e o ensinar, primariamente, as mulheres eram destinadas a cuidar do lar, dos filhos, e do marido. Destinada a tarefas domésticas. Culturalmente, a ideia do “ser mulher” foi construída em cima de valores voltados à feminilidade. Deste modo, conclui-se que “ser mulher” é uma construção social e cultural, que impõe modos de ser, vestir, se portar e adota normas sociais de comportamento.

Chama a atenção o fato de que em 2022, ano de Copa do Mundo, é possível notar que há alguns cargos que a mulher telejornalista esportiva pode ocupar nos programas esportivos que transmitem a Copa. Neste ano, seis mulheres foram convocadas para apitar a Copa do Mundo e, ainda sim, em matéria para o Globo Esporte, A Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) comentou que elas não foram chamadas por causa do gênero.

Ainda segundo a matéria realizada pelo Globo Esporte, das 129 pessoas convocadas pela FIFA, entre os árbitros e assistentes de árbitros, apenas seis eram mulheres, deste modo, ocupando apenas 5% em jogos de um Mundial de homens.

Outro posto que ocupam no telejornalismo esportivo é o de apresentadoras e mesmo aí enfrentam preconceitos. Por outro lado, um local em que a presença da mulher é muito forte, é na reportagem de rua.

Acredita-se que o local dado à mulher nos esportes é o lugar da rua, da festa, e de pouca credibilidade. Locais que são abertura para a agressão das profissionais. Porém, nota-se que com a imposição e a reação delas, o cenário começou a se alterar. Deste modo, as mulheres jornalistas profissionais do esporte começaram a galgar outros espaços.

Um passo dado nesta Copa do Mundo foi uma experimentação da Globo com a primeira narração de uma mulher em uma Copa. A jornalista Renata Silveira, que se tornou a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo na televisão aberta pela Rede Globo. Ela foi responsável pela narração do duelo entre Dinamarca e Tunísia, também comentando os jogos e dividindo um local de narradora e comentarista com grandes nomes como Galvão Bueno e Cléber Machado.

Renata Silveira narrou um total de 13 partidas neste mundial, número que é um diferencial e uma conquista para as mulheres que atuam no mercado esportivo. Porém, é importante observar que a narradora apenas complementa e não contraria a opinião dos outros colegas comentaristas homens.

A partir das análises e do caso acima citado, tem-se que a partir das dinâmicas sociais e, pelo que é apresentado por meio desta pesquisa, é que para o futuro, provavelmente, as mulheres poderão ocupar outros postos de chefia e de destaque no esporte. Porém, é importante notar que nunca chegarão a esses locais isentas de críticas.

Um ponto que reitera o resultado é o caso da jornalista Julia Guimarães, que novamente voltou a cobrir a Copa do Mundo, só que desta vez na edição de 2022, agora sediada no Catar. Aparentemente, sua postura na Copa do Mundo 2018 fez com que não fosse novamente assediada na cobertura esportiva deste ano, pelo contrário, a jornalista recebeu uma rosa de uma torcedora equatoriana, e se emocionou com o gesto. A própria jornalista disse em entrevista para o Fora de Campo²⁹, que quatro anos após passar por uma situação de assédio ao vivo, sua postura mostrou que as mulheres precisam se impor e ocupar todos os espaços.

Dessa forma, a pesquisa atingiu todos os seus objetivos. Mostrou que a postura jornalística impacta na produção midiáticas televisivas e, essas posturas expressam encorajamento, sendo assim, formas de resistência e permanência no mercado do esporte.

Portanto, conclui-se com base na análise dos vídeos I, II, III e IV que a mulher é vítima de uma violência, porém, as profissionais notam e lidam com ela de formas diferentes. Analisando em perspectiva, pode-se notar que no primeiro vídeo, a profissional é beijada na face, porém, mesmo enxergando que foi vítima de um assédio, prossegue com a pauta proposta e a entrevista. Já nos outros vídeos, a mulher telejornalista enxerga que está sendo vítima de violência e começa a se impor diante dessas situações, até chegar na postura adotada pela repórter Jéssica Dias em 2022. Não se é possível afirmar, porém, acredita-se que por meio das análises em perspectiva dos vídeos, nota-se que por meio da postura adotadas por elas, por conta da recorrência desses casos as próprias mulheres telejornalistas já estão se dando conta violência e do assédio sofrido estão se colocando e adotando outro tipo de postura, mais imponente.

No momento em que a jornalista paralisa a entrevista que estava sendo realizada, sua postura diz a sociedade que isso não pode ser feito e que há limites, os quais não podem e

²⁹ Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/vitima-de-assedio-na-copa-de-2018-reporter-da-globo-recebe-rosa-no-qatar-e-se-emociona-na-web.html>. Acesso em: 18 dez. 2022.

nem devem ser transpassados. Sua postura aponta que seu limite foi alcançado e seu espaço pessoal foi invadido, por isso, ela não pode seguir com o que lhe foi proposto.

Esse trabalho de pesquisa mostra que mesmo que devagar, com o passar dos anos está ocorrendo um movimento social em relação às telejornalistas esportivas, esse movimento, mesmo que não seja de forma cadente, está mobilizando esse meio. Diante dos movimentos sociais, tal qual aponta DaMatta (1997) é necessário o cenário da rua e do lúdico para criar as transições sociais. Segundo ele, tudo o que é necessário para que se possa criar e sustentar um evento que se deseja construir.

Portanto, conclui-se que a postura adotada pelas profissionais do jornalismo esportivo também expõe encorajamento, e com isso, talvez cause possíveis mudanças sociais e culturais, que se amplamente discutidas, podem trazer mudanças para o cenário e contexto cultural atual e futuro.

REFERÊNCIAS

BAUER; Martin W; GASKELL, George. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento-Evitando confusões**. In. Martin W. Bauer e George Gaskell (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Título original: Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970. Título original: Le deuxième sexe les faits et les mythes. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/files/2012/08/O-SegundoSexo-vol1-Fatos-e-Mitos-Simone-de-Beauvoir1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 156 p. tradução de Maria Helena Kühner.

BRIDI, Sônia. Lugar de repórter é na rua. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). **A (Re) Invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1.ed, Florianópolis: Insular, 2020, v.10, p. 205-207.

BUFELLI, Caroline de Camargo. **MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO:: a sexualização e erotização na televisão**. 2016. 128 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Jornalismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: https://059be071-655b-4a4b-8f43-8be7ff80548a.filesusr.com/ugd/0611ce_2199d6d7ce434da58d23a79f16a07bf8.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Atos performativos e constituição de gênero**. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **As identidades culturais e esportivas na sociedade do espetáculo**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM). Brasília: UNB. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0538-1.pdf>. Acesso em: 24 set, 2019.

CASADEI, Eliza Bachega. **A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa: primeiras experiências do final do século XIX**. Revista Alterjor, v. 3, n. 1, p. 1-10, 9 set. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88218>. Acesso em: 26 set. 2019.

CERQUEIRA, Laerte; GOMES, Elane. **Telejornalismo remoto: O que pode se incorporar à rotina das redações e dos profissionais**. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.) **A (Re) Invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1.ed, Florianópolis: Insular, 2020, v.10, p. 163- 176.

COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Ariane. **Perspectiva de gênero em telas – Acréscimos ético-informacionais à dramaturgia do telejornalismo.** In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). **Teorias do telejornalismo como direito humano.** Florianópolis: Insular, 2021.

COUTINHO, Iluska, PEREIRA, Ariane. A dor da gente agora sai no jornal – O discurso de poder na dramaturgia do telejornalismo. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas.** Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 251-271.

COSTA, Ana Paula; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Ser professora, ser mulher: Um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia.** Florianópolis: Estudos Feministas, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/rtgWFMVj896pKLZL8gkhJYS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 dez. 2022.

FINGER, Cristiane; OSELAME, Mariana. **Futebolização do esporte na televisão: compromisso com o jornalismo ou com os números de audiência?.** Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia, 2014. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/287594842_Futebolizacao_do_esporte_na_televisao_compr_omisso_com_o_jornalismo_ou_com_os_numeros_de_audiencia. Acesso em: 22 dez. 2022.

COSTA, Viviane; RICHARTZ, Terezinha; LEITE, Marco Antônio. **Mulheres no jornalismo esportivo: luta por espaço e equidade de gênero,** Varginha, p. 1-15, 2019. Disponível em:

<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1296/1/Viviani%20Barbosa%20Costa.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

DaMatta, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil.** 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo.** 2015. 99 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5635/1/MDantas.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise e do machismo.** Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980. Disponível em: [file:///C:/Users/lyege/Downloads/1f+-+elementos+para+uma+an%C3%A1lise+do+machismo%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/lyege/Downloads/1f+-+elementos+para+uma+an%C3%A1lise+do+machismo%20(2).pdf)>. Acesso em: 22 dez. 2022.

FELIPPO, Bruno. Existe jornalismo esportivo feminino?. Site Rádio em Revista. Artigo de opinião. Março de 2014. Disponível em: <http://www.radioemrevista.com/existejornalismo-esportivo-feminino/>. Acesso em 22 dez. 2022.

FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler:** apontamentos a partir de “problemas de gênero”. Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

Futebol e violência contra a mulher [livro eletrônico] / coordenação Daniel Cerqueira. -- 1. ed. -- São Paulo : Fórum Brasileiro de Segurança Pública : Instituto Avon, 2022. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/futebol-violencia-mulher.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Francescutti, Pablo. **La narración audiovisual como documento social e histórico: enfoques teóricos y métodos analíticos**. Espanha: Empiria. Revista de Metodología de Ciencias Sociales, 2019. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/empiria/article/view/23255/18770>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GEBHARDT, Jéssica Beatriz Backer; NEGRINI, Michele; NUNES, Christian Dias. A mulher no telejornalismo esportivo: ponderações sobre o programa globo esporte são paulo. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 239, 10 dez. 2019. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2019v40n2p239>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/sem/v40n2/a08.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone. **Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista**. In: V Seminário Internacional Enlaçando sexualidades, nº10, 2017, Rondônia.. Salvador: Realize Eventos científicos e Editora Ltda, 2017. pp.1-8.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Apicuri, 2016. 260 p. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira.

JAMBEIRO, Othon. A TV no Brasil do século XX. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2001.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. 1ª edição. Belo Horizonte. UFMG, 1999.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; MACHADO, Alisson. Comunicação e Cultura: reflexões sobre a análise cultural como método de pesquisa. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (INTERCOM). Joinville: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Joinville: Universidade Federal de Santa Maria. 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0602-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

MACHADO FILHO, Francisco. **TV Digital aberta no Brasil: perspectivas para a implantação de um novo modelo de negócios**. 2011. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/936/1/Francisco%20Machado%20Filho.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

MACHADO, Gaya Cristina de. **Infotainment nos Programas Femininos da Televisão Aberta Brasileira: A Informação Tratada Como Mercadoria**. In: 9º Interprogramas de Mestrado Faculdade

Cásper Líbero, 2015, p. 1-11. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/Gaya-Cristina-de-Campos-Machado.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

MARTINS, Simone; MONTEIRO, Evelyne. **Peculiaridades do Telejornalismo Esportivo**: Um olhar sobre o Bom Dia Brasil. In. VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos. Rio de Janeiro: UFF. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Peculiaridades%20do%20Telejornalismo%20Esportivo.pdf>. Acesso em: 17 abr.2022.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 247.

MELLO, Jaciara Novaes . Telejornalismo no Brasil. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação , 2009, v. 1, p. 1-11. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Mesquita, Giovanna; Vizeu, Alfredo. **Em tempo de coronavirus nos telejornais: o lugar de referência e a “audiência potente” na produção da notícia**. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). A (Re) Invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia. 1.ed, Florianópolis: Insular, 2020, v.10, p. 18-36.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Crítica da Narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NEGRINI, Michele; BRANDELISE, Roberta. **Telejornalismo, poder e a voz das jornalistas mulheres na cobertura política do Jornal Nacional sobre o Impeachment de Dilma Rousseff**. In: EMERIM, Cárilda; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (org.). Telejornalismo e Poder. 1ed. Florianópolis: Insular, 2016, v.5, p. 189-205.

OLIVEIRA, Ana Paula; OLIVEIRA, Nathalia Lainetti de. **A Mulher no Jornalismo Esportivo - Revista observatório**. Londrina, 2017.

OLIVEIRA, Clarice de. **A presença da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro; brasil escola**, 2018. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/comunicacao-marketing/presenca-mulher-telejornalismo-esportivo-brasileiro.htm>. Acesso em: 22 dez. 2022.

OLEGÁRIO, Leandro; FELIPE, Matheus. **Redação isolada**: Forma e conteúdo na construção da reportagem em tempos de quarentena. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). A (Re) Invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia. 1.ed, Florianópolis: Insular, 2020, v.10, p. 149-162.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da Notícia**: o engraçadismo no campo do jornalismo esportivo de televisão. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4525/1/446793.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. **Mulheres e jornalismo esportivo**: possibilidades e limitações em um campo masculino. Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020.

PATATT, Caroline. **O Telejornalismo Esportivo Brasileiro Durante a Pandemia de COVID-19 Uma análise ao programa Redação SporTV**. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Jornalismo, Universidade Beira Interior, Covilhã, 2021. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11862/1/8490_18335.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral. **Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão**. 2017. 47 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3849/3/CLSPedrosa.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (ausência da) mulher como sujeitos nos/ dos telejornais: um deserto noticioso que contribui para a desinformação**. In: PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane (org). **Qualificação da informação telejornalística: Propostas teórico-metodológicas de combate à desinformação**. 1.ed. Florianópolis: Insular, 2022, v.14, p.145-166.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, editora Contexto, 2007, 190p.

QUAESNER, Giselle. **OS DESAFIOS DA MATERNIDADE NO CENÁRIO DA COMUNICAÇÃO TELEJORNALÍSTICA PARANAENSE**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3906/1/CT_PPGTE_M_Quaesner%2c%20Giselle_2018.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.

RENAULT, Letícia. **Telejornalismo como campo de ação política da mulher no Brasil: O protagonismo de quatro repórteres do século XX para o XXI**. In: EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (org.). **Telejornalismo e Poder**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2016, v.5, p.173-187.

ROCHA, Simone Maria. **A análise cultural da televisão**. In: JANOTTI JUNIOR, J.; GOMES, I. M. M., **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

RODRIGUES, Karina; SARDINHA, Antônio Carlos. **14º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE - INTERCOM, 2015, Amapá. Abordagem histórica sobre trajetória das mulheres no jornalismo esportivo amapaense**. Manaus: Intercom, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0581-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: Martin W. Bauer e George Gaskell (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Título original: *Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook*.

ROSEMBERG, FLÚVIA. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo**. Estudos Feministas. Ano 9. 2/2001. pp. 515-540.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. **De espectadoras a protagonistas - a conquista do espaço esportivo pelas mulheres.** Movimento (UFRGS), Porto Alegre, v.5, n. 11, p. (50-56), 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SANTOS, Luiza Chaves. **SUFRÁGIO FEMININO E DEMOCRACIA NO BRASIL.** 2017, p.1-81. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Bacharelado em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33232/33232.PDF>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mulher jornalista, subjetividades e atuação profissional: jornalismo no feminino. In: XXV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2016, Goiânia. **XXV Encontro Anual da Compós.**, São Bernardo do Campo: C&S, 2016. p. 1-24. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/6932/5460>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SANTOS, Raíssa Nascimento dos. **Jornalismo do Século XXI. Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos.** In: INTERCOM, XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2014, João Pessoa. Anais INTERCOM João Pessoa, 2014. p.11. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **AS BOLAS DA VEZ: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro.** 2012. 40 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SIQUEIRA, Fabiana. Fora das ruas e das redações: A nova rotina produtiva dos repórteres de TV em casa. In: EMERIM, Cálida; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). **A (Re) Invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia.** 1.ed, Florianópolis: Insular, 2020, v.10, p. 135- 148.

SOUZA, Eliane Moreira de. **ELAS NA TV - A PARTICIPAÇÃO DAS JORNALISTAS NAS EMISSORAS DE TELEVISÃO DE UBERLÂNDIA: UMA PERSPECTIVA EM TRÊS TEMPOS.** 2017. 149 f. Tese (Doutorado) - Curso de Gestão Organizacional, Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <file:///D:/Users/lyege.sousa/Downloads/ElasTVParticipa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. Livros. (1 recurso online). ISBN 9788582602324. Disponível em: <https://www.sistemas.ufu.br/biblioteca-gateway/minhabiblioteca/9788582602324>. Acesso em: 25 dez. 2022.